



MÉTODO UM

Níveis da Academia

**CLARIFICADOR DE PALAVRAS
MÉTODO UM HUBBARD**



CONTEÚDO

CHECKSHEET MÉTODO UM	3
SECÇÃO UM:- PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS.....	9
O SEGREDO DOS CURSOS RÁPIDOS	9
BARREIRAS AO ESTUDO	12
OS 3 TIPOS DE ACLARAMENTO DE PALAVRAS.....	16
IDEIAS CONFUSAS.....	19
PALAVRAS SIMPLES	21
DICIONÁRIOS PEQUENINOS	23
SECÇÃO DOIS: AUDIÇÃO BÁSICA.....	24
OS PROBLEMAS DO TRABALHO.....	24
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO	30
FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR	32
ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO.....	34
RECONHECIMENTO DA CORREÇÃO DO SER.....	36
TRs E COGNIÇÕES.....	39
O CÓDIGO DO AUDITOR.....	41
SECÇÃO TRÊS: - ADMIN DE AUDITOR	43
O FOLDER DO PC E O SEU CONTEÚDO	43
SUMÁRIO DO FOLDER	47
RELATÓRIO DO AUDITOR	51
AS FOLHAS DE TRABALHO	54
FOLHAS DE TRABALHO DO AUDITOR	58
IMPRESSO DE EXAME	59
O RELATÓRIO DE EXAME	61
O C/S DO AUDITOR	65
LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO	67
SECÇÃO QUATRO: - RUDIMENTOS.....	70
RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO	70
SESSÃO MODELO	75
CLARIFICAR COMANDOS.....	77
SECÇÃO CINCO: CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	80
CLARIFICAR PALAVRAS	80
OS DIFERENTES TIPOS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS	83
CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	89
ALTERAÇÕES	90
LOCALIZAÇÃO DE PROBLEMAS	91
BIBLIOTECA.....	93
CLARIFICAR ATÉ F/N	94
C/S STANDARD PARA CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM SESSÃO MÉTODO I.....	96
WC1 ESTÁ PRIMEIRO	99
SUPER LETRADO E A PALAVRA CLARIFICADA	100
SECÇÃO SEIS: - CO AUDIÇÃO DE MÉTODO UM	104
DÚVIDAS TÉCNICAS.....	104
COMO DERROTAR A TECH VERBAL	106
TECH VERBAL: PENALIDADES	107
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	108
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA	115
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS.....	117
MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS	119
TREINO de FLUXO RÁPIDO.....	122



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.
HCOPL DE 25 de SETEMBRO DE 1979
Emissão III

CHECKSHEET MÉTODO UM

([CHECKSHEET](#))

Ref.:

HCOPL 25 Set. 79RA II, Re rev. 20.7.83, M1 CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

PROpósito: Treinar os estudantes na capacidade de auditar o Método Um de Clarificação de Palavras e co-auditar até ao fim.

REQUISITOS: Manual Básico de Estudo ou Chapéu do Estudante.

Curso de TRs

O.K. para operar um e-metro.

DURAÇÃO: 1 a 2 semanas, tempo inteiro.

CERTIFICADO: CLARIFICADOR DE PALAVRAS MÉTODO UM HUBBARD

Nome: _____ Org: _____

Data do início: _____ Data da terminação: _____

SECÇÃO UM:- PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS Erro! Marcador não definido.

1. Reestuda o Manual Básico de Estudo. _____
2. [BTB 23 Jun. 71R 1R Rev. 4.11.77, Sér. Clrf Palavras](#)
O SEGREDO DOS CURSOS RÁPIDOS _____
3. [HCOB 25 Jun. 71R 3R Rev. 25.11.74 Ser. Clrf Palavras](#)
BARREIRAS AO ESTUDO _____
4. [BTB 1 Jul. 71I Clrf Palavras Ser. 9 Reemit. 21.9.74 como BTB](#)
OS TRÊS TIPOS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS _____
5. [HCOB 31 Ago. 71R 16R Sér. Clrf Palavras](#) IDEIAS CONFUSAS _____
6. [HCOB 4 Set. 71 III 20 Sér. Clrf Palavras](#), PALAVRAS SIMPLES _____
7. [HCOB 19 Jun. 72 Clrf Palavras Sér. 37 Corr. & Reemit. 3.6.86](#)
DICIONÁRIOS PEQUENINOS _____
8. DEMO EM PLASTICINA: Demonstra o que acontece quando uma pessoa vai além de uma palavra mal-entendida. _____



SECÇÃO DOIS: AUDIÇÃO BÁSICA

1. [PROBLEMAS DO TRABALHO, Cap. 6,](#)
AFINIDADE, REALIDADE E COMUNICAÇÃO
2. [HCOB 23 Maio 71RI Audição Básica Sér. 1R Rev. 4.12.76](#)
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO
3. DEMO: O Ciclo de comunicação em Audição.
4. [HCOB 17 out. 62 Básica Sér. 6](#)
FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR
5. [HCOB 23 Maio 71 X Audição Básica Sér. 9](#)
ADIÇÕES AO CICLO DE COMUNICAÇÃO
6. [HCOB 23 Maio 71RVIII Aud. Bás. Sér.10R Rev. 4.12.74](#)
RECONHECIMENTO DA CERTEZA DO SER
7. DEMO: Thetan, Mente e Corpo. (Usa o Dicionário Técnico.)
8. [HCOB 26 Abr. 71 I TRs E COGNIÇÕES](#)
9. DEMO: Em Sessão.
10. HCO PL 14 Out. 68RA Rev. 19.6.80
[O CÓDIGO DO AUDITOR](#)
11. DEMO: Avaliação.
12. DEMO: Invalidação.
13. AUDIÇÃO: Contata o Supervisor para te por outro estudante a percorrer em ti
Alcançar e Afastar em dicionários e materiais de curso.
14. AUDIÇÃO: Vê o Supervisor que te vai atribuir outro estudante no qual vais
percorrer Alcançar e Afastar em dicionários e materiais de curso.
15. DEMO: Como a audição funciona.

SECÇÃO TRÊS: - ADMIN DE AUDITOR

1. [BTB 3 Nov. 72R Admin Auditor Sér. 3R Reemit. 18.9.74 como BTB](#)
O FOLDER DE PC E O SEU CONTEÚDO
2. AUDIÇÃO: Recebe Alcançar e Afastar nas partes de um folder de pc.
3. AUDIÇÃO: Percorre outro estudante em Alcançar e Afastar nas partes de um
folder de pc
4. [BTB 5 Nov. 72R III Admin de Auditor Ser. 7R Rev. & Reem. 9.9.74 como BTB](#)
- O SUMÁRIO DO FOLDER



5. [BTB 6 Nov. 72R VI Admin de Audit Sér. 13R Rev. & Reemit. 27.8.74](#) como
BTB - O IMPRESSO DE RELATÓRIO DE AUDITOR
6. [BTB 6 Nov. 72R VII Admin de Auditor Sér. 14R Rev. & Reemit. 25.7.74](#) como
BTB - AS FOLHAS DE TRABALHO
7. [HCOB 3 Nov. 71 15 Sér. Admin de Auditor Reemit. 6.11.72](#) (como Sér. Admin
de Auditor)
FOLHAS DE TRABALHO DO AUDITOR
8. [HCO PL 8 Mar 71](#) IMPRESSO DO EXAMINADOR
9. [BTB 6 Nov. 72RA IV 11RA Sér. Admin de Auditor Rev. 20.11.74](#)
O RELATÓRIO DE EXAME
10. [BTB 6 Nov. 72R III 10R Sér. Admin de Auditor Rev. & Reemit. 27.7.74](#) como
BTB - O C/S DO AUDITOR
11. EXERCÍCIO: Localiza cada uma destes impressos num folder de pc, apon-
tando-os para o teu parceiro até poderes fazê-lo facilmente.
12. [HCOB 4 Dez 77](#) - CHECKLIST PARA MONTAR SESSÕES E O E-ME-
TRO
13. EXERCÍCIO: Prepara uma sala para uma sessão.
14. AUDIÇÃO: Recebe Alcançar e Afastar nas partes de montagem da sessão.
15. AUDIÇÃO: Percorre outro estudante em Alcançar e Afastar nas partes de mon-
tagem da sessão. Faz folhas de trabalho.
16. EXERCÍCIO: Completa o Admin do folder e apresenta-o para receber o C/S.
17. EXERCÍCIO: Exercita a montagem de uma sessão e o desfazer da mesma.

SECÇÃO QUATRO: - RUDIMENTOS

1. EXERCÍCIO: Clarifica a palavra Rudimentos.
2. EXERCÍCIO: Clarifica a palavra Quebra de ARC.
3. EXERCÍCIO: Clarifica a palavra Problema de Tempo Presente
4. EXERCÍCIO: Clarifica a palavra Withhold Falhado.
5. EXERCÍCIO: Clarifica a palavra Overt.
6. [HCOB 11 Ago. 78 I](#) RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E LINGUAGEM
7. [HCOB 11 Ago. 78 II](#) - SESSÃO MODELO
8. [HCOB 9 Ago. 78 II](#) - CLARIFICAR COMANDOS



9. EXERCÍCIO: Exercita voar ruds numa boneca até teres a linguagem impecável. _____

10. AUDIÇÃO: Voa ruds noutro estudante em Sessão Modelo, faz o Admin completo e apresenta o folder para receber C/S. _____

11. AUDIÇÃO: Faz várias sessões de ruds conforme descrito acima até que o consigas fazer com facilidade. _____

SECÇÃO CINCO: CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

1. [HCOB 23 Mar 78RA Clrf Palavras Sér. 59RA Rev. 14.11.79](#)
CLARIFICAR PALAVRAS _____

2. [HCOB 1 Jul. 71 Clrf Palavras Sér. 9 Rev. 11.jan.89](#)
OS DIFERENTES TIPOS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS _____

3. EXERCÍCIO: Dá Clarificação de Palavras a outro estudante num HCOB num curso, no E-Metro. Faz o Admin correto. _____

4. [HCOB 24 Jun. 71 Sér. 2Clrf Palavras](#) - CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS _____

5. [HCOB 4 Set. 71 II Sér. 19 Clrf Palavras](#) - ALTERAÇÕES _____

6. [HCOB 13 Set. 71 Sér. 23 Clrf Palavras](#) -
LOCALIZAÇÃO DE PROBLEMAS _____

7. [HCOB 17 Set. 71Sér 24 Clrf Palavras](#) - BIBLIOTECA _____

8. [HCOB 8 Jul. 74R I Sér. 53R Clrf Palavras Rev. 24.7.74](#)
CLARIFICAR ATÉ F/N _____

9. [HCOB 30 Jun. 71R II 8RB Sér. Clrf Palavras Rev. 11.5.72](#)
C/S STANDARD PARA CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM SESSÃO,
MÉTODO UM _____

10. EXERCÍCIO: Exercita os passos de Método Um numa boneca. _____

11. CHECKOUT: Recebe um checkout do Supervisor nos passos de Método Um. _____

12. [HCOB 2 jan. 72 Sér. 30Clrf Palavras](#) - WC1 VEM PRIMEIRO _____

13. [HCOB 7 Set. 74 Sér. 54 Clrf Pal](#)
SUPER ALFABETIZAÇÃO E A PALAVRA CLARIFICADA _____

14. EXERCÍCIO: Procura uma Lista de Correção de Clarificação de Palavras. Se não fores um auditor classificado, não tens que a usar, mas tens que saber que existe e para que serve. _____



SECÇÃO SEIS: - CO AUDIÇÃO DE MÉTODO UM

Neste ponto da checksheet vais co auditar Método Um de Clarificação de Palavras até que ambos, tu e o teu parceiro, tenham completado totalmente o Método Um. Também podes auditar outros em Método Um. Cada sessão tem que ter C/S. O Supervisor e o Admin de Estudante assistir-te-ão.

1. Companheiro de co-audição atribuído e pronto para começar. _____
2. Folder recebe C/S. _____
3. Montagem de sessão feita segundo o HCOB 4 Dez 77. _____
4. Checkout final feito pelo Supervisor de Curso sobre o C/S. _____
5. Audita a primeira sessão de Método Um. _____
6. Completa o teu Admin depois da sessão e faz o C/S para o folder. _____
7. Se houver alguma Folha Rosa ou correção do C/S, fá-la. _____
8. Recebe checkout no próximo C/S. _____
9. Audita a tua próxima sessão de Método Um. _____
10. Quando te estiveres a dar bem, o Supervisor vai rubricar esta linha, significando que não tens que receber um checkout em cada C/S. _____
11. Continua a co-auditar Método Um. _____
12. HCOB 23 Out. 75 - DÚVIDAS TÉCNICAS _____
13. HCO/PL 9 Fev. 79R Sér. 23R KSW Rev. 23.8.84
LISTA DE VERIFICAÇÃO DE COMO DERROTAR TECH VERBAL. _____
14. HCOB/PL 15 Fev. 79 24 Série KSW Reemit. 12.4.83
TECH VERBAL: PENALIDADES _____
15. HCO PL 7 Fev. 65 Série 1KSW Corr. & Reemit. 12.10.85
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR _____
16. HCO PL 14 Fev. 65 Série 4 KSW Reemit. 30.8.80
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA _____
17. HCO PL 17 Jun. 70RB Série 5R KSW Re-rev 25.10.83
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS _____
18. HCO PL 25 Set. 79RA II Rev. 20.6.83,
MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO. DE PALAVRAS _____
19. HCOB 13 Ago. 72RA Rev. 30.8.83
TREINO DE FLUXO RÁPIDO _____



SECÇÃO SETE: COMPLETAÇÃO DE CURSO

1. Eu atesto que completei todos os requisitos deste curso, que não tenho mal-entendidos nos materiais e sei e posso aplicar os materiais.

ESTUDANTE:_____ DATA:_____

2. Eu atesto que este auditor completou os requisitos deste curso, que eu verifiquei e descobri que ele ou ela não tem mal-entendidos nos materiais e que vi evidência adequada da sua capacidade para aplicar os materiais.

SUPERVISOR DE CURSO:_____ DATA:_____

3. Eu atesto que completei o meu próprio Método Um.

ESTUDANTE:_____ SUPER DE CURSO:_____ DATA:_____

4. Eu atesto que completei o meu pc em Método Um.

ESTUDANTE:_____ SUPER DE CURSO:_____ DATA:_____

5. ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE EM C & A

Eu atesto que: (a) Me inscrevi no curso, (b) paguei pelo curso, (c) estudei e comprehendo todos os materiais na checksheet, (d) fiz todos os requerimentos e produzi resultados com Clarificação de Palavras.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

C & A:_____ DATA:_____

6. CERTS E RECOMPENSAS

O Certificado de CLARIFICADOR DE PALAVRAS DE MÉTODO UM HUBBARD é emitido.

C & A:_____ DATA:_____

(Enviar este impresso para o Admin de Curso para arquivar no folder do estudante.)

L. RON HUBBARD

SECÇÃO UM:- PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS

Erro! Marcador não definido.

BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
BTB DE 23 DE JUNHO DE 1971R
Reemitido 24 Novembro 1974 como BTB
Revisto 4 Novembro 1977

Remimeo
Todos os Estudantes
Tech & Qual
Supers de Curso
Checklists de Supers de Curso
Offs de Cramming

Nº1R da Série de Clarificação de Palavras DIRIJA-SE

O SEGREDO DOS CURSOS RÁPIDOS





Não sofra - Dirija-se ao Clarificador de Palavras



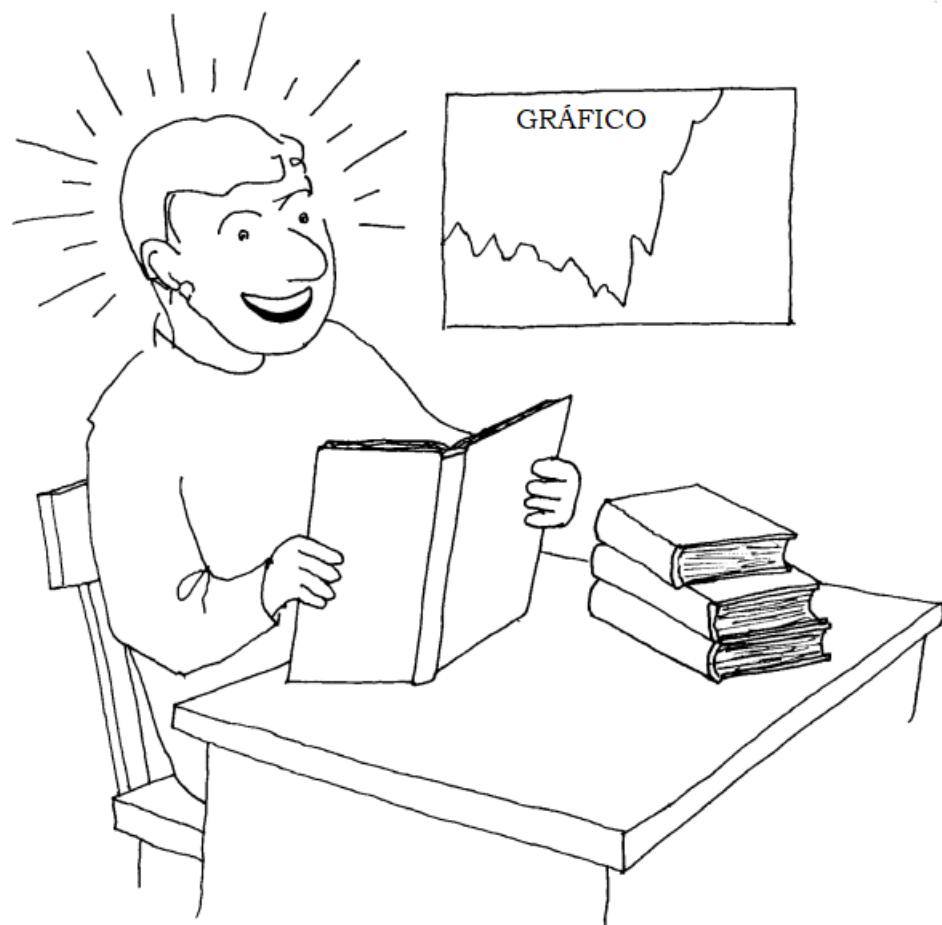
Ele vai ajudá-lo um pouco



Ele vai ajudá-lo muito!

Uma descoberta Fantástica no campo da Educação. - LRH

DEPOIS



“Eu fui ao Clarificador de Palavras!”

E uso também a "Tech de Palavras Mal-Entendidas" quando estudo!

CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS!

“Se for usada os teus cursos começarão a decorrer rapidamente, os teus estudantes começam a aprender depressa e todas as estatísticas a correr bem”.

L. Ron Hubbard
Fundador
Revisão assistida por
Pesquisa Técnica de LRH
e Compilações



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE JUNHO DE 1971R

REV. 25 NOV.74

Remiméo

Tech & Qual

Todos os Estudantes

Supervisores

Curso de Supervisores

Cramming

Clarificadores de Palavras

(Reemitida a 11 de Janeiro de 1989 com uma nota acrescentada para referenciar a conferência de que a emissão foi extraída. Adição em itálico.)

Clarificação de Palavras Série 3R

BARREIRAS AO ESTUDO

(Extraído da conferência de LRH 6408C13 SH Spec. -36, Fita de Estudo 6, ESTUDO E EDUCAÇÃO)

Existem três séries diferentes de reações fisiológicas e mentais que derivam de 3 aspectos diferentes do estudo. São três séries diferentes de sintomas.

(1) Educação na ausência da *massa* na qual a tecnologia estará envolvida, é muito duro para o estudante.

Na realidade isso fá-lo-á sentir-se esmagado. Fá-lo-á sentir-se curvado, como tonto, como se estivesse morto, aborrecido, exasperado.

Se ele está a estudar a *doingness* (saber prático) de qualquer coisa da qual a massa está ausente, o resultado será esse.

As fotografias ajudam e os filmes seriam bastante úteis, pois constituem uma espécie de esperança ou promessa da massa, porém as páginas impressas e as palavras pronunciadas não substituem um trator, se ele está a estudar tratores.

Você tem que compreender estes dados na sua pureza: Isto, que educar uma pessoa numa massa que ela não tem e que não está disponível, produz reações fisiológicas. Isto é o que estou a tentar ensinar-lhe.

É apenas um facto.



Você está a tentar ensinar àquele tipo tudo acerca de tratores - muito bem; ele vai acabar por sentir a cara esmagada, com dores de cabeça e o estômago transtornado. Sentir-se-á tonto de tempos em tempos e com frequência os olhos doer-lhe-ão.

É um dado fisiológico que tem que ver com o processamento e o domínio da mente.

Pode por isso esperar-se a maior ocorrência de suicídios ou doenças no campo da educação dedicada principalmente a estudar massas ausentes.

Isto de estudar alguma coisa sem que a sua massa esteja alguma vez presente produz as reações mais facilmente reconhecíveis.

Se uma criança se sentisse doente na esfera dos estudos e descobrisse tratar-se disto, o remédio positivo seria fornecer a massa - o objeto ou um substituto razoável, e o mal-estar desapareceria.

(2) Há outra série de fenómenos fisiológicos que tem origem no facto de existir um gradiente demasiado íngreme no estudo.

Esta é outra fonte de reações fisiológicas ao estudo, devido a um gradiente demasiado íngreme.

O que acontece neste caso é uma espécie de confusão ou tontura.

Atingiu-se um gradiente demasiado íngreme.

Houve um salto muito alto porque a pessoa não tinha compreendido o que estava a fazer quando saltou para a coisa seguinte; isso foi demasiado alto, e ela andou depressa demais e *atribuirá* todas as suas dificuldades a este novo passo.

Bem, temos que estabelecer diferenças - porque os gradientes se parecem terrivelmente com a terceira destas dificuldades no estudo, as definições - mas lembre-se de que são bastante diversas.

Os gradientes são mais pronunciados no campo da doingness, mas ainda assim ensombram o domínio da compreensão. Nos gradientes, contudo, são as *ações* que nos interessam. Temos um esquema de ações em sequência de movimentos seguidos. Descobrimos que a pessoa ficou terrivelmente confusa na segunda ação que tinha que fazer. Temos que concluir que ela realmente nunca saiu da primeira.

O remédio para isto dos gradientes demasiado íngremes é voltar atrás. Descobre-se onde ela ainda não estava confusa no gradiente e em seguida qual foi a ação nova que iniciou. Descubra as ações que ela compreendeu bem. Logo antes de estar confusa, o que foi que compreendeu bem - e em seguida encontraremos o que ela não tinha compreendido bem.

É realmente no fim do que compreendeu que saltou o gradiente, compreende.

É muito fácil de reconhecer e de aplicar no domínio da doingness.

Esta é a barreira dos gradientes, acompanhada por uma série completa de fenómenos.

(3) Existe uma terceira barreira. Uma série de reações fisiológicas completamente diferente é a ocasionada por uma definição ultrapassada. Uma definição ultrapassada dá-nos uma sensação nítida de estar em branco ou de esgotamento. Seguem-se a estas uma sensação de não estar ali e uma espécie de histeria nervosa.

A manifestação de (deserção) tem origem neste 3º. aspetto do estudo que é a definição mal compreendida ou não compreendida, ou a *palavra não definida*.

É isto que ocasiona as deserções.

A pessoa não necessariamente deserta devido às duas outras barreiras - elas não são acentuadamente fenómenos de deserção. São simples fenómenos fisiológicos.

Mas isto da definição mal-entendida é muito mais importante. É o ingrediente das relações humanas, da mente e dos assuntos. Estabelece as aptidões e a falta de aptidões e é do que os psicólogos têm estado a tentar testar há anos sem reconhecer o que era.

É a definição de palavras.

A palavra mal-entendida.

É a origem de tudo, que produz um vasto panorama de efeitos mentais e que é o fator principal implicado na estupidez e o fator principal de muitas outras coisas.

Se uma pessoa não tivesse mal-entendidos o seu *talento* poderia estar ou não presente, mas a sua *doingness* estaria presente.

Não podemos dizer que o João pintaria tão bem como o Pedro se ambos não estivessem aberrados no domínio da arte, mas podemos dizer que a *incapacidade* do João para pintar comparada com a *capacidade* do João para executar os movimentos de pintar depende única e exclusivamente de definições - única e exclusivamente de definições.

Existe alguma palavra no campo da arte que a pessoa inapta não definiu ou não compreendeu e isto foi seguido de uma incapacidade para agir no campo das artes.

Isto é muito importante porque nos explica o que aconteceu à *doingness* e que a recuperação da *doingness* depende apenas da restauração da compreensão das palavras mal-entendidas - as definições mal-entendidas.

Este processamento é muito rápido. Há um resultado muito vasto e rápido a obter dele.

Tem uma tecnologia que é uma tecnologia muito simples.

Faz parte dos níveis inferiores porque tem que ser assim. Isto não significa que seja pouco importante, mas sim que tem que estar nas portas de entrada da Cientologia.

É uma descoberta fantasticamente arrebatadora no campo da educação e não a negligencie.

Pode descobrir a origem da estupidez de uma pessoa num ou em qualquer assunto ligado a esse e que se misturou com ele. O psicólogo não comprehende a Cientologia. Ele nunca comprehendeu uma palavra de psicologia, por isso não comprehende Cientologia.



MÉTODO UM

Bem, isto abre a porta à Educação. Embora tenha dado esta barreira da definição mal-entendida no fim, ela é a mais importante.

L. Ron Hubbard

Fundador

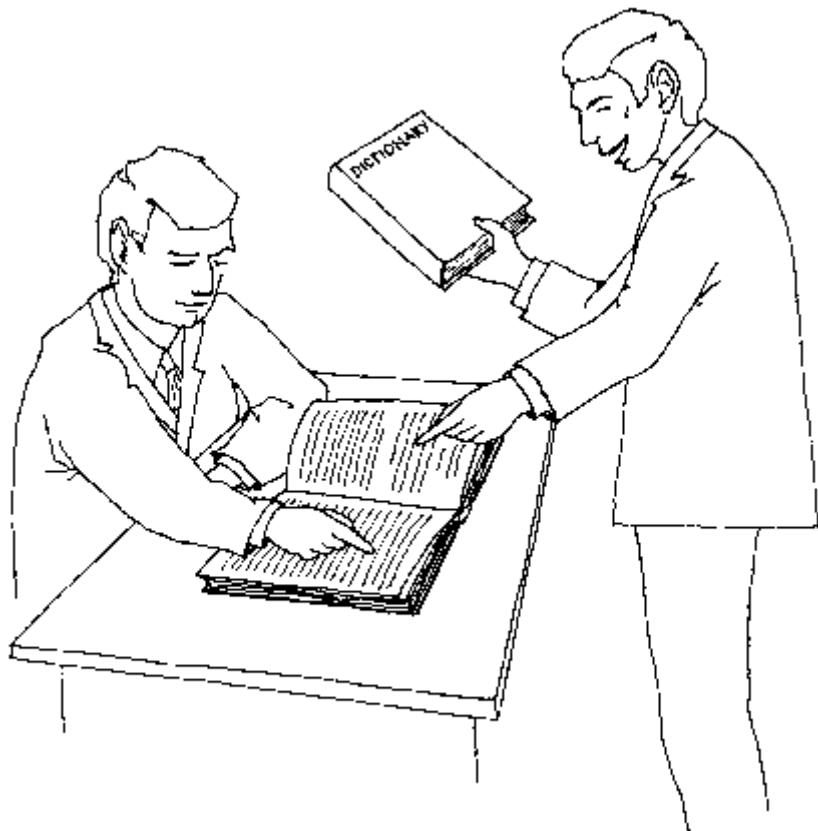
BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
1 DE JULHO DE 1971
EMISSÃO I
REEMITIDO 21 SETEMBRO 1974 COMO BTB

Remimeo
Tech & Qual
Estudantes
Supervisores
Checklists de
Supervisores
Checklists de
Cramming Off
Clarificadores de Palavras

CANCELA
HCOB 1 Jul. 71 I
MESMO TÍTULO

Nº9 da Série sobre Clarificação de Palavras

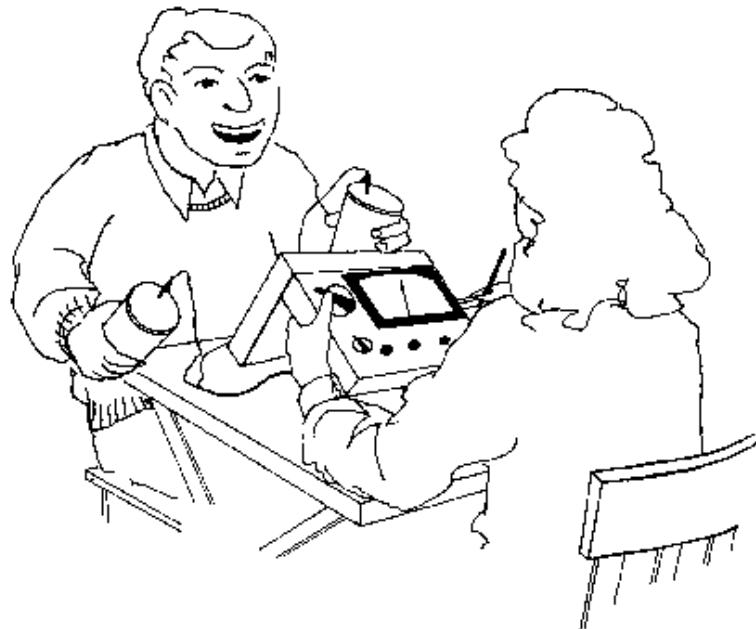
OS 3 TIPOS DE ACLARAMENTO DE PALAVRAS



“Verbal na Sala de Aula: O estudante diz que não comprehende alguma coisa. O Supervisor fá-lo ver mais atrás no texto e procurar uma palavra mal-entendida, faz com que o estudante a clarifique, a utilize verbalmente em várias frases por ele inventadas e que depois leia de novo o texto onde ela estava integrada. Depois continua a ler até à zona que não comprehendia.” LRH (HCOB 24 de Junho de 71, WC Series 2 CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS)



“Na sala de aula com E-Metro: A passagem anterior do texto é lida pela estudante ao E-Metro e a palavra mal compreendida é encontrada. É então totalmente clarificada com um dicionário. A palavra é então usada verbalmente várias vezes em frases feitas pelo estudante. A passagem mal compreendida é então voltada a ser lida até ser compreendida.” LRH (HCO B 24 Junho 71, WC Series 2, CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS)



“Em Sessão com E-Metro: É feito um assessment de muitos, muitos assuntos. O *auditor* apanha então cada assunto com leitura e limpa a cadeia até palavras anteriores e /ou palavras em assuntos anteriores até obter uma F/N VGIs.” LRH (HCO B 24 Junho 71, WC Series 2, CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS)

LRH.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

St Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOB 31 DE AGOSTO DE 1971R

Revisto

Remimeo

Clarificação de Palavras Série 16R

IDEIAS CONFUSAS

Sempre que uma pessoa tem uma ideia confusa acerca de algo ou acredita que há algum conflito de ideias
É SEMPRE VERDADE QUE EXISTE UMA PALAVRA MAL ENTENDIDA NO FUNDO DESSA CONFUSÃO.

Exemplo: "Simplesmente não consigo compreender esta ideia das forças opostas. Acho que tudo isto deveria ser refraseado e..."

Clarificador de Palavras de Método 2: "Há aí alguma palavra que não compreendas?" LEITURA! ESTUDANTE: "Oh, não, eu comprehendo todas as palavras. É..." Qual é a palavra que está a ter leitura no meter?" "Er... ah... Forças?" "Sim, isso tem leitura e BD. Procura-a." Oh, não, eu sei o que é que significa. É a ideia de que..." "Vamos procurá-la!" "Bom, está bem. Vejamos D... E... F... FO... FORÇAS. Aqui está. 'Aquila que muda o movimento de um corpo sobre o qual atua.'" CLARIFICADOR DE PALAVRAS: "Utiliza-a numa frase várias vezes." O estudante fá-lo. "... er... ah. Já sei. Meu Deus, eu pensava que significava brutalidade policial! Não conseguia compreender porque é que duas forças da polícia lutariam uma com a outra!" Clarificador de Palavras: "Como é que te sentes agora acerca da ideia de forças opostas?" "Ora, vejamos. Bem, isso é bastante claro. É como se eu nunca o tivesse lido anteriormente!" METER: F/N.

Todo o corpo verde de estudantes vai discutir e fazer barafunda acerca das ideias ou confusões nas instruções ou materiais que eles recebem para ler.

Eles vão gerar ideia esquisitas e conceitos erróneos daquilo que o texto diz. Eles fazem coisas erradas e dizem que o texto dizia para o fazerem. Eles pedem ideias estranhas aos seus instrutores. Eles clamam por "clarificações".

E NO FUNDO DE TUDO ISTO ENCONTRAM-SE SIMPLESMENTE PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS.

Não existem também ideias mal-entendidas. Só a palavra mal-entendida é que então cria ideias erradas monstruosas e de grandes dimensões.

UMA PALAVRA MAL-ENTENDIDA GERA IDEIAS ESTRANHAS.



MÉTODO UM

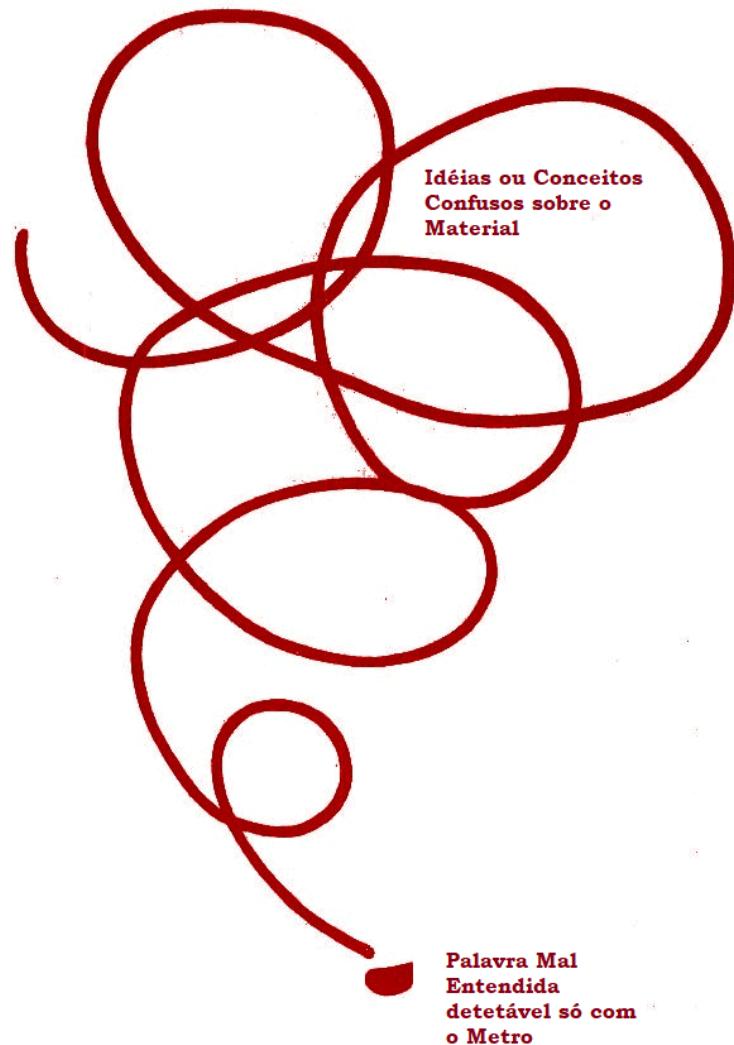


Imagen da Mente de um
Estudante

Idéias ou Conceitos
Confusos sobre o
Material

Palavra Mal
Entendida
detetável só com
o Metro

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 4 DE SETEMBRO DE 1971
Emissão III

Remimeo

Clarificação de Palavras Série 20

PALAVRAS SIMPLES

Poderia supor-se à primeira vista que as palavras GRANDES ou técnicas são as mais mal-entendidas.

NÃO é o caso.

Segundo testes reais, foram as palavras simples da língua e NÃO os termos de Dianética e Cientologia que impediram a compreensão.

Por qualquer razão, as palavras de Dianética e Cientologia são mais fáceis de captar do que as da linguagem simples.

Palavras como “um”, “o”, “existir”, “tal” e outras palavras que “toda a gente sabe” surgem com grande frequência no Método 2 de Clarificação de Palavras. Elas dão leitura.

É necessário um dicionário GRANDE para definir totalmente estas palavras simples. Outra coisa curiosa é que os dicionários pequenos também supõem que toda a gente as sabe.

É quase incrível ver que um licenciado atravessou anos e anos de estudo de assuntos complexos sem, contudo, saberem o significado de “ou”, “por” ou “um”. Só visto. Contudo, quando limpo, toda a sua educação se transforma de uma massa sólida de pontos de interrogação, numa visão clara e útil.

Um teste feito uma vez em Johannesburg a crianças da escola indicou que a Inteligência DIMINUÍA a cada novo ano escolar!

A solução desta charada foi simplesmente que em cada ano elas acrescentavam mais algumas dúzias de palavras mal-entendidas, graças a um vocabulário já de si confuso que ninguém jamais tinha feito clarificar.

A estupidez é efeito de palavras mal-entendidas.

Nas áreas que causam ao Homem as maiores perturbações encontraremos as maiores alterações aos factos, as ideias mais confusas e contraditórias e, é claro, o maior número de palavras mal-entendidas. Veja, por exemplo, a palavra “economia”.

O assunto da psicologia começa, nos seus textos, por dizer que não se sabe o que a palavra significa. Portanto o assunto em si mesmo nunca foi iniciado. O Professor Wundt, da Universidade de Leipzig, em 1879, perverteu o termo. Na verdade, significa apenas “um estudo (logia) da alma (psique). Mas Wundt, que trabalhava sob as vistas de Bismarck, o maior dos fascistas militares Alemães que, no apogeu das ambições guerreiras Germânicas,



teve que negar que o homem possuísse uma alma. Portanto lá se foi todo o assunto! Os homens, daí em diante, eram animais (está certo matar animais), e o Homem não tinha alma, pelo que a palavra psicologia já não podia ser definida.

A PRIMEIRA PALAVRA MAL-ENTENDIDA NUM ASSUNTO É A CHAVE DOS MAL-ENTENDIDOS POSTERIORES NESSE MESMO ASSUNTO.

“HCOB” (Boletim do Gabinete de Comunicações Hubbard), “Remimeo” (as Orgs que recebem isto devem copiá-lo e distribui-lo ao pessoal), “TR” (Exercício de Treino), “Emissão I” (primeira emissão da data), são os mal-entendidos mais comuns, porque ocorrem no início de um HCOB!

Em seguida vêm palavras como “um”, “o”, e outras palavras simples da língua materna que com mais frequência dão leitura.

Ao estudar uma língua estrangeira descobre-se muitas vezes que as palavras da nossa própria gramática, que explicam a gramática da língua estrangeira, são fundamentais na incapacidade de aprender essa língua.

O teste de compreensão de uma palavra é: “reage no E-Metro como uma queda quando a pessoa lê a palavra no material que está a ser clarificado?”

O facto de a pessoa *dizer* que sabe o significado de uma palavra *não* é aceitável. Manda-a clarificá-la, por mais simples que seja.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 19 DE JUNHO DE 1972 R

Remimeo

DICIONÁRIOS PEQUENINOS

Ao aprender o significado das palavras, os dicionários pequenos são muitas vezes um risco maior do que são uma ajuda.

Os significados que dão são muitas vezes circulares: "GATO: Um animal", "ANIMAL: Um gato" Eles não dão uma definição suficiente para que se possa escapar ao círculo.

Os significados dados são frequentemente insuficientes para se obter um conceito real da palavra.

As palavras são poucas e até mesmo palavras comuns estão por vezes ausentes.

Os Dicionários GIGANTESCOS também podem ser confusos, pois as palavras que usam nas definições são muitas vezes demasiado grandes ou demasiado raras e obrigam a fazer uma perseguição através de 20 novas palavras para se obter o significado da original.

Os melhores dicionários são os grandes para crianças como o THE WORLD BOOK DICTIONARY (Um Dicionário da Thorndike-Barnhart publicado exclusivamente para Field Enterprises Educational Corporation, Mart Plaza, Chicago, Illinois 60654 ou Doubleday and Company. A Thorndike-Barnhart tem toda uma série de dicionários de que este é especial. A Field Enterprises tem escritórios em Chicago, Londres, Roma, Sydney, Toronto. O Dicionário World Book é em dois volumes, cada um com 28,5 cm [11 1/4 polegadas] por 22 cm [8 5/8 polegadas] por 5,8 cm [2 1/4 polegadas], por isso não é um pequeno dicionário!) (Também define Dianética corretamente e não está determinado num curso de propaganda para reeducar o público ao contrário de dicionários como os Merriam Webster.)

Dicionários tipo livrinhos de bolso podem ter a sua utilidade para viajar e ler jornais, mas põem realmente as pessoas em dificuldades. Vi pessoas a encontrarem neles uma palavra e, em seguida, olharem em volta em confusão total. Parque o pequeno dicionário não dava o significado completo ou o segundo significado que eles realmente precisavam.

Assim, o pequeno dicionário pode caber no seu bolso, mas não na sua mente.

L. RON HUBBARD
Fundador

SECÇÃO DOIS: AUDIÇÃO BÁSICA

OS PROBLEMAS DO TRABALHO

Cap. VI – Afinidade, Realidade e Comunicação

Há três fatores em Cientologia que são os mais importantes no controlo da vida. Estes três fatores respondem às perguntas: Como devo falar às pessoas? Como posso vender coisas às pessoas? Como posso dar novas ideias às pessoas? Como posso descobrir o que as pessoas estão a pensar? Como posso melhorar o meu trabalho?

Em Cientologia chamamos a estes fatores o triângulo ARC. Chama-se triângulo porque tem três pontos relacionados uns com os outros. O primeiro destes pontos é a afinidade. O segundo é a realidade. O terceiro e o mais importante é a comunicação.

Estes três pontos estão intimamente relacionados. Por afinidade entendemos a resposta emocional. Queremos dizer a sensação do afeto ou da falta dele, da emoção agradável ou não, ligada à vida. Por realidade entendemos os objetos sólidos, as coisas *reais* da vida. Por comunicação entendemos o intercâmbio de ideias entre dois polos. Sem afinidade não há realidade ou comunicação. Sem realidade não há afinidade ou comunicação. Sem comunicação não há nem afinidade nem realidade. Então, estas são afirmações gerais, mas no entanto muito valiosas e válidas.

Já alguma vez tentou falar com um homem zangado? A comunicação de um homem zangado está num nível tal de desequilíbrio que afasta qualquer contacto. Por conseguinte, o seu fator de comunicação é muito baixo, não obstante muito ruidoso. Ele está a tentar destruir alguma coisa ou qualquer outro contacto, por isso a sua realidade é muito pobre. Da mesma maneira, a causa da sua ira não é aparentemente o que o irrita. Um homem zangado não é verdadeiro.

Assim, pode-se dizer que a sua realidade, mesmo quando pretende expressar-se, é pobre.

Deve haver uma boa afinidade (o que significa afeição) entre duas pessoas antes de serem muito reais uma com a outra (e realidade deve aqui ser usada como uma graduação, com algumas coisas mais reais do que outras). Deve haver boa afinidade entre duas pessoas antes de elas poderem falar entre si com verdade ou confiança. Antes de duas pessoas poderem ser sinceras uma com a outra deve haver alguma comunicação entre elas. Devem pelo menos verem-se, o que já é uma forma de comunicação. Antes de duas pessoas poderem sentir qualquer afinidade entre elas devem até certo ponto ser sinceras.

Estes três termos estão interligados, e quando um falha os outros dois falham também. Quando um aumenta os outros aumentam também. É apenas necessário melhorar um vértice deste precioso triângulo em Cientologia para melhorar os dois restantes. Basta melhorar dois vértices do triângulo para melhorar o terceiro.

Para vos dar uma ideia de uma aplicação prática disto, temos o caso de uma jovem que abandonou a casa dos pais e estes juraram que nunca mais lhe falariam. A rapariga, como empregada num escritório, estava bastante desesperada e executava mal o seu trabalho. Um Cientologista, que lhe prestou atenção a pedido do gerente, marcou-lhe uma consulta e descobriu que os pais ficaram tão zangados com a sua saída que nunca mais queriam comunicar com ela. Eles mostraram-se tão chocados com a sua recusa (na realidade a sua incapacidade) de continuar uma carreira como pianista, para a qual a tinham treinado com grandes despesas, que «dai lavaram as suas mãos», e o desentendimento forçou-a a sair de casa para longe. Desde essa altura não comunicaram mais com ela, mas falaram com pessoas que a conheciam da vizinhança em termos bastante duros em relação a ela. Num estado de espírito destes, desde que ela se encontrava intimamente comprometida com os pais e desejava estar nas melhores relações com eles, não conseguia

trabalhar. O seu fracasso no trabalho estava bloqueando a sequência de comunicação no seu próprio escritório. Por outras palavras, a sua afinidade era muito baixa e a sua realidade das coisas era muito baixa também, dado que se podia dizer estar distraída a maior parte do tempo, e portanto as comunicações que passavam pelas suas mãos eram igualmente baixas e bloqueavam completamente outras linhas de comunicação no escritório, e é nesta altura que este assunto se toma de muito interesse para o gerente. Assim, o que normalmente aconteceria no mundo do trabalho era o gerente ter de despedi-la e procurar outra rapariga. Mas na altura era difícil recrutar pessoal e o gerente sabia que poderia fazer algo por ela. Chamou um Cientologista.

Como o Cientologista conhece bem este triângulo ARC, fez a coisa mais comum para um Cientologista – o que aparentemente resultou em pleno no que se refere à rapariga. Ele disse-lhe que devia escrever aos pais – independentemente do facto de lhe responderem ou não – e ela assim fez. Naturalmente não houve resposta. Por que razão não houve resposta dos pais? Bem, como a rapariga lhes desobedeceu e saíra do seu controlo, aparentemente não estava mais em contacto com eles. Estes pais não a consideravam real. Na realidade, ela não existia em relação aos pais. Eles tinham-no afirmado a si próprios. Tentaram na verdade tirá-la das suas vidas desde que ela constituiu um desapontamento. Portanto, não sentiam qualquer emoção por ela, a não ser talvez uma espécie de apatia. Foram incapazes de controlá-la, e assim ficaram insensíveis em relação a ela, desde que tinham falhado em controlá-la. Nesta fase, os pais estavam numa apatia mal humorada em relação a ela e era como se não existisse para eles. Na realidade, como eles a tinham iniciado numa carreira que não podia completar, a rapariga não podia ter sido muito real para eles, pois a carreira excedia, sem dúvida alguma, as capacidades dela. Assim, o Cientologista levou-a a escrever uma carta. Esta carta apontava, como se diz em Cientologia, «bons caminhos e bom tempo». A rapariga dizia que estava a trabalhar em tal cidade, que o tempo estava bom, que estava passando bem e esperava que ambos estivessem também bem, e mandava-lhes saudades. Cuidadosamente, a carta não tocava nos problemas ou atividades antes da sua saída de casa. O “A” da carta, a afinidade, era muito elevado; o “C” estava presente. O que o Cientologista estava a tentar fazer era estabelecer o “R” da realidade: a realidade da situação de a rapariga estar numa outra cidade e a verdadeira realidade da sua existência no mundo. Ele sabia que ela se sentia comprometida com seus pais e que se eles não a consideravam real, ela não existia para si própria. Obviamente que os pais não responderiam a esta primeira carta, mas o Cientologista levou a rapariga a escrever novamente.

Após quatro cartas, todas elas dizendo mais ou menos a mesma coisa e ignorando completamente a ideia de que não tinha havido qualquer resposta, veio subitamente uma carta da mãe, na qual se mostrava zangada, não com a rapariga mas com uma das suas antigas amigas. A rapariga, orientada, foi ajudada pelo Cientologista, que não lhe permitiu explodir por meio da linha de comunicação, mas persuadi-la a escrever uma carta surpreendida e agradável, expressando a sua felicidade por ter recebido notícias da mãe. Após estas duas cartas veio uma do pai e outra da mãe, ambas muito afetuosas, esperando que ela estivesse bem. É claro que a rapariga lhes responderia muito alegremente, e isto teria sido completamente conciliador se o Cientologista a tivesse autorizado. Em vez disso, escreveu a cada um deles uma carta agradável, e em resposta recebeu mais duas, ambas felicitando-a muito por ter arranjado um emprego e encontrado uma coisa na qual se estava realizando, pedindo-lhe que dissesse para onde gostaria que lhe mandassem as suas roupas e mesmo uma pequena quantia para a ajudar a manter-se na cidade. Os pais já tinham começado a planejar a nova carreira da filha, que estava na ordem direta do que a rapariga podia fazer na vida – esteno-dactilografia.

Com certeza que o Cientologista sabia exatamente o que iria acontecer. Sabia que a sua afinidade e realidade regressariam e a realidade, a afinidade e o poder de comunicação da rapariga no escritório voltariam tão cedo esta situação fosse resolvida. Ele utilizou a comunicação, expressando afinidade, e isto, é claro, como acontece sempre, produziu o efeito. O trabalho da rapariga subiu, começou a progredir, e agora que a sua sensação de realidade estava suficientemente elevada, tornou-se na realidade uma empregada muito valiosa.

Provavelmente a razão pela qual o triângulo ARC esteve tanto tempo por descobrir foi o facto de uma pessoa que num estado de apatia reage através de vários estados. Estes estados são bastante uniformes; um segue o próximo, e as pessoas animam-se *sempre* através destes estados, um após outro: estes são os

estados de afinidade, e a escala dos estados emocionais da dianética e Cientologia é provavelmente a melhor forma possível de predizer o que vai acontecer em seguida ou o que a pessoa realmente irá fazer.

A escala de estados emocionais começa bastante abaixo da apatia. Por outras palavras, uma pessoa não sente qualquer emoção acerca de um assunto qualquer. Um exemplo disto foi a atitude americana relativa à bomba atómica; algo acerca disto e que devia ter sido muito preocupante estava tão longe da sua capacidade de controlar como de acabar com a vida que ficaram abaixo da apatia em relação a isso. Nem tão-pouco sentiram que estavam perante um grande problema. Os Americanos que atuaram neste caso particular, tiveram de ser manipulados durante mais tempo, até começarem a sentir-se apáticos acerca da bomba atómica. Isto foi realmente um avanço sobre o sentimento de qualquer não emoção de um assunto que os devia ter preocupado intimamente. Por outras palavras, em muitos assuntos e problemas, as pessoas estão realmente bem abaixo da apatia. Então a escala de estados emocionais começa numa completa e inútil inação muito abaixo da própria morte. Subindo nessa escala encontramos o nível da morte física, a apatia, o desgosto, o medo, a ira, o antagonismo, o aborrecimento, o entusiasmo e a serenidade, por esta ordem. Há muitas pequenas graduações entre estes estados, mas conhecendo-se tudo acerca dos seres humanos, deve conhecer-se forçosamente estas emoções particulares. Uma pessoa que está em apatia, à medida que o seu estado melhora, sente-se magoada. Uma pessoa magoada, à medida que o seu estado aumenta, sente medo. Uma pessoa com medo, à medida que o seu estado aumenta, sente hostilidade. Uma pessoa hostil, à medida que o seu estado aumenta, sente antagonismo. Quando uma pessoa aborrecida aumenta o seu estado, fica entusiasmada. Quando uma pessoa entusiasmada aumenta o seu estado, sente serenidade. Na realidade, o nível baixo da apatia é tão baixo que constitui um estado de espírito e não afinidade, não emocional, sem problemas, sem consequências, em coisas que na realidade são muito importantes.

A área abaixo da apatia é uma área sem dor, sem interesse, sem existência ou outra coisa qualquer que não interesse a ninguém, mas é uma área de perigo sério desde que se está abaixo do nível de ser capaz de responder a qualquer coisa e possa consequentemente perder tudo sem aparentemente o notar.

Um trabalhador que está numa condição muito má e que está realmente numa dependência para a organização, pode não ser capaz de sentir a dor ou qualquer emoção sobre o que quer que seja. Está abaixo da apatia. Temos visto trabalhadores que se ferem na mão e que acham que não é nada e continuam a trabalhar ainda que a mão esteja bastante ferida. As pessoas que trabalham em postos de socorros, em áreas industriais, ficam algumas vezes muito surpreendidas ao descobrirem que alguns trabalhadores ligam tão pouco aos seus próprios ferimentos. É espantoso que as pessoas que não ligam aos seus ferimentos e que nem sequer sentem dores causadas por eles, não sejam nem nunca serão eficientes sem a atenção de um Cientologista. São dependentes, a manter. Não reagem devidamente. Se uma dessas pessoas estivesse a trabalhar com uma grua e esta subitamente se avariasse e descarregasse a sua carga sobre um grupo de homens, aquele operador da grua, sub-apático, deixaria simplesmente que a grua largasse a sua carga. Por outras palavras, ele é um assassino potencial. Não consegue parar coisa nenhuma, não consegue mudar nada e não consegue iniciar seja o que for e, no entanto, numa base de resposta automática, consegue tempo para manter um emprego, mas no instante em que uma verdadeira atitude de emergência se lhe depara não tem capacidade de reagir e resultam os acidentes. Os acidentes que ocorrem na indústria provêm dessas pessoas que se encontram num estado emocional de sub-apatia. Os erros que se cometem em escritórios e que custam às empresas grandes somas de dinheiro, tempo perdido e que causam ainda dificuldades pessoais provêm quase sempre dessas pessoas em sub-apatia. Portanto, não pensem que qualquer destes estados de ser-se incapaz de sentir, de estar entorpecido, de ser insensível à dor ou à alegria traz qualquer vantagem. Não. Uma pessoa que se encontra nestas condições não pode controlar as coisas e na realidade não se encontra em condições de ser suficientemente controlado por alguém e faz coisas estranhas e imprevisíveis.

Assim como uma pessoa pode estar em sub-apatia crónica, também outra pode estar em apatia. Isto é bastante perigoso, mas pelo menos manifesta-se. Somente quando somos apanhados na apatia, temos o começo do triângulo ARC a manifestar-se e a tomar-se visível.

É de esperar comunicação da própria pessoa, não ‘vinda do seu outro eu’ ou de reflexos condicionados. As pessoas podem estar permanentemente numa sensação de dor, de medo, de ira, em antagonismo, ou em aborrecimento, ou podem realmente estar «plenas de entusiasmo».

Uma pessoa que é verdadeiramente capaz é normalmente bastante serena quanto às coisas. Pode, no entanto, expressar outras emoções. É um erro supor que a serenidade total tenha algum valor real. Quando uma situação que exige lágrimas não pode ser chorada é porque esse alguém não sente a serenidade como um estado emocional normal. A serenidade pode ser confundida muito facilmente com a sub-apatia, mas obviamente apenas por um mau observador. Basta um olhar para as condições físicas da pessoa para distinguir. As pessoas que se encontram em sub-apatia estão normalmente muito doentes.

Tal como temos uma escala de estados emocionais cobrindo o tema da afinidade, assim temos uma para a comunicação. Ao nível de cada emoção temos um fator de comunicação. Um indivíduo que se encontre num estado de sub-apatia não comunica de modo nenhum. Alguns estímulos sociais ou reflexos condicionados ou como dizemos, «do seu eu», são comunicação.

A própria pessoa não parece estar aí e na realidade não está a falar. Por conseguinte, as suas comunicações são no mínimo bastante estranhas e comete erros na altura imprópria. Naturalmente que quando uma pessoa se agarra a qualquer das ondas da escala de estados emocionais (sub-apatia, mágoa, medo, ira, antagonismo, aborrecimento, entusiasmo ou serenidade), a sua voz comunica com tal estado emocional. A pessoa que está sempre zangada por alguma coisa, permanece em ira. Tal pessoa não está tão mal como em sub-apatia, mas continua a ser bastante perigosa a sua companhia, pois ocasionará problemas, e uma pessoa que está zangada não tem um bom controlo das coisas. As características de comunicação das pessoas nestes vários níveis da escala de estados emocionais são bastante fascinantes. Dizem coisas e manuseiam a comunicação de uma forma característica especial para cada nível da escala de estados emocionais.

Tal como em afinidade e comunicação, há um nível de realidade para cada um dos níveis de afinidade. A realidade é um tema muitíssimo interessante desde que na generalidade tenha algo a ver com a verdade relativa. Por outras palavras, a veracidade das coisas e o estado emocional das pessoas têm uma relação estabelecida.

As pessoas nos escalões inferiores da escala de emoções não podem tolerar as verdades. Não podem tolerar uma realidade. A coisa não é real para elas; é estreita ou tem falta de peso. À medida que as pessoas sobem na escala, o mesmo objeto toma-se mais e mais real e podem finalmente vê-lo no seu verdadeiro nível de veracidade. Por outras palavras, estas pessoas têm uma reação definida à concentração a vários pontos da escala. Para elas, as coisas são claras ou muito, muito obscuras. Se você pudesse ver através dos olhos de alguém em sub-apatia, observaria sem dúvida um mundo verdadeiramente líquido, sem profundidade, sonhador, nebuloso, irreal. Se olhar através dos olhos de um indivíduo zangado, verá um mundo ameaçador, onde todas as verdades refletem uma brutalidade, mas ainda não seriam suficientemente verdadeiras ou suficientemente reais ou visíveis para alguém que se encontre em condições normais. Uma pessoa serena pode ver as verdades tal como são, tão claras como são, e pode tolerar um enorme peso ou veracidade sem reagir. Por outras palavras, à medida que se sobe na escala de emoções a partir do ponto mais baixo até ao mais elevado, as coisas podem apresentar-se mais e mais verdadeiras, cada vez mais reais.

A afinidade está mais de perto relacionada com o espaço. Na verdade, a afinidade poderia ser definida como a «consideração da distância» desde que os extremos que estão muito afastados ou muito juntos tenham diferentes reações de afinidade recíprocas. A realidade, tal como vimos, está mais intimamente ligada com a verdade. A comunicação consiste de um fluxo de ideias ou partículas através do espaço entre as verdades.

Embora estas definições possam parecer muito elementares e não satisfaçam de modo nenhum um professor, na realidade ultrapassam e rodeiam todo o campo de atividade do professor. As verdades não têm de ser complicadas.

Há, como se tem largamente descrito e estudado com considerável profundidade em Cientologia, muitas inter-relações de espaços e verdades, e ideias ou partículas, pois estas são as coisas mais íntimas para a

própria vida e incluem o universo que nos rodeia. Mas a coisa mais básica que devíamos conhecer a respeito do triângulo ARC é simplesmente o estado emocional que é a afinidade, a existência das coisas que é a realidade, e a capacidade relativa de comunicação que lhes diz respeito.

Os homens que conseguem executar coisas num ponto muito elevado no que respeita a afinidade, são muito elevados em termos de verdade e são muito capazes em termos de comunicação. Se você desejar medir as diversas capacidades deles, deverá estudar o assunto mais profundamente. Há um livro sobre este triângulo cujo título é *A Ciência da Sobrevida*.

Então como deveria falar com um homem? Você não pode falar adequadamente a um homem se você estiver num estado de sub-apatia. De facto não falaria com ele de maneira nenhuma. Teria de possuir um pouco mais de afinidade do que a necessária para discutir com alguém. A sua capacidade de falar com um determinado homem tem algo a ver com a sua resposta emocional. Cada um tem respostas emocionais diferentes para as diferentes pessoas que o rodeiam. Dado que dois terminais ou, digamos, duas pessoas estão sempre envolvidas em comunicação, pode-se verificar que a outra pessoa teria de ser algo real. Se uma pessoa não se importa de modo nenhum com os outros, terá de certeza uma grande dificuldade em lhes falar. A maneira de falar com um homem será então descobrir nele algo que apreciemos e discutir com ele um assunto com o qual ele possa concordar. Esta é a ruína da maioria das ideias mais novas. Se discutirmos assuntos com os quais a outra pessoa não tenha qualquer afinidade, chegamos a um beco sem saída relativamente à realidade.

Aquilo com que concordamos tende a ser mais real do que aquilo com que não concordamos. Há uma ordenação definida entre concordância e realidade. São reais aquelas coisas com que concordamos. Não são reais as coisas com as quais não concordamos. As coisas com as quais não concordamos tem para nós muito pouca realidade. Uma experiência baseada nisto seria mesmo uma discussão cômica entre dois homens na presença de um terceiro. Os dois concordam em algo com que o terceiro não pode concordar. O terceiro homem cairá num estado emocional e torna-se menos real aos dois com os quais discute.

Como pode falar então a um homem? Você estabelece a realidade descobrindo alguma coisa com a qual ambos concordam. então experimenta manter tão elevado quanto possível o nível de afinidade ao saber que há algo nele de que pode gostar. É então capaz de conversar com ele. Se não tem as duas primeiras condições é quase certo que a terceira não surgirá, o que quer dizer que não poderá falar com ele facilmente.

Ao utilizar o triângulo ARC, você deve compreender que os estados emocionais, uma vez mais, progridem favoravelmente à medida que a comunicação começa a desenvolver-se. Por outras palavras, alguém que tem estado completamente indiferente em relação a nós, está sujeito a zangar-se connosco. Se você puder simplesmente persistir através da sua fúria, ele sentirá apenas antagonismo, a seguir o aborrecimento e finalmente o entusiasmo e um perfeito nível de comunicação e de entendimento. Os casamentos desfazem-se simplesmente devido a uma falha de comunicação, por causa de uma falha de realidade e afinidade. Quando a comunicação começa a falhar, a afinidade começa a decair. As pessoas têm segredos entre si e a afinidade cai pela base.

Da mesma forma, num escritório ou numa empresa, é perfeitamente fácil determinar aquelas pessoas que não procedem no melhor interesse da firma, dado que tais pessoas vão gradualmente, e algumas vezes não tanto, saindo da comunicação da empresa. O seu estado emocional para com os seus superiores e os que o rodeiam começa a decair e finalmente desaparece.

Como se pode ver, o triângulo ARC está intimamente ligado com as capacidades de controlar e uma capacidade para deixar não controlado. Quando alguém tenta controlar alguma coisa e falha, experimenta então uma antipatia em relação a essa coisa. Por outras palavras, ele não procedeu bem, enganou-se. A sua intenção, podemos dizer, voltou-se contra ele. Assim, tal como alguém que tenta controlar coisas e falha, ele está disposto a descer na escala de emoções quanto a essas coisas. Desta forma, um indivíduo que foi atraído pela sua ferramenta no seu próprio trabalho está preparado para as tratar com o grau de afinidade mais baixo. Fica farto delas, torna-se antagónico a respeito delas, zanga-se com elas - e nesta fase, a máquina começa a fraquejar - e finalmente receia-as, torna-se triste por causa delas, torna-se apático e nunca

mais se interessa por elas, e nesta fase certamente não as pode utilizar. Na realidade, descendo ao nível de aborrecimento, a capacidade de utilizar as suas ferramentas de trabalho está firmemente a descer.

Assim, como poderia alguém saber da sua capacidade de controlar as ferramentas, sem recorrer a um Cientologista? Naturalmente, se um Cientologista entrar nesta situação, pode ser recuperado o completo controlo das ferramentas, ou da área, ou da vida, mas, na sua falta, como pode alguém simplesmente controlar os artigos exatos com os quais está agora direta e imediatamente associado?

Utilizando o ARC, pode-se recuperar, até certo ponto, quer o seu controlo de ferramentas quer o seu entusiasmo pelo trabalho. Conseguir-se-á isto pela comunicação e descoberta da sua vontade para tal e se as pessoas que o cercam são reais. Um indivíduo pode recuperar a sua capacidade sobre os utensílios que lhe dizem diretamente respeito simplesmente tocando-os e deixando-os. Isto poderá parecer sem interesse e nessa altura está pronto a alcançar o nível de aborrecimento e aborrecer-se com o processo. Justamente acima deste nível está o prémio de se tornar entusiasta. Parece muito estranho, mas se uma pessoa tocar simplesmente no seu automóvel e conduzi-lo e tocá-lo novamente e conduzi-lo e voltar a fazê-lo, provavelmente por umas horas, recuperará não só o seu entusiasmo pelo automóvel mas uma tremenda capacidade de controlar o carro que ele nunca suspeitara possuir. Da mesma forma, com as pessoas, se elas frequentemente se recusam que se lhes toque, mesmo assim pode haver comunicação. Se uma pessoa realmente comunica e comunica bem a essas pessoas, escuta o que elas têm para dizer e aprecia o que lhe dizem e dizem o que têm para lhes dizer de uma forma correta e frequentemente de modo que seja bem recebida por elas, essa pessoa vai ganhar, num grau muito elevado, a sua capacidade de associar e coordenar as atividades dessas pessoas com as quais está diretamente ligada. Aqui temos o ARC imediatamente ajustado ao trabalho. Parece estranho que se induzirmos um contabilista a levantar e a pousar o seu lápis ou caneta durante uma série de horas ele recupere a sua capacidade de o manusear e melhore a sua possibilidade de escrever os números; e que se conseguirmos que ele mexa e pouse as suas contas por algum tempo, se tome não só capaz de manusear as contas como ainda de cometer menos erros. Isto parece magia. Isto é mágico. E Cientologia.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23DE MAIO DE 1971R
Emissão I

A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Se você examinar a comunicação, verificará que a magia da comunicação é praticamente a única coisa que faz a audição funcionar.

O Thetan, neste universo, começou a considerar-se MEST e começou a considerar-se massa, e o ser que se considera massa, responde, obviamente, às leis da eletrônica e às leis de Newton. Na verdade, é incapaz de originar muito ou "as-isar" muito.

Um indivíduo considera-se MEST ou massudo e, portanto, tem de ter um segundo terminal. Um segundo terminal é necessário para descarregar a energia.

Temos aqui dois polos. Temos um auditor e um pc e, enquanto o auditor audita e o pc responde, temos um intercâmbio de energia do ponto de vista do Pc.

Muitos auditores pensam estar a ser um segundo terminal ao ponto de apanharem os somáticos e doenças do Pc. Não há, de facto, nenhuma espécie de retorno de fluxo atingindo o auditor, porém se ele estiver tão convencido de ser MEST, ligará somáticos, fazendo eco do Pc. Na verdade, nada atinge o auditor; terá de ser criado (mock-up) ou imaginado por ele.

Em essência, estabeleceu-se um sistema de dois polos e isso ocasionou o desaparecimento da massa.

Não é queima de massa, é o desaparecimento da massa e, por isso, não há nada a atingir o auditor.

Assim sendo, é essa a essência da situação. A magia envolvida na audição está contida no ciclo de comunicação de audição. Vê-se agora que se está a lidar com o INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE ESSES DOIS POLOS.

Quando você observar dificuldades em audição, compreenda estar simplesmente a lidar com dificuldades do ciclo de comunicação; quando você próprio, como auditor, não permite UM INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE VOCÊ COMO TERMINAL E O PC COMO TERMINAL, E O PC COMO TERMINAL DE VOLTA PARA VOCÊ, não obtém o desaparecimento da massa. Assim sendo, não consegue movimento do TA.

Parte da proeza é, certamente, o que tem de desaparecer e como proceder, mas chamamos a isso técnica - qual o botão a apertar. Verificamos, estranhamente, que se o auditor é verdadeiramente capaz de tornar o Pc disposto a falar-lhe, não tem de acertar num botão para obter movimento de TA. (Basicamente, não pode fazer o Pc ter movimento de TA porque não existe um ciclo de comunicação).

A pessoa que continuamente faz questão duma nova técnica está a descuidar a ferramenta básica da audição, que é o ciclo de comunicação em audição.

Quando o ciclo de comunicação não existe numa sessão de audição temos a terrível combinação do grave delito de tentar fazer uma técnica funcionar sem que possa ser ministrada, por falta do ciclo de comunicação para ministrá-la.



Audição básica, é assim chamada por vir ANTES da técnica.

Tem que haver um ciclo de comunicação antes que a técnica possa existir.

A entrada fundamental no caso não é ao nível da técnica, mas ao nível do ciclo de comunicação.

Comunicação é simplesmente um processo de familiarização baseado em avançar e recuar (ou tocar e largar).

Quando fala a um pc você está a avançar (ou a tocar). Quando para de falar, você está a recuar (ou a largar). Quando ele o ouve, está nesse momento a recuar um pouquinho, mas a seguir vem na sua direção (ou toca-o) com a resposta.

Você vê-o num recuo enquanto está a raciocinar. Em seguida, alcança a razão. Aí, alcançará o auditor com a razão e dirá o que foi.

Você faz um intercâmbio do pc para o auditor e vê-o refletido no E-Metro porque esse intercâmbio está agora produzindo dissolução de energia.

NA AUSÊNCIA DESSA COMUNICAÇÃO NÃO SE OBTÉM REAÇÃO DO E-METRO.

Assim sendo, **O PONTO FUNDAMENTAL DA AUDIÇÃO É O CICLO DE COMUNICAÇÃO.**
É o fundamento da audição e é realmente a grande descoberta da Dianética e da Cientologia.

É uma descoberta tão simples, mas percebe-se que ninguém sabia nada a esse respeito.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 17 de Outubro de 1962

Emissão VI

Audição Básica Série 6

FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR

Se um Pc disser alguma coisa e o auditor não compreender o que ele disse ou quis dizer, a ação correta é: "Não ouvi, ou não compreendi o que foi dito, ou não entendi a última parte".

Fazer alguma outra coisa não é apenas uma má forma, mas pode custar uma pesada quebra de ARC.

INVALIDAÇÃO

Dizer: "tu não falaste suficientemente alto...". ou qualquer outro uso de "tu" é uma invalidação.

O Pc também é posto fora de sessão ao ser-lhe colocada a responsabilidade nos ombros.

O *auditor* é responsável pela sessão. Portanto, o auditor tem de assumir a responsabilidade por todas as quebras de comunicação da sessão.

AVALIAÇÃO

Muito mais séria do que a Invalidação acima, é a Avaliação acidental que pode ocorrer quando o auditor *repete* o que o Pc disse.

NUNCA repita nada que um Pc diga depois dele falar, seja qual for a razão.

Repeti-lo, não só não mostra ao Pc que foi ouvido, mas também lhe dá a ideia que você é um circuito.

O maior avanço da Psicologia do Sec. XIX foi uma máquina de endoidar as pessoas. Tudo o que fazia era repetir o que a pessoa dizia a seguir a ela.

As crianças fazem isto para importunar.

Mas essa não é a principal razão para *não* repetir o que o Pc diz. Se for dito erradamente, o Pc põe-se a protestar violentamente. O Pc precisa de corrigir o erro e fica encalhado ali mesmo. Pode levar uma hora para o tirar de lá.

Além disso, não gesticule para descobrir do que se trata. Dizer apontando: "então queres dizer este item". não só é uma avaliação, como quase um comando hipnótico que o Pc sente precisar de rejeitar fortemente.

Não diga ao Pc o que o Pc disse e não gesticule para descobrir o que o Pc quis dizer.

Faça apenas com que o Pc o diga outra vez, ou faça-o apontar de novo para ele. Essa é a ação correta.

METER-LHE PARA DENTRO OS PONTOS DE ANCORAGEM

Não empurre ou atire também coisas para um Pc. Não gesticule na direção de um Pc. Isso empurra-lhe os pontos de ancoragem para dentro e leva o Pc a rejeitar o auditor.



OS QUE DÃO R/Ss

A razão pela qual uma pessoa dá R/S sobre a Cientologia, ou os auditores e afins também não conseguem auditar bem, é por estarem muito desconfiados do Pc e sentirem que precisam de repetir o que o Pc acaba de dizer, de o corrigir ou gesticular na sua direção.

Mas, com ou sem R/S, qualquer auditor novo pode cair nesses maus hábitos que devem ser logo eliminados.

SUMÁRIO

Uma grande percentagem de quebras de ARC ocorre por causa da falta de compreender o Pc.

Não *mostre* que não compreendeu com gestos ou repetições erróneas.

Por favor, audite simplesmente.

L. Ron Hubbard
Fundador



Escritório de comunicações Hubbard
Mansão de Saint Hill, East Grinstead, Sussex
Boletim HCO de 23 de maio de 1971
Edição X

Remimeo
Contas
Supervisores
Estudantes
Tech & qual

HCO P/L de 1 de julho 1965 edição II
Reeditado textualmente como

Série de audição básica 9

ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Não Existem aditivos permitidos no ciclo de comunicações de audição.

Exemplo: obtendo o PC para indicar o problema depois que o PC disse qual é o problema.

Exemplo: perguntar a um PC se essa é a resposta.

Exemplo: dizendo ao PC "isso não reagiu" no metro.

Exemplo: questionando a resposta.

Este é o pior tipo de audição.

Os processos funcionam melhor amordaçados. Amordaçado quer dizer utilizar apenas TR 0, 1, 2, 3 e 4 pelo livro. Os resultados de um PC vão para o inferno num aditivo a um ciclo de comunicação.

Há centenas de milhares de truques que podem ser adicionados ao ciclo de comunicações de audição. Cada um deles é uma ASNEIRA. A ÚNICA vez em que você pede para repetir é quando não conseguiu ouvi-lo.

Desde 1950, eu sabia que todos os auditores falam muito em sessão. A conversa máxima é a sessão modelo padrão e o TR 0 a 4 e apenas o ciclo de comunicações de audição.

É um assunto sério fazer um PC "esclarecer a sua resposta". É, na verdade, uma questão de ética e, se feito habitualmente, é um ato supressivo, pois ele vai acabar com todos os ganhos.

Há Maneirismo aditivos também.

Exemplo: Aguardando que o PC olhe para si antes de dar o próximo comando. (PCs que não olham para si têm Quebras de ARC. Você não distorça isto para significar que o PC tem que olhar para si antes de dar o próximo comando.)

Exemplo: Uma sobrancelha levantada a uma resposta.

Exemplo: Um acuso de receção do tipo questionamento.

A mensagem inteira é

UMA BOA AUDIÇÃO OCORRE QUANDO O CICLO DE COMUNICAÇÃO É USADO SOZINHO E É AMORDAÇADO.

Aditivos ao ciclo de comunicações de audição são **QUALQUER AÇÃO, DECLARAÇÃO, QUESTÃO OU EXPRESSÃO DADA ALÉM DO TRS 0-4**.

São Erros de Audição Grosseiros.

E devem ser considerados como tal.

Auditores que adicionam ao ciclo de comunicações de audição nunca fazem Releases.



Então, isso é supressivo.

Não faça isso!

L. RON HUBBARD

LRH:nt.rd



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R
Edição VIII

REV. em 4 de DEZEMBRO de 1974

Policopiar
Auditores

Audição Básica n.º 10R

Estudantes

Tech e Qual

RECONHECIMENTO DA CORREÇÃO DO SER

Extraído da Gravação de LRH

“Bons Indicadores”, 7 de Janeiro de 1964

A tendência do auditor é procurar a incorreção. Procura sempre algo errado no pc. Trata-se da natureza da Cientologia; assumimos que há algo errado em alguém ou de outro modo ele não estaria aqui, inerte dentro da cabeça, e seria capaz de fazer muito mais do que faz neste momento.

Um indivíduo é básica e normalmente bom, capaz de muitas ações e de um considerável poder.

Num estado de Thetan Livre ou Nativo, é um indivíduo muito mais poderoso do que após ter sido complicado.

Trata-se da ideia do dado adicionado ao Thetan. Tentem dar a alguém algo que ele não quer e irão deitar abaixo o seu poder de escolha.

O poder de escolha era tudo o que ele tinha no início, era o que lhe dava poder, capacidade e tudo o resto e é esse poder de escolha que tem sido consistente e continuamente deitado abaixo, sendo-lhe dadas coisas que ele não quer e tirando-lhe outras de que ele não se queria ver livre, para trás e para diante. Conseguem assim um indivíduo bastante avassalado e que diminui de poder.

O que realmente lhe sucedeu é que ele resolveu algo que não precisava de ser resolvido.

Havia alguma coisa que ele não conseguia confrontar e, portanto, ele resolveu-a e tornou isso na solução fixa.

Quando tornam fixas estas soluções para todo o sempre, põem o indivíduo num nível mais baixo. Um indivíduo fica aberrado com aditivos. As suas experiências neste universo são vulgarmente calculadas para o degradar e lhe tirar o poder. Ora tudo o que há a fazer é apanhar todos estes emaranhados e devolver-lhe o poder.

O homem é um ser adicionado e tudo aquilo que lhe foi somado diminuiu a sua capacidade de funcionar. Quando adicionam algo a um ser, ele fica pior.

Estamos no campo da eliminação daquilo que está errado no indivíduo.

Até o Analista Freudiano compreendia que algo havia sido adicionado e que tinha de ser apagado. Portanto, a ideia de se apagar algo a fim de fazer surgir uma recuperação não foi estabelecida por nós pela primeira vez.



Em virtude de estarmos no campo da eliminação daquilo que está errado no indivíduo, raramente observamos a correção. E isto é o que está errado na maioria dos auditores. Estão tão ansiosos por encontrar o que está errado – e muito bem – que não olham realmente nunca para o que está certo. E se não observarem a correção que está presente, não apreciarão os graus de verdade existentes e que podem dar origem a mais verdade.

Por outras palavras, estão a partir de um nível sem qualquer verdade presente em nenhum momento, por conseguinte não fazem qualquer progresso.

Têm de compreender que alguma verdade tem de estar presente e que esta verdade tem de ser reconhecida. Isto faz parte integrante da audição: o reconhecimento do facto de que a verdade está presente.

Se só procurarem a incorreção e só a reconhecerem a ela, não irão conseguir fazer nada subir num gradiente pois pensam que não têm nenhuma coisa correta com a qual começarem a trabalhar. Tudo vos parece errado.

Têm de ser capazes de ver a incorreção de modo a corrigi-la, mas também têm de ser capazes de ver a correção de modo a aumentá-la.

Só tentamos descobrir as incorreções de modo a aumentarmos a correção e isto é muito importante. Se não tiverem nada correto numa sessão nunca serão capazes de fazer nenhuma espécie de progresso. O progresso é construído numa escala gradual de coisas corretas através das quais eliminam as incorretas.

Então, o Processamento é uma ação através da qual o incorreto pode ser eliminado do caso na medida em que o correto estiver presente na sessão. Não conseguem apanhar um caso e eliminarem nele uma incorreção se não houver nada correto nele. Têm assim de se dar conta que há coisas corretas presentes e depois aumentarem-nas. Isto torna possível apanharem as incorreções e é nisto que consiste a audição.

A audição é um desafio entre manter as coisas corretas de modo a podermos eliminar as incorretas. Se se mantiverem a eliminar as coisas incorretas ao mesmo tempo que mantêm e aumentam as corretas, irão acabar por ter nas mãos um ser muito correto. Estão a tentar obter um ser correto, portanto, se não encorajarem continuamente essa correção, nunca o obterão.

Têm de aprender a observar uma sessão de audição. Querem que o vosso pc termine num estado de correção, num estado mais nativo, mais capaz, menos subjugado, com mais poder de escolha. Querem que ele obtenha mais correção.

Assim, se não auditarem de modo a encorajar e a aumentar o correto, não irão obter um pc correto.

O grau de correção que existe tem de ser maior que o da incorreção que irão manejá-la. Trata-se de uma ação proporcional. Se tiveram, numa sessão, tanta coisa correta como incorreta, não irão ter uma vida fácil. O trabalho de audição vai ser duro. Se quiserem apanhar essa pequena incorreção, têm de ter coisas corretas presentes que sejam suficientemente grandes que a absorvam. Isto torna a audição fácil.

Se as coisas corretas na sessão forem muito poucas e o problema a resolver for pequeno, não haverá na sessão, mesmo assim, correção suficiente para que se possa resolver o problema e o pc não o vai conseguir eliminar.

A CAPACIDADE, EM SESSÃO, DO PC PARA AS-ISAR OU ELIMINAR É DIRECTAMENTE PROPORCIONAL AO NÚMERO DE BONS INDICADORES EXISTENTES NA SESSÃO.



E a sua incapacidade para o fazer é proporcional ao número de maus indicadores presentes na sessão.

Todo o processo tem o seu próprio conjunto de maus indicadores. E o mau indicador surge quando o bom indicador desaparece. Têm assim que ter um conhecimento fundamental sobre os bons indicadores.

Não procurem sempre e só, maus indicadores; irão dar cabo do pc e suprimir os bons indicadores. O que há a fazer é saberem os bons indicadores, para o nível em que estão a trabalhar, tão bem que quando um deles desaparece da sessão, espetam as orelhas e procuram instantaneamente o mau indicador. Não andem à procura do mau indicador até notarem o desaparecimento do bom indicador. De outro modo andarão sempre a desenterrar incorreções na sessão, manterão o pc muito perturbado e não realizarão audição de espécie alguma.

Lembrem-se disto da próxima vez que virem um pc começar a afundar-se, a arrastar-se ou a vaguear de uma ou de outra forma. Têm de fazer com que os bons indicadores do pc voltem antes de o poderem pôr a resolver o que querem que ele resolva.

O que influencia a atitude do pc ou é uma Quebra de ARC (que, é claro, foi anteriormente provocada pelo comportamento do auditor), ou o pc tem um overt contra o auditor ou o pc tem um withhold falhado.

Um auditor que nunca se envolva e descubra o que está errado na sessão – o auditor razoável – estraga pcs a torto e a direito.

Se todos os bons indicadores estiverem presentes, o auditor sabe que está a fazer um bom trabalho de audição.

LRH: nt. rd

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de ABRIL de 1971

Emissão I

Remimeo
Chshts de DN
Chshts dos Graus de Scn
Cramming
Auditores do HGC

TRs E CONIÇÕES

Em presença de maus TRs não há cognições.

As cognições são as demarcações que indicam que existem ganhos ao nível do caso.

Não há ganhos ao nível do caso em presença de maus TRs, de má utilização do e-metro, de transgressões do código e de um auditor que distrai.

Quando um auditor tem TRs suaves, segundo as normas, que utiliza o seu e-metro com perícia, sem chamar a atenção do pc, quando segue o código do auditor (sobretudo no que respeita a avaliação e invalidação) e quando, enquanto auditor, está *interessado* e não *interessante*, o pc tem cognições e ganhos do ponto de vista do caso.

Para mais, conforme os axiomas, põe-se ordem no banco, quando se faz AS-IS do conteúdo. Se a atenção do pc é desviada pelo auditor e pelo e-metro, ela não está no seu banco e não pode haver AS-IS.

A definição de “em sessão” é a seguinte: INTERESSADO NO SEU PRÓPRIO CASO E DISPOSTO A FALAR AO AUDITOR. Quando a sessão em curso corresponde a esta definição, p pc vai certamente ser capaz de fazer as-is e vai ter cognições.

Na “Tese original” diz-se que o auditor mais o pc são mais fortes que o banco do pc. Quando o auditor e o banco submergem ambos o pc, o banco parece ser mais forte que o pc. É uma situação que dá um TA baixo ao pc.

Um auditor que não se ouve, que não acusa a receção, que não dá o comando seguinte ao pc, que não consegue manejar as originações, tem simplesmente MAUS TRs.

O auditor que procura mostrar-se *interessante* aos olhos do pc, que acusa a receção excessivamente, que se ri ruidosamente chama a atenção do pc. Por isso, a atenção do pc não está no seu banco, ele não faz as-is e não tem cognições.

O auditor que passa além das F/Ns ou que indica as F/Ns no momento errado, ou que diz ao pc “isso deu leitura”, “isso provocou um Blowdown”, etc., ou que usa o e-metro de forma a distrair o pc (que sabe quando está percorrido de menos ou overrun e que sabe quando o auditor comete erros com o e-metro) transgride naturalmente a definição de EM SESSÃO. O pc põe a sua atenção no e-metro, e não no banco, o que o impede de fazer as-is e de ter cognições.

A invalidação e a avaliação da parte do auditor, são uma maldade pura e simples. Elas impedem o pc de ter cognições. As outras transgressões do código são igualmente perturbadoras.

UMA SESSÃO PERFEITA

Se se compreender a definição perfeita de EM SESSÃO, se se compreender que é necessário que o pc tenha a sua atenção no banco para fazer as-is dele e se se vir o que, numa sessão, provocará uma cognição (as-is da aberração acompanhada de uma tomada de consciência em relação à vida), seremos capazes de



detetar todas as coisas que, nos TRs, no uso do e-metro e no código, serão obstáculo aos ganhos que um caso possa ter.

Uma vez detetados os erros nos TRs e no uso do e-metro e as transgressões ao código que VÃO CONTRA a definição de EM SESSÃO, ver-se-á o que impede o pc de fazer as-is e de ter cognições.

Quando isso estiver bem compreendido, seremos capazes, nesse momento, de ver claramente o que significam TRs DENTRO, USO CORRETO DO E-METRO e APLICAÇÃO CORRETO DO CÓDIGO.

Pode haver uma quantidade infinita de erros. Há apenas algumas formas corretas de proceder.

Para reconhecer TRs corretos, um uso correto do e-metro e um uso correto do código, apenas é preciso:

- (a) compreender os princípios enunciados neste boletim, e
- (b) de os pôr em prática a fim de que se tornem um hábito.

Quando tudo isto estiver bem dominado, os pcs terão cognições e ganhos ao nível dos seus casos e estarão ao lado dos “seus auditores”!

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE OUTUBRO DE 1968RA

Rev. 19.6.80

(Também HCOB 19.6.80)

O CÓDIGO DO AUDITOR

AD18

Celebrando os 100% de Vitórias alcançáveis com a Tecnologia Standard prometo, como auditor, seguir o Código do Auditor.

- 1- Prometo não avaliar pelo preclaro nem lhe dizer o que ele deve pensar sobre o seu caso, em sessão.
- 2- Prometo não invalidar nem o caso nem os ganhos do preclaro, dentro ou fora de sessão.
- 3- Prometo não ministrar a um preclaro nada mais a não ser Tecnologia Standard de uma forma standard.
- 4- Prometo respeitar todas as marcações de audição, uma vez feitas.
- 5- Prometo não auditar um preclaro que esteja cansado ou não tenha tido repouso suficiente.
- 6- Prometo não auditar um preclaro que não esteja suficientemente alimentado ou que esteja com fome.
- 7- Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
- 8- Prometo não entrar em empatia para com um preclaro, mas sim, ser eficiente.
- 9- Prometo não permitir que o preclaro termine a sessão por sua própria determinação, mas sim terminar os ciclos que iniciei.
- 10- Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
- 11- Prometo nunca me encolerizar com um preclaro em sessão.
- 12- Prometo auditar cada ação maior do caso até à sua agulha flutuante.
- 13- Prometo nunca auditar qualquer ação individual para além da sua agulha flutuante.
- 14- Prometo conceder condição de ser ao preclaro em sessão.
- 15- Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, exceto quando o preclaro estiver fisicamente doente e convierem unicamente cuidados médicos.
- 16- Prometo manter a Comunicação com o preclaro em sessão e não cortar a sua comunicação nem o deixar fazer Overrun em sessão.
- 17- Prometo não introduzir comentários, expressões ou perturbações numa sessão que distraiam um preclaro do seu caso.
- 18- Prometo continuar a dar ao preclaro, em sessão, o processo ou o comando de audição sempre que necessário.
- 19- Prometo não deixar um preclaro executar um comando mal compreendido.
- 20- Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão, por qualquer erro, quer real quer imaginário, de um auditor.



- 21- Prometo só avaliar o estado do caso corrente de um preclaro através dos dados Standard da Supervisão de Caso e a não divergir por qualquer diferença imaginária no caso.
- 22- Prometo nunca usar os segredos de um preclaro divulgados em sessão para punição ou ganho pessoal.
- 23- Prometo assegurar que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro de um período de três meses após o dito processamento, sendo a única condição que ele não pode ser de novo processado ou treinado.
- 24- Prometo não preconizar o uso da Cientologia unicamente para a cura de doenças ou para tratar os doentes mentais, sabendo bem que ela tem como objetivo o melhoramento espiritual.
- 25- Prometo cooperar totalmente com as organizações legais de Dianética e Cientologia, tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard, na salvaguarda do uso e prática ética do assunto, de acordo com as bases da Tecnologia Standard
- 26- Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente maltratado, violentamente estropiado, operado ou morto em nome de "tratamento mental".
- 27- Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos mentalmente diminuídos.
- 28- Prometo recusar-me a admitir nas fileiras de praticantes qualquer ser mentalmente doente.

Auditor _____

Data _____

Testemunha _____ Lugar _____

LRH.

SECÇÃO TRÊS: - ADMIN DE AUDITOR

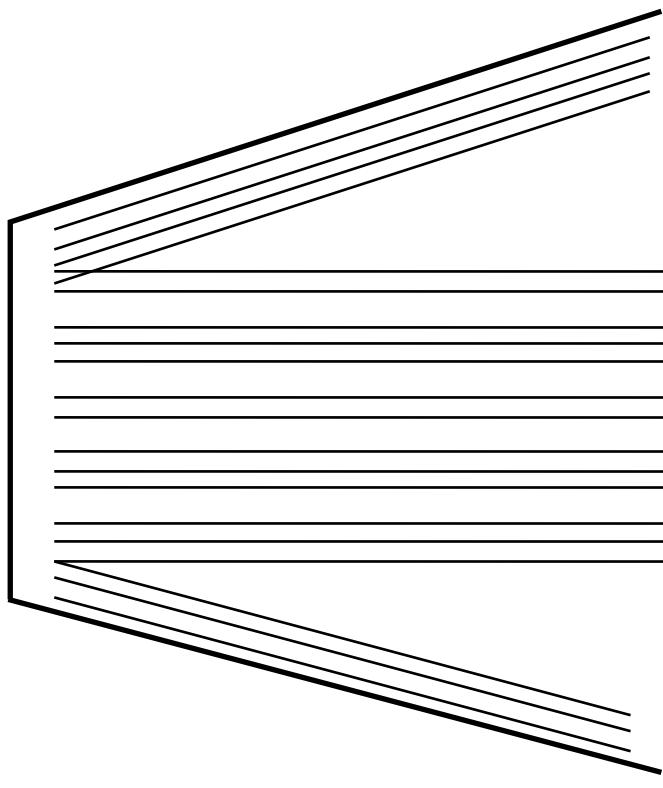
BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO

3 NOVEMBRO 1972R

Admin do Auditor Série 5

O FOLDER DO PC E O SEU CONTEÚDO

O folder “corrente”, que está a ser usado pelo pc, é dividido em quatro partes básicas:



ITENS DA CAPA FRONTAL

- Folha de Progresso de Caso
- Folha Amarela
- Sumário do Folder
- Gráfico de OCA
- Folhas de Programa

CONTEÚDO DO FOLDER

- C/S do Auditor
- Relatório de Exame
- Relatório Sumário
- Relatório do Auditor
- Folhas de Trabalho
- Listas de Correção
- Listas de L&N
- Listas de Assessment de DN
- Relatórios Vários

ITENS DA CAPA DE TRÁS

- Tabela de Fluxos de DN
- F.E.S
- Form. de Encaminhamento
- Folhas de Saldos

O FOLDER

O *Folder* é composto por uma cartolina dobrada, que contém todos os relatórios de sessão ou outros itens. É em formato almanaque em cartolina.

ITENS DA CAPA FRONTAL

A *folha de Progresso de Caso* é uma folha com os detalhes dos Níveis de Processamento e Treino que o pc atingiu ao longo da sua subida na Carta de Graus. Também menciona Rundowns ocasionais e Ações de Preparação que o pc teve. A folha dá, num relance o progresso do pc para OT.

A *folha Amarela* dá detalhes de todas as listas de Correção e conjuntos de Comandos cujas palavras foram clarificadas. Também menciona o processo corrente de Havingness do pc e o tipo de latas que ele usa.

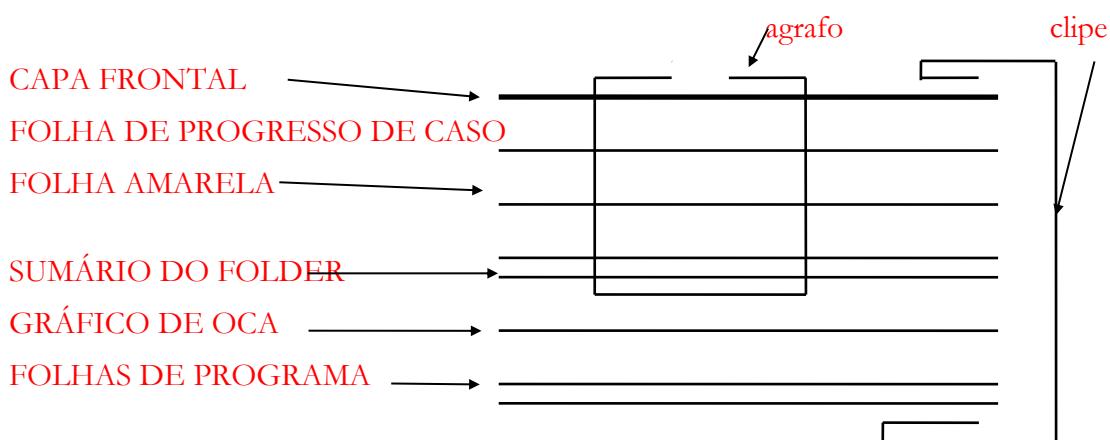
O *Sumário do Folder* é escrito em folhas localizadas no interior da Capa frontal e é um sumário das ações feitas a um pc em ordem consecutiva.

O *Gráfico de OCA* é um gráfico especialmente preparado que traça 10 aspetos da personalidade de um pc a partir de um teste de personalidade feito pelo pc.

OCA = Oxford Capacity Analysis (Análise da Capacidade Oxford)

O teste de personalidade também é conhecido por APA = American Personality Analysis (Análise de Personalidade Americana).

A *folha de Programa* é uma folha que delineia a sequência de ações, sessão após sessão, a serem auditadas no pc a fim de levarem a um resultado definido.



A folha de Progresso de Caso, Folha Amarela e Sumário do Folder são agrafados no interior da Capa Frontal.

O Gráfico de OCA e as Folhas de Programa são presas com cliques sobre o Sumário do Folder com um grande clique.

O CONTEÚDO DO FOLDER

O *C/S do Auditor* é uma folha na qual o Auditor escreve as instruções para a sessão seguinte.

O *Relatório de Exame* é um relatório feito pelo Examinador de Qual quando o pc vai ao Examinador após a sessão ou quando o faz por sua própria vontade. Contém detalhes do E-Metro, indicadores do pc e a declaração do pc.

O *Relatório Sumário* é escrito pelo Auditor após a sessão num formulário standard e é simplesmente um registo exato do que aconteceu e do que foi observado durante a sessão.

O *Formulário de Relatório do Auditor* é feito no final de cada sessão e é um esboço das ações que foram empregadas durante a sessão.

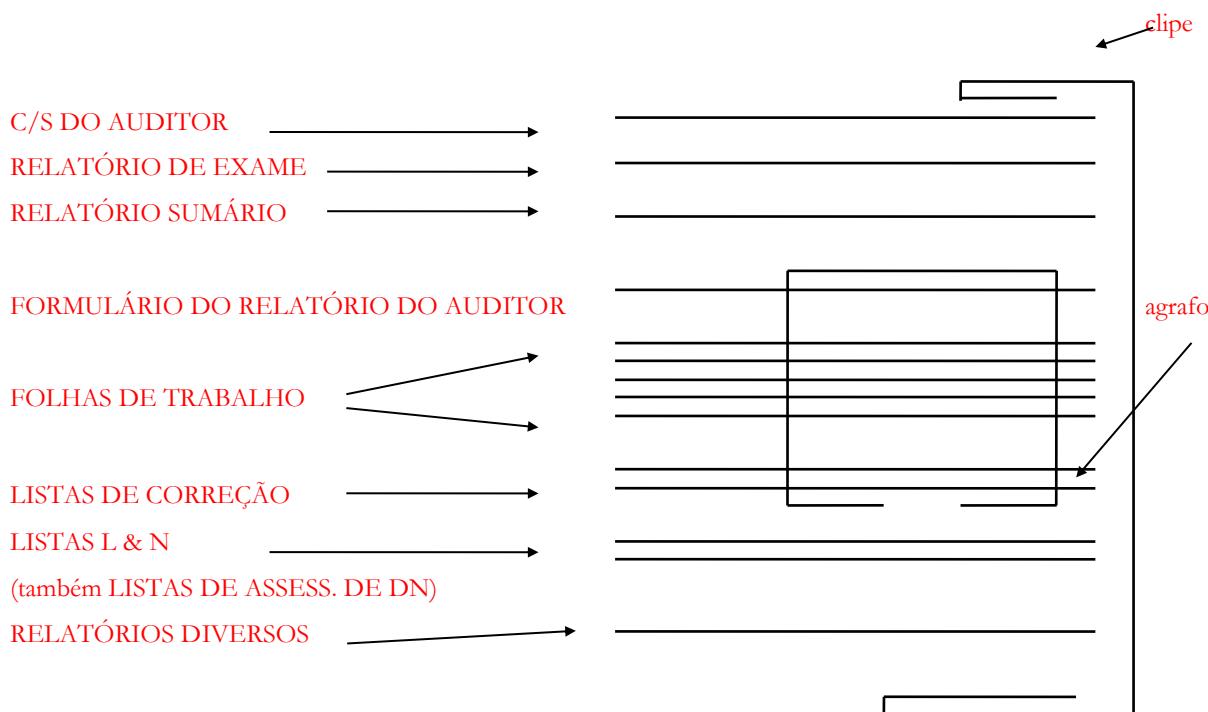
As *Folhas de Trabalho* são as folhas nas quais o Auditor escreve um registo corrido completo da sessão do início ao fim, página após página à medida que a sessão avança.

Uma *Lista de Correção* é uma lista de perguntas preparadas numa folha policopiada, que é usada pelo Auditor para reparação de uma situação particular, de uma ação ou de um Rundown.

Uma *Lista de L & N* (Lista de Listagem e Anulação) é uma lista de itens dados por um pc em resposta a uma Pergunta de Listagem e escritos pelo Auditor pela sequência exata em que lhe são dados pelo pc. Cada Lista é feita numa folha separada.

Uma *Lista de Assessment de Dianética* é uma lista de itens somáticos dados por um pc e escritos por um Auditor com o registo das leituras que ocorreram no E-Metro.

Um *Relatório Diverso* é um relatório tal como do Oficial Médico, uma entrevista do D. de P. um relatório de Ética, uma História de Êxito, etc., que é colocado no folder do pc e dá ao C/S mais informações sobre o caso.



Os relatórios de uma sessão arquivados na pasta consistem em:

As Folhas de Trabalho agrafadas junto com o Relatório do Auditor por cima delas. Qualquer Lista de Correção usada fica por baixo das Folhas de Trabalho e é incluída no mesmo agrafo.

Quaisquer Listas de L & N ou Listas de Assessment de Dn também são agrafados entre si, mas permanecem soltas e são postas sob os outros relatórios da sessão.

Por cima do conjunto agrafado vem o Relatório Sumário, depois o Relatório de Exame e então o C/S do Auditor.

Todos os relatórios da sessão são agora presos em conjunto, com um clipe.

Os relatórios de sessão, tal como descritos, são postos na pasta, em sequência, com os mais recentes por cima dos outros.

Qualquer Relatório Diverso é arquivado apropriadamente no ponto cronológico correto da pasta.

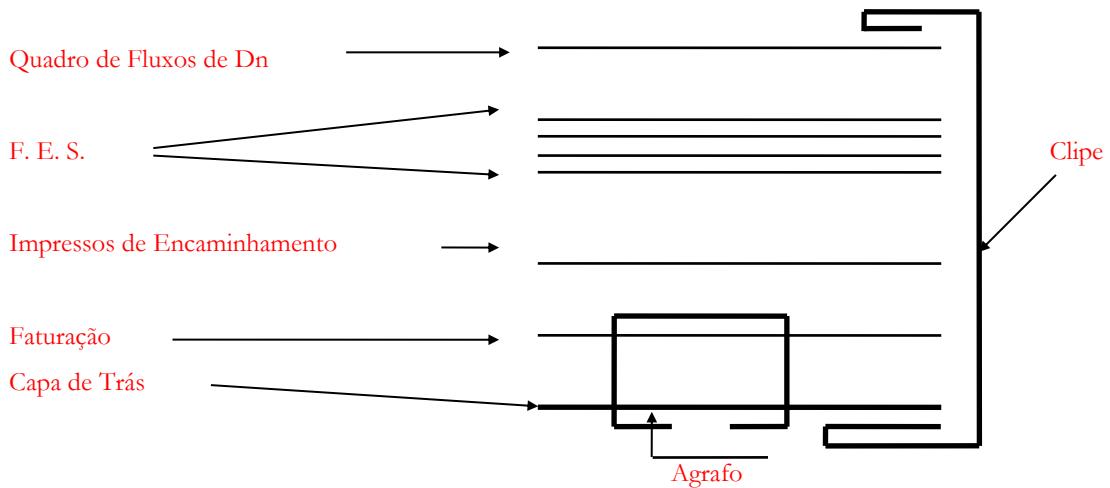
OS ITENS DA CAPA DE TRÁS

Um *Quadro de Fluxos de Dianética* é uma lista cronológica dos itens de Dn auditados, do mais antigo para o mais recente, com os fluxos que foram auditados.

Um FES (Folder Error Summary - Sumário de Erros da Pasta) é um sumário dos erros de audição numa pasta e no caso do pc, que não foram corrigidos à data em que o sumário é feito.

O *Impresso de Encaminhamento* é um impresso com a lista dos terminais da Org que o pc tem de ver de modo a chegar ao HGC e à cadeira de audição.

A *Faturação* é uma folha-resumo de quanta audição o pc comprou e pagou e quanta já foi entregue.



A faturação é agrafada à capa de trás. O resto dos itens são presos com um clipe ao interior da capa.

BTB 3/11/72R

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
BTB DE 5 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão III
Revisto & Reeditado a 9 Set. 74 como BTB
(Revisão neste estilo de letra)

Remimeo

CANCELA
HCOB 5 Nov. 72
Emissão III
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 7R

SUMÁRIO DO FOLDER

O Sumário do Folder é escrito em folhas localizadas no interior da Capa Frontal e é um sumário adequado às ações empreendidas no Pc por ordem consecutiva.

É agrafado no interior da Capa Frontal do Folder corrente do Pc e requer a seguinte informação:

1. DETALHES DE ADMIN

Data da sessão, duração da sessão e tempo de Admin. A data em que um novo Folder é iniciado. O tempo total de uma série de sessões de audição. A data em que é feito um OCA. A data em que é feito um FES.

2. DETALHES DO PROCESSO

O que foi auditado e se funcionou. É anotado um EP ao lado de cada ação empreendida, ou se não foi levada a EP, anota-se a vermelho “Não Esgotado”, “O/R”, ou o que for.

A pergunta de listagem de uma ação L & N é escrita na totalidade.

Itens R3R são escritos na totalidade.

Se um item ou terminal deu R/S em sessão, é anotado a vermelho no Relatório Sumário com o número da página e inscrito num círculo.

Um propósito malévolos que surja numa sessão é igualmente marcado a vermelho com a data e inscrito num círculo.

3. RELATÓRIO DE EXAME

No fundo dos detalhes dos processos marque F/N indicando que ocorreu uma F/N no Examinador, ou BER (vermelho) se se tratar de um Mau Relatório de Exame. Se o TA estava alto ou baixo no exame, também pode ser anotado.

4. ATESTAÇÕES

Data e o que foi atestado.

Se o Pc foi enviado para atestar, mas NÃO o fez, isso é anotado.



5. DADOS SOBRE CURSOS AVANÇADOS

Data de início do Curso Avançado, Nível, Data em que atestou a Conclusão.

(As sessões de solo NÃO são anotadas, mas devem entrar num Sumário do Folder separado no Folder de Cursos Avançados)

6. DADOS MÉDICOS

Quando o Pc dá parte de doente.

Data e breve declaração da doença.

Quando o Pc SAI das linhas do MO.

7. DADOS ÉTICOS

Quaisquer ciclos de Ética ou Condições.

É usada uma caneta AZUL ou PRETA para registos normais. É usada uma caneta VERMELHA para marcar qualquer item que deu R/S, Propósitos Malévolos, correção de lista de item de Dn, BER, TA alto ou baixo no Exame, atestação falhada, ações médicas ou ciclos de Ética.

No HGC o Auditor é responsável por manter em ordem este Sumário depois de cada sessão e imediatamente após a receção de um Relatório Médico ou de um BER voluntariado pelo Pc. Faz parte da Admin da Sessão do Auditor.

Quando o Pc avança para Cursos Avançados, todos os Folders (do HGC e qualquer Folder de Cursos Avançados) são enviadas ao C/S dos Cursos Avançados que mantém a Folha do Progresso do Caso, Folha Amarela e a Folha de Sumário em dia no Folder do HGC, como acima descrito.

O Auditor Solo mantém em dia o Sumário do Folder de Solo separado na parte de dentro da capa da frente do seu Folder de Solo corrente.

As Folhas do Sumário do Folder são em papel almaço, divididas em quatro colunas. Abaixo segue-se, em exemplo, como o Sumário do Folder é mantido:



1 Jun. 72	RELATÓRIO DO MO o Pc feriu-se no cotovelo	(Quando mais tarde o Pc se encontra nos Cursos Avançados o F/S será como o que segue)	
2 Jun. 72 3hrs 20m 20m	(tempo de sessão) (tempo de Admin) R3R Narr. em inc. do cotovelo. Triplo até EP R3R “dor no meu cotovelo” F1,2,3 até EP F/N	10 Ago. 72 14 Ago. 72	OT I Iniciado OT I Completado
		16 Ago. 72 1hr 37m 15m	Declarado Preparação para OT II RUDS TRIPL. até EP Estudo + W/C M4 nas matérias do OT II, 2wc re. a esse nível até EP F/N
2 Jun. 72 3 Jun. 72	PC FORA DAS LINHAS DO MO Novo Folder Nº3	17 Ago. 72 28 Ago. 72	OT II Iniciado O Pc atolado no OT II BER
4 Jun. 72 4hrs 28m 20m	2WC: “O que é que na verdade queres resolvido” até EP. R/S em “barcos” p.4 L&N: “Que intenção está relacionada com o mar” até item BD F/N. R3R “A intenção de ser afundado” F1, 2 até EP F3 ATOLADO BER TA 4.2	29 Ago. 72 1hr 05m 10m	L-7 Clarificação de palavras L-7 estimada e resolvida até EP F/N
4 Jun. 72 1hr 23m 20m	L3RD em F3 “A intenção de ser afundado” até EP F/N		
	ETC.		
15 Jul. 72	Novo OCA		
15 Jul. 72	DECLAROU CONCLUSÃO DE DN EXP.		
15 Jul. 72	Hrs Totais de Dn Exp. 42hrs 18m		



FORMULÁRIO DO SUMÁRIO DO FOLDER

Quando um novo Pc começa a ser auditado e é feito o primeiro Folder, agrafa-se uma cópia do impresso, com dois agrafos, ao topo do interior da capa frontal.

O impresso é mimeografado em papel leve de maneira a não ficar volumoso.

O auditor preenche este impresso à medida que progride com as audições.

Novas folhas são adicionadas se necessário, a mais antiga no fundo, a mais recente no topo.

Quando um novo Folder é feito, TODAS as Folhas de Sumário são removidas do Folder antigo e postas no interior da capa do novo Folder de maneira a que o Sumário completo do Folder do caso esteja sempre no Folder corrente do HGC.

É da responsabilidade do Admin do HGC zelar para que o que se disse seja feito.

Referência: Fita 7 Abr. 72

Dn Exp. Fita 3

ADMIN DO AUDITOR

BDCS

BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão VI
Revisto e reeditado em 27/8/74 como BTB

CANCELA
HCOB 6 Nov. 72
Emissão VI
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 13R

RELATÓRIO DO AUDITOR

Faz-se um Relatório de Auditor no final de cada sessão. Ele dá uma ideia geral de quais as ações praticadas durante a sessão.

Cada Relatório deve ser preenchido a partir do topo com:

- A. O nome do pc (nome completo) e Grau (muito destacado).
- B. Nome do Auditor (nome completo).
- C. Data.
- D. Nº de horas de intensivo marcadas (12 1/2; 25; 50; etc.).
- E. Duração da sessão excluindo tempo de intervalo (ex. 5hrs 15m). Isto são “horas na cadeira”.
- F. Total de horas marcadas já utilizadas até à data.
- G. Total de TA da sessão. Muitas vezes negligenciado, mas muito importante como um indicador do progresso do caso.

O corpo do impresso preenche-se com a seguinte informação:

- H. Horas do início e fim da sessão.
- I. Condição do pc.
- J. TA e sensibilidade no princípio e fim da sessão.
- K. Rudimentos.
- L. Qual o processo percorrido - COM A LISTA DOS COMANDOS EXATOS - muitas vezes esquecido pelos auditores.
- M. Horas, TA e Sens no início e fim do processo
- N. Se o processo está “flat” ou não.
- O. Quaisquer F/Ns.
- P. Quaisquer Itens R/S ou Propósitos Maus são anotados na coluna da direita a vermelho.
- Q. Amplitude do TA.

No fundo da folha anota-se o resultado da Verificação do Trim.



EXEMPLO:

FORMULÁRIO DO RELATÓRIO DO AUDITOR

Preclaro: EMÍLIO TOGG Va Auditor: DAVID SWIFT				Data: 22 Out. 72 Nº de horas de intensivo: 25 Nº de horas: 2hrs 58m Total de horas: 14hrs 23m Total de TA: 8 divs
Ambiente:	Auditor:	W/Hs:	PTPs:	
Processo	Tempo	TA	Sens.	Resultados e Comentários
É A SESSÃO	15.20	3.2	6	PC UM POUCO BRANCO
TENS UMA QUEBRA DE ARC?	15.28	2.8	6	F/N VGIs PC MAIS VIVO
L1C MÉTODO 3 “RECENTEMENTE”	16.58	2.6	6	F/N VGIs, COG
O/W 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A UM POLÍCIA?				R/S EM “DINHEIRO”
2. O QUE É CONTIVESTE DE UM POLÍCIA? 6.16 2.5 6 ATÉ EP	18.16	2.5	6	ATÉ EP F/N COG VGIs
F/N COG VGIs	18.18	2.5	6	ROSADO, JÁ NÃO ESTÁ BRANCO
É TUDO				TRIM: TA = 2.0
AMPLITUDE DO TA: 2.5 – 3.8				

Instruções e Comentários: _____

Diretor de Processamento: _____



- | | | |
|-------|------------------|--|
| Refs: | HCOPL 28 Ago 62 | “Como escrever um Relatório do Auditor” |
| | HCOPL 19 Nov. 65 | “Relatórios de Audição” |
| | HCOB 11 Mar 69 | “Verificação do Trim do E-Metro” |
| | HCOB 7 Maio 69 | “Sumário de Como escrever um Relatório do Auditor” |
| | HCOB 25 Jun. 70 | C/S Série 11 |

BDCS

BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
BTB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão VII
Revisto & Reeditado 25 Jul. 74 como BTB

Remimeo

CANCELA
HCOB 6 NOV. 1972
Emissão VII
MESMO TÍTULO

(A única revisão está em CONTEÚDO DA FOLHA DE TRABALHO:
“G. Leituras” foi adicionado).

Admin do Auditor Série 14R

AS FOLHAS DE TRABALHO

É nas folhas de trabalho que o auditor escreve um relato completo da sessão do princípio ao fim, página a página, à medida que a sessão avança.

Uma folha de trabalho é sempre em papel A4, escrita de ambos os lados e cada página numerada, na frente e nas costas, na parte superior central da página.

É assim para que o auditor possa dizer: “Pois, a R/S ocorreu na página 25” o que poupa uma data de tempo. Além disso, dá o número correto de páginas que a sessão levou.

A folha de trabalho é escrita em duas colunas. O auditor escreve pela coluna da esquerda abaixo e depois pela coluna da direita abaixo.

CONTEÚDO DA FOLHA DE TRABALHO

As partes mais importantes da sessão a serem anotadas são:

- A. Quando o TA sobe (em quê?)
- B. Quando o TA desce (em quê?)
- C. Quando ocorre uma F/N (em quê? - alguma cognição?)
- D. Quando ocorrem VGIs (em quê?)
- E. Quando ocorrem Bis (em quê?)
- F. Como correu o processo (quais os comandos que estão a ser percorridos?)
- G. Leituras.

Devem tomar-se notas sobre o TA e hora em intervalos regulares durante a sessão.

Quando um processo atinge o EP, escreve-se a cognição do Pc, inscreve-se a F/N num círculo e se foi ou não indicada, anotam-se os indicadores do Pc, hora e TA.

Ao fazer 2WC sobre um assunto é essencial que todos os itens (terminais, declarações, etc.) que lerem sejam marcados como tal nas folhas de trabalho (LF, LFBD). Todos os itens que tiverem leitura são inscritos num círculo verde após a sessão.



Itens R/S, situações de Ética, Facs de Serviço e Propósitos Malévolos são circundados a vermelho nas folhas de trabalho, depois da sessão.

ESTENOGRAFAR

Os Auditores desenvolvem normalmente um sistema de estenografar as ações feitas na sessão, de maneira a que a velocidade da sessão não seja embarracada pela Admin.

Por exemplo, o processo repetitivo:

- Recorda uma mudança
- Recorda uma não mudança
- Recorda uma mudança falhada

é manejado como enquadramento (ao PC é dado o primeiro comando, depois o segundo e depois o terceiro e então o primeiro, o segundo, etc.)

O primeiro comando pode ser chamado 1, o segundo 2 e o terceiro 3.

A W/S então ficaria assim:

12.32		2.8
uma ✓		
mudança ✓		
falhada ✓		
não-mudança ✓		
recorda	(F/N)	

(note que cada palavra do comando é clarificada antes de clarificar o comando como um todo)

1.
clarificado
2.
clarificado
3.
clarificado

12.49		2.6
1. A mãe foi para férias		



2. na escola
3. não vendi a bicicleta
1. mudei-me para uma casa nova
2. etc.

Depois da sessão, quando os comandos completos são escritos no Relatório do Auditor, os números são outra vez anotados de maneira a que o C/S se possa referir a eles.

QUALQUER QUE SEJA O SISTEMA DE ABREVIATURAS USADO PELO AUDITOR, A FOLHA DE TRABALHO TEM QUE COMUNICAR AO C/S AS AÇÕES FEITAS DURANTE A SESSÃO.

LEGIBILIDADE

As folhas de trabalho devem ser legíveis. Nunca são recopiadas.

O Auditor deve ler sempre as suas W/S do princípio ao fim antes de mandar a pasta para o C/S, e se faltarem palavras ou letras ou se forem ilegíveis, devem ser postas em letra de imprensa, a vermelho.

Exemplo:

TOTALMENTE

Quero ficar toظعle bem



(palavra ilegível)

Isto pode ser exagerado, até se tornar quase um sarcasmo. No máximo deve atingir somente uma ou duas correções por página. Se o Auditor tem de corrigir a página mais do que isso, então deve aprender a escrever rápida e legivelmente. Veja-se o HCOB 3/11/71 C/S Série 66, “Folhas de Trabalho do Auditor” que também aparecem como *Admin. do Auditor Série 15* e que vem a seguir nesta série.

NECESSIDADE DAS FOLHAS DE TRABALHO

É um CRIME dar qualquer sessão sem fazer um Relatório do Auditor, (isto é, a própria W/S feita nessa altura) ou copiar as W/Ss originais depois da sessão e apresentar uma cópia em vez dos relatórios reais.

Os Relatórios de Assists apenas de Contacto ou Toque, são feitos depois da sessão e enviados para a Admin do HGC (Centro de Orientação Hubbard) a fim de serem arquivadas na pasta do Pc. O Pc é enviado ao examinador depois de um assiste.

Refs:	HCOPL 19 Nov. 65	“Relatórios de Audição”
	HCOB 7 Maio 69	“Resumo de Como Escrever um Relatório do Auditor”
	Fita 12 Jun. 71	“Bem-vindo ao Curso de Estagiário de Flag”
	HCOB 3 Nov. 71	“As Folha de trabalho do Auditor” C/S Série 66
	Fita 7 Abril 72	Dn Exp. fita 3, “Admin do Auditor”



BDCS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 3 DE NOVEMBRO DE 1971

Reemit. 6.11.72 como
Admin do Auditor Série 15
C/S Série 66

FOLHAS DE TRABALHO DO AUDITOR

Uma maneira mito rápida dum C/S se tramar a ele próprio é não insistir numa BOA LETRA LEGÍVEL. Quando o C/S tem auditores que não escrevem bem e depressa, fica com palavras mal-entendidas ao procurar ler as folhas de trabalho.

Uma solução temporária é mandar o auditor escrever a palavra a vermelho em maiúsculas por cima de cada palavra difícil de ler. Alguns auditores vão ao extremo de escrever toda a folha de trabalho em maiúsculas.

A solução mais duradoura é mandar os auditores para Cramming praticar a escrever BEM e CLARAMENTE não importa quão lentamente e, depois, mantendo a mesma clareza, acelerá-lo. O auditor, depois de muitas sessões práticas como estas, acaba por escrever clara e rapidamente. Isto pode ser melhorado até um auditor poder escrever claramente, tão depressa como uma pessoa fala.

As dores de cabeça ocasionais que um C/S possa Ter não são da restimulação do caso que está a estudar, mas das palavras das folhas de trabalho que não consegue descortinar.

Se um C/S não insiste, tanto na clarificação com letra de imprensa como na prática da escrita do auditor, acabará por não ler as folhas de trabalho e pode até ficar enevoado sobre certos casos.

Um remédio é voltar aos primeiros folders não compreendidos e clarificar as palavras e depois manter DENTRO este HCOB da série de C/S.

L. Ron Hubbard
Fundador

P.S. No Século 19 as secretárias escreviam lindamente por extenso mais depressa do que uma pessoa falava. Por isso não diga que não pode ser feito.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 8 DE MARÇO DE 1971

Copiar

Chapéu do Examinador

Chapéu dos Serviços Técnicos

(Substitui e revê as PLs do HCO de 9 de Maio de 69 e 26 Jan. AD 20,
“Folha de Exame”)

IMPRESSO DE EXAME

(Nota Importante: Esta Folha é tratada exatamente de acordo com a PI de 26 de Jan. AD20 e NINGUÉM PODE EXAMINAR SEM TER UM EXAME ESTRELA NESSA PL e no B de 5 de Março de 71 (Série do C/S 25) E UM CURSO DE E-METRO. Os estudantes e PCs podem ficar muito perturbados, os resultados dos PCs das Orgs e os resultados dos cursos arruinados se as funções deste posto forem feitas incorretamente.)

Após Sessão: _____ Local: _____

Nome do PC ou Pré OT: _____

Voluntariado: _____ Data: _____

Último Grau Atingido: _____

Médico: _____ Hora: _____

Grau, Curso ou Ação a ser Atestada: _____

Nome do PC ou Pré OT: _____

Último Grau Atingido: _____

Grau, Curso ou Ação a ser Atestada: _____

Declarações do PC (escreva exatamente o que o PC disser.)

Posição do TA e quaisquer BD: _____ Indicadores do PC: _____

Estado da Agulha: _____

F/N Indicada ao PC: _____

Assinatura do Examinador: _____



ENCAMINHE ESTA FOLHA PARA OS SERVIÇOS TÉCNICOS QUE A ENCAMINHARÃO PARA A PASTA DO PC.

QUANDO É RELATADA DOENÇA PREENCHA ESTA FOLHA COM PAPEL QUÍMICO E ENCAMINHE O ORIGINAL PARA OS SERV. TECH. E A CÓPIA PARA O OFICIAL MÉDICO OU SEC. DE QUAL.

ENCAMINHE URGENTEMENTE QUAISQUER RELATÓRIOS POSTERIORES DE MONTA-NHA-RUSSA OU DOENÇA PARA A PASTA A FIM DE EVITAR ERROS DO C/S.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR

LRH:mes:dr



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972RA
Emissão VI
Revisto & Reeditado 30 Ago 74 como BTB
Revisto 20 Nov. 74

Remimeo
Examinador de Pc
Chapéu

CANCELA
BTB DE 6 Nov. 72R
Emissão IV
MESMO TÍTULO

Série de Admin do Auditor 11RA

O RELATÓRIO DE EXAME

(Junta a este BTB a PL 8/3/71 “Formulário de Exame”)

O Relatório de Exame é um relatório feito pelo examinador de Qual, quando o Pc vai ao exame depois da sessão ou se apresenta de sua própria vontade.

CONTEÚDO

O Relatório de Exame contém os detalhes do E-Metro, indicadores e declaração do Pc.

A PL junta “Formulário de Exame” é preenchida como se segue:

No topo à esquerda:

Se DEPOIS DA SESSÃO, põe uma chamada nessa linha. Se depois de Solo, escreve com letra de imprensa SOLO na linha. Se uma pergunta feita ao Pc pedida pelo C/S (e não depois da sessão), escreve na linha a letra de imprensa PERGUNTA DO C/S. Se VOLUNTÁRIO, põe uma chamada grande. Se MÉDICO faz um círculo na palavra Médico e escreve ENTRADA ou SAÍDA se o Pc vai entrar ou sair do circuito médico, ou RELATÓRIO, se for o caso.

No topo à direita:

DIV. QUAL: Quando a PL “Formulário de Exame” é policopiada, o nome da Org pode vir já impresso, o que evita muita escrita.

Anota a DATA, P.ex. 4 Jun. 72.

Anota a HORA, p.ex 18.03.

A Data e a Hora são importantes pois evitam alterações de sequência.

O NOME DO PC ou Pré-OT é escrito em letra de imprensa.

ÚLTIMO GRAU ATINGIDO: é importante do ponto de vista do C/S, visto que lhe poupa DEV-T a procurá-lo através da pasta.



GRAU, CURSO OU AÇÃO A SER ATESTADO: O que quer que seja que está a ser declarado, escreve-se DECLARAR ao longo da linha e o Grau, Estado, Curso ou Ação a ser declarado.

DECLARAÇÃO DO PC: Escreve exatamente o que o PC disser. Anota também o que ler, BDs, e onde os seus indicadores mudarem e variarem, o tom em que as declarações são feitas e assim por diante.

POSIÇÃO DO TA E QUALQUER BD: Anota a posição do TA no início do exame e a posição no final, se for diferente.

OS INDICADORES DO PC são avaliados pela seguinte escala:

VBIs	Muito Maus Indicadores
BI	Maus Indicadores
POBRES	Indicadores Assim-assim
O.K.	Indicadores Aceitáveis
GI	Bons Indicadores
VGI	Muito Bons Indicadores
VVGI	Muito, Muito Bons Indicadores

Contudo, anota qualquer manifestação óbvia que possa ajudar o C/S.

Exemplos:

BI	Pc a chorar
O.K.	Pc a franzir o sobrolho
VVGI	Pc radiante, pele muito rosada

ESTADO DA AGULHA: é importante visto que diferentes manifestações da agulha indicam coisas diferentes, isto é, R/S, DN., RISE, etc.

Nas F/Ns anota também a amplitude:

F/N Pequena	=	1" a 2"
F/N Normal	=	2" a 3"
F/N Amplia	=	3" a 4"
F/N Quadrante	=	A flutuar de um extremo ao outro do quadrante
F/TA	=	A agulha não fica no quadrante, e cai imediatamente.

Aqui é possível por vezes obter a amplitude do TA, p.ex. a agulha aparece no quadrante a 2.3 e outra vez a 2.5. Isto seria indicado como um F/TA = 2.5 - 2.3.

O tamanho das F/Ns é importante. Um F/TA no final da sessão e uma pequena F/N no Examinador, indicaria algo de mal.

ASSINATURA DO EXAMINADOR: O impresso nesta linha é assinado pela pessoa que fez o exame.

SENSIBILIDADE: Todos os exames são feitos com a sensibilidade apropriada segundo o B-18/3/74 “Ajustamento da Sensibilidade do E-Metro”.



PLACAS DE PÉS: Se o Pc é auditado com placas de pés deve ser examinado com placas de pés. Isto é anotado escrevendo PLACAS DE PÉS acima da leitura do TA.

ETIQUETAS VERMELHAS

Definições:

UMA AGULHA FLUTUANTE “é o movimento indolente e não influenciável da agulha no quadrante sem quaisquer padrões ou reações. Pode ser tão estreito como 1” ou tão amplo como toda a largura do quadrante. Não pende nem cai para a direita do quadrante. Move-se para a esquerda e para a direita com a mesma velocidade. É observada num E-Metro Mark V calibrado com o TA entre 2.0 e 3.0 com GIs no Pc. Pode ocorrer depois de um BD do TA, por cognições ou começa simplesmente a flutuar. O Pc pode ou não exprimir a cognição.” LRH

UM EXAME DE TIRA VERMELHA é aquele em que o Examinador observa qualquer das seguintes manifestações no Pc após a sessão:

1. Posição não-ótima do TA (acima de 3.0 ou abaixo de 2.0);
2. Agulha não-ótima (agulha quebra de ARC, Estádio Quatro, R/S, Presa, Parada ou Suja)
3. Maus Indicadores segundo o B-26/4/69 “*Maus Indicadores*”
4. Declaração não-ótima do Pc, crítico, hostil, depreciativo, triste, etc.
5. Relatório de doença depois da sessão ou alguns dias depois de uma Ação Maior de Audição.
6. Grande Out-Tech na sessão que poderia causar perturbações no Pc.
7. Declaração “falhou” acompanhada por um BER.

Quando um EXAME COM TIRA VERMELHA acontece o Examinador prende com um clipe uma tira vermelha ao Forma de Exame. Folders com Etiquetas Vermelhas não devem ser mantidos pelo Auditor até ao fim do dia. Eles vão imediatamente para o C/S e são tratados numa base urgente de prioridade.

RELATÓRIOS DE EXAMES MÉDICOS

Um Pc vai para o *Oficial de Ligação Médica* via o Examinador. O MLO escreve um relatório para o Oficial de Ética. O Examinador faz uma cópia a papel químico (ou copia o Forma de Exame original) e dá-o imediatamente ao MLO e leva o original rapidamente aos Serviços Técnicos. Os Serviços Técnicos pegam nos Folders e enviam-nos rapidamente ao C/S ou ao C/S do Pessoal, se se trata de um de pessoal doente.

Isto DEVE entrar na pasta do Pc para evitar que o C/S ordene uma ação maior num Pc doente.

O Relatório de Exame é manejado de modo semelhante quando o Pc sai das linhas do MLO.

O MLO envia um relatório diário ao C/S sobre TODAS as pessoas que estão nas suas linhas com um relatório final quando saem, com o Exame junto.

LOCALIZAÇÃO NA PASTA

A Forma do Relatório de Exame é colocado na pasta por cima da Forma do Relatório do Auditor (ou Relatório Sumário se for usado).

As Formas de Relatórios de Exame Voluntários são colocados na pasta segundo a respetiva data.



É da responsabilidade dos Serviços Técnicos (Admin, HGC) zelar para que estes impressos entrem na pasta.

Refs: HCOB 21 Out. 68 “Agulha flutuante”
HCOPL8 Set 70 “A Regra das 24 Horas do examinador”
HCOB 5 Mar 71 C/S Série 25, “A Nova Fantástica Linha do HGC”
BPL 26 Jan 70 “O examinador e Agulha Flutuante”
Ordem de Flag 259 3 Março 71 “atual Política de C/S”
BTB 20 Jan 73RB C/S Série 86RB, “A Linha de Etiqueta Vermelha”
Rev. 18.9.74

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão III
Revisto & Reeditado a 27 Jul. 74 como BTB
(Revisão neste tipo de letra)

Remimeo

CANCELA
HCOB 6 NOV. 72
Emissão III
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 10R

O C/S DO AUDITOR

O C/S do Auditor é uma folha na qual o Auditor escreve as instruções de C/S para a sessão seguinte. Isto é conforme C/S Série 25.

Página em branco

Nome do pc (a vermelho) _____ Data: _____

Nome do Auditor (a vermelho) _____

Classe de Auditor requerida para a sessão seguinte: _____

Grau da Sessão (deixar em branco) _____

Comentário (a vermelho) ou pensamento do Auditor a respeito do caso se desejar fazê-lo.

O C/S seguinte:

1. _____ (a azul)

2. _____ (a azul)

3. _____ (a azul)

4. _____ (a azul)

Assinatura do Auditor (a vermelho) _____



O Auditor não dá a nota à sua própria sessão. Deixa o espaço em branco.

POSIÇÃO NA PASTA

As instruções do C/S para a sessão ficam por baixo da mesma sessão; assim temos o C/S de 4.6.68, a Sessão de Audição de 4.6.68, o C/S de 5.6.68, a Sessão de Audição de 5.6.68, o C/S de 7.6.68, etc., etc.

SITUAÇÃO ÉTICA

Na parte dos comentários do Auditor, seriam anotadas quaisquer Situações de Ética que possam ter surgido na sessão.

Ref: HCOB 25 Jun. 70 *C/S Série 11*

HCOB 05 Mar. 71 *C/S Série 25*“A NOVA FANTÁSTICA LINHA DO HGC”

FITA 7 Abr. 72 - Dn Exp. Fita 3 “ADMINISTRAÇÃO DO AUDITOR”

BDCS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 4 DE DEZEMBRO DE 1977

LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO

A seguinte lista foi organizada a fim de evitar constantes interrupções para ir buscar dicionários, listas preparadas, etc., etc., e no interesse vital de manter o pc tranquilamente em sessão, interessado no seu próprio caso e disposto a falar com o auditor.

O auditor deve exercitar-se nesta lista de verificação até tê-la apreendido completamente, sem precisar de recorrer a ela.

A. ANTES DA HORA MARCADA PARA A SESSÃO:

1. Nota de pagamento do pc _____
2. Pastas do pc:
 2. a) Atuais _____
 2. b) Anteriores _____
3. Estudo por parte do auditor da pasta do pc _____
4. Sumário de Erros de Pasta _____
5. C/S para a sessão _____
6. Quaisquer ações de 'Cramming' a respeito do C/S _____

B. MARCAÇÃO:

7. Tempo suficiente para fazer a sessão _____
8. MARCAÇÃO DA HORA (feita pelo auditor ou Serviços Técnicos) _____
9. Quadro de Compromissos (auditor, pc, sala, hora) _____

C. PREPARAÇÃO DA SALA:

10. Limpeza da sala _____
11. Ausência de odores _____
12. Temperatura da sala resolvida _____
13. Fazer avisos de silêncio para a zona e para a entrada _____
14. Avisos de silêncio colocados _____
15. Conhecimento de onde fica o WC _____
16. Mesa de tamanho certo, firme, sem ranger _____
17. Mesa lateral _____



18. Luz adequada se a sala ficar escura _____
19. Lanterna para o caso de faltar a luz _____
20. Relógio silencioso _____
21. Cobertor, para o caso do pc sentir frio _____
22. Ventilador ou Ar Condicionado para o caso do pc sentir calor demais _____

D. MATERIAL DE AUDIÇÃO:

23. Papel para Folhas de Trabalho e listas _____
24. Esferográficas ou lápis _____
25. Kleenex _____
26. Antitranspirante, para palmas suadas _____
27. Creme para mãos, para palmas secas _____
28. Dicionários, incluindo o Técnico, o de Admin. e um não-abreviado da língua em causa. _____
29. Gramática _____
30. Material de audição, Formulários de Assessment Original, listas preparadas, inclusive as que poderão ser necessárias ao lidar com outras listas preparadas. _____
31. E-Metro _____
32. Metro sobresselente _____
33. Verificação preliminar de carga e condição operacional do metro _____
34. Anteparo do metro (para encobri-lo da vista do pc) _____
35. Aviso 'Em Sessão' para a porta _____
36. Fios extras para o metro _____
37. Latas de tamanhos diferentes _____
38. Um saco de plástico para cobrir uma lata, no caso dos pcs que encostam uma lata à outra _____
39. Conclusão da preparação da sala para a sessão _____

E. ENTRADA DO PC NA SALA DE AUDIÇÃO:

40. Aviso de 'Em sessão' pendurado na porta _____
41. Campainha do telefone desligada _____
42. Colocação do pc na cadeira _____
43. Verifique com o pc se a cadeira é confortável; resolver _____
44. Ajuste da cadeira do pc _____
45. Verificar se as roupas ou sapatos estão apertados; resolver _____
46. Verificar com o pc se a sala está satisfatória; resolver _____



F. AJUSTE DO METRO PARA A SESSÃO:

- | | |
|---|-------|
| 47. Verificar o Teste (quanto à carga) | _____ |
| 48. Ver que a agulha não esteja a dançar ou a auditar sozinha | _____ |
| 49. Certifique-se que 2.0 = 2.0 pelo botão calibrador | _____ |
| 50. Colocar a ficha no metro | _____ |
| 51. Verificar a calibragem pela resistência de calibragem
colocada nas fichas crocodilo | _____ |
| 52. Colocar a agulha no 'Set' | _____ |
| 53. Colocar o pc nas latas | _____ |
| 54. Ajustar a sensibilidade do pc para uma queda
de 1/3 do mostrador através do aperto das latas | _____ |
| 55. Percorrer a Lista de Correção de TA Falso, se necessário,
incluindo mudança de latas, creme e antitranspirante | _____ |
| 56. Fazer o pc inspirar fundo, aguentar o ar por um momento e
soltá-lo pela boca, para ver se a agulha produz uma queda
retardada (que é o que deveria acontecer) | _____ |
| 57. Verificar se o pc dormiu o suficiente | _____ |
| 58. Certificar-se de que o pc comeu e não está com fome | _____ |
| 59. Perguntar se há alguma razão para não começar a sessão | _____ |

G. COMEÇAR A SESSÃO:

L RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO QUATRO: - RUDIMENTOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE AGOSTO DE 1978

Emissão I

Remimeo

Todos os auditores

RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO

(Ref: HCOB 15 Ago 69, Voar Ruds)

(NOTA: Este boletim de nenhum modo resume toda a informação sobre Quebras de ARC, PTPs, WHs falhados (MWHs) ou sobre a resolução de rudimentos. Existe toda uma tecnologia e informação ao longo dos Volumes Técnicos e livros de Cientologia de que o auditor estudante necessitará à medida que progride pelos níveis).

Um rudimento é aquilo que é usado para preparar o preclaro para ser auditado nessa sessão.

A fim de que a audição tenha de algum modo lugar, o preclaro tem de estar em sessão o que significa:

1. Disposto a falar ao auditor.
2. Interessado no seu próprio caso.

É só isto que queremos obter com os rudimentos. Queremos preparar o caso para ser auditado e não para auditar o caso.

As Quebras de ARC, PTPs e Contenções (WHs), todos impedem o curso da sessão. É de a técnica elemental de audição saber que auditar sobre uma Quebra de ARC pode fazer baixar o gráfico de uma pessoa, prendê-la às sessões ou piorar o caso e que, na presença de PTPs, Overts e WHs falhados (um overt encoberto restimulado) não podem ocorrer ganhos. São, portanto, estes os rudimentos o que mais nos preocupa introduzir no início de uma sessão para que a audição com resultados possa ocorrer.

OBTER A F/N

Se conhecer a estrutura do banco você sabe que, se algo não se liberta, é necessário encontrar um item anterior.

Se um Rud não dá F/N, então existe um elo anterior (ou vários) que está a impedir a F/N.

Temos assim esta regra e procedimento:

SE UM RUD LER VOCÊ LEVA-O SEMPRE A ANTERIOR SEMELHANTE ATÉ F/N.

A pergunta usada é:

"Existe (uma Quebra de ARC) ou (Problema) ou (WH FALHADO) anterior semelhante?"

Se no início de uma sessão os rudimentos estiverem *dentro* (a agulha a flutuar e o preclaro com VGIs), o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se não, o Auditor tem de limpar um Rud ou os Ruds, de acordo com o que for determinado pelo C/S.



QUEBRAS DE ARC

ARC: Uma palavra formada a partir das letras iniciais de Afinidade, Realidade e Comunicação que juntas equivalem a Compreensão.

QUEBRA DE ARC: Uma queda ou corte súbito da Afinidade, Realidade, Comunicação ou Compreensão da pessoa para com alguém ou algo. Perturbações com pessoas ou coisas surgem quando há uma redução ou rompimento de Afinidade, Realidade, Comunicação ou compreensão.

Embora a regra do E/S se aplique totalmente às quebras de ARC, há uma ação adicional na limpeza de quebras de ARC que permite ao preclaro detetar exatamente o que sucedeu e que originou a perturbação.

Uma Quebra de ARC é chamada, "quebra de A-R-C" em vez de perturbação porque, se descobrir qual dos três pontos da compreensão foi cortado pode-se obter uma rápida recuperação do estado de espírito da pessoa.

Nunca audite por cima de uma Quebra de ARC e *nunca audite* a própria Quebra de ARC. Ela não pode ser auditada. Mas pode ser sujeita a uma *verificação* a fim de localizar os elementos básicos do ARC onde se encontra a carga.

Assim, para resolver uma Quebra de ARC, faz a verificação de Afinidade, Realidade, Comunicação e Compreensão a fim de descobrir em qual destes pontos ocorreu a quebra.

Tendo-o determinado, faz agora a verificação do item encontrado (A, R, C ou U (U=Understanding = Compreensão) seguido da Escala CDEI Expandida (curiosidade, desejada, imposta, inibida, nenhuma e recusada).

Com esta verificação a verdadeira carga ultrapassada pode ser localizada e indicada ainda com mais exatidão, permitindo assim ao preclaro estoirá-la.

A verificação é feita em cada Quebra de ARC à medida que vai para anteriores semelhantes até que o rудиментo esteja limpo com F/N e VGI's.

A primeira pergunta de rudimentos é:

Por uma quebra em
Aflição?
Realidade?
Comunicação?
Compreensão?

Faz a verificação *uma vez* e obtém a leitura (ou a maior leitura) que foi, por exemplo, em Comunicação.

4. Verifique-a com o preclaro: "Foi uma quebra em (comunicação)?" Se ele disser que não, volta a manejá-lo. Se disser que sim, deixe-o falar disso se assim o desejar. Depois indique-lha: "Gostaria de te indicar que *foi* uma quebra em comunicação".

CONTANTO QUE TENHA SIDO APANHADO O ITEM CORRETO, o preclaro vai animar-se, mesmo que só um pouco, *na primeira verificação*.

NOTA: No passo 4 o preclaro pode originar, por exemplo: "sim, acho que foi em comunicação, mas, para mim, tratou-se mais de uma quebra em realidade". O Auditor sensato acusaria a receção e indicaria que tinha sido uma quebra em "realidade".

5. Apanhando o item encontrado no passo 4, faz a sua verificação em conjunto com a Escala CDEI:



"Foi:

Curiosidade acerca de Comunicação?

Comunicação	Desejada?
Comunicação	Forçada?
Comunicação	Inibida?
Nenhuma	Comunicação?
Comunicação	Recusada?"

6. Tal como nos passos 3 e 4, faz a verificação uma vez, obtém o item e verifica-o com o preclaro:

"Foi comunicação desejada?"

Se não foi, volta a manejar. Se foi, indica-o.

7. Se não houver F/N neste ponto, segue-a para anterior com a pergunta:

"Existe uma Quebra de ARC anterior e semelhante?"

8. Obtém a Quebra de ARC anterior semelhante, introduz ARCU, CDEINR, indica. Se não houver F/N, repete o Passo 7, continua a ir a anterior usando sempre o ARCU CDEINR, até obter uma F/N.

Quando tiver a F/N e os VGIs, acabou.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

PROBLEMA: Um conflito surgindo a partir de duas intenções opostas. Trata-se de uma coisa contra outra. Uma intenção contra outra intenção que preocupa o preclaro.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE: Um problema especial que existe no universo físico agora e no qual o preclaro tem a atenção presa.

...Qualquer conjunto de circunstâncias que prende a atenção do preclaro de tal maneira que ele sente que deveria estar a resolvê-lo em vez de estar a ser auditado.

Há uma violação de "em sessão" quando a atenção do preclaro está fixa nalguma preocupação que está "agora, ali mesmo" no universo físico. A atenção do preclaro está "lá" e não no seu caso. Se o auditor passar por cima disso e não resolver o PTP, então o preclaro nunca estará em sessão, começa a ficar agitado, tem uma Quebra de ARC e não serão obtidos resultados pois o preclaro não está em sessão.

A segunda pergunta de rudimentos é:

1. "Estás com um problema de tempo presente?"
2. Se houver, faz com que o preclaro o conte.
3. Se não houver F/N, leva-o a um anterior com a pergunta:
"Existe um problema anterior e semelhante?"
4. Obtém o problema anterior e, se não houver F/N, segue-o até um anterior semelhante, e outro e outro até F/N.

WITHHOLD FALHADO

ATO OVERT: Um ato nocivo cometido intencionalmente num esforço para resolver um problema.

Uma não ação ou uma ação que faz o menor benefício ao menor número de dinâmicas ou o maior prejuízo ao maior número de dinâmicas.

Aquilo que você faz e que não deseja que lhe aconteça a si.



WITHHOLD(WH): Um ato nocivo (contra a sobrevivência) encoberto. Algo que o preclaro fez e de que não está a falar.

WITHHOLD FALHADO (MWH): Um ato nocivo encoberto que foi restimulado por outrem, mas não descoberto. Trata-se de uma Contenção que outra pessoa quase descobriu, deixando aquele que tem a Contenção num estado de dúvida sobre se o seu ato contido foi ou não descoberto.

Um preclaro com um WITHHOLD FALHADO não estará honestamente "disposto a falar ao auditor" e, portanto, não estará em sessão até que o WITHHOLD FALHADO tenha sido arrancado.

Falhar uma CONTENÇÃO ou não obter o seu todo é a única fonte de Quebras de ARC. Um WITHHOLD FALHADO é detetado por um dos seguintes factos:

O preclaro não fazer progressos;

O preclaro a criticar o auditor, zangar-se com ele ou a dizer mal dele;

O preclaro a recusar falar ao auditor;

O preclaro sem vontade de ser auditado;

O preclaro a dormitar, exausto, nebuloso no final da sessão;

Havingness em baixo;

O preclaro a dizer que o auditor não é bom, exigindo a reparação dos erros;

O preclaro crítico da Cientologia, das Organizações ou das pessoas da Cientologia;

Falta de resultados de audição;

Fracassos na disseminação.

(Ref: HCOB 3 Maio 62, "Quebras de ARC, WHs Falhados)

O auditor *não* pode passar por cima de qualquer manifestação de WITHHOLD FALHADO.

Portanto, se o preclaro tiver um WITHHOLD FALHADO, obtém o que ela é, tudo o que ela é, usando o sistema descrito abaixo, e usa o mesmo sistema em cada WITHHOLD FALHADO anterior semelhante até obter a F/N.

A terceira pergunta de rudimentos é:

1. " Um WITHHOLD foi falhado (deixado escapar)?"
2. Se obtiver um WITHHOLD FALHADO, descubra:
 - (a) O que foi o WITHHOLD?
 - (b) Quando foi?
 - (c) É tudo sobre o WITHHOLD?
 - (d) **QUEM** o falhou?
 - (e) O que é que ele (ou ela) fez que te deixou na dúvida se saberia ou não?
 - (f) Quem mais a falhou? Repete (e).

Obtenha outra e outra pessoa que a tenha falhado usando o botão suprimido sempre que necessário, repetindo o passo (e).

3. Limpe-a até F/N ou, se não der F/N, leva-a a anterior semelhante com a pergunta:
"Há um WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante?"
4. Trate cada WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante que obtiver com o passo 2 até F/N.



SUPRIMIDO

Se um rudimento não der leitura nem F/N, introduza o botão suprimido, usando:

"Na pergunta 'Está com uma Quebra de ARC?' alguma coisa foi suprimida?"

Se der leitura, faça ARCU CDEINR, anterior semelhante, etc.

Use Suprimido do mesmo modo para PTPs e WHs falhados sem leitura.

FALSO

Se o preclaro protestar, fizer comentários ou parecer espantado, introduza o botão Falso. A pergunta é:

"Alguém disse que tinhas um(a) _____ quando não tinhas?" Obtenha quem, como, quando e leve-o, se necessário, a anterior para F/N.

FENÓMENOS FINAIS

Nos rudimentos, quando obtém a sua F/N e a carga se afastou, indique-o. Não empurre o preclaro para algum outro tipo de "EP" (End Phenomena = Fenómenos Finais).

Quando o preclaro tem F/N com VGIs, acabou.

TA ALTO OU BAIXO

Nunca tente limpar Ruds com um TA alto ou baixo.

Vendo um TA alto ou baixo no início da sessão, o Auditor de Dianética ou Cientologia até Classe II não começa a sessão, mas devolve a pasta ao Supervisor de Caso para que um Auditor de classe mais alta maneje. O C/S mandará fazer a lista de correção necessária por um Auditor Classe III ou acima.

REFERÊNCIAS:

HCOB 15 Ago. 69	Limpar Ruds
HCOB 13 Out. 59	Escala DEI Expandida
HCOB 18 Set. 67	Escalas
HCOB 07 Set. 64 II	Todos os Níveis, PTPs, Overts e Quebras de ARC
HCOB 12 Fev. 62	Como Limpar WHs e WHs Falhados.
HCOB 31 Mar. 60	O Problema de Tempo Presente
HCOB 14 Mar. 71R	Tudo Até F/N
HCOB 23 Ago. 71	Séries do C/S1, Direitos do Auditor
HCOB 21 Mar. 74	Fenómenos Finais
HCOB 22 Fev. 62	WHs, Falhados e Parciais
HCOB 03 Maio 62	Quebras de ARC, WHS Falhados

Estes boletins dão mais informações sobre os rudimentos, quebras de ARC, PTPs e Withholds Falhados. Note, contudo, que esta não é uma lista completa de referências sobre o assunto. Existe muito mais informação nos Volumes Técnicos.

L Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11DE AGOSTO DE 1978

Emissão II

SESSÃO MODELO

1. Preparação da Sessão

Antes da sessão, o auditor tem que se assegurar de que tudo está pronto a fim de garantir uma sessão suave, sem interrupções nem distrações.

Utiliza o HCOB de 4 de Dezembro de 77, "Lista de Verificação para Preparar Sessões e Ajustar um E-Metro", verificando cada ponto da lista.

O preclaro está sentado na cadeira mais distante da porta. Desde o momento em que se lhe pede para agarrar as "latas" até ao final da sessão, ele permanecerá ligado ao E-Metro.

Quando se estabelecer que não há razão para não iniciar a sessão, o Auditor inicia-a.

2. Começo da Sessão.

O Auditor diz: "Começo de Sessão". (Tom 40)

Se a agulha estiver a flutuar e o preclaro com VGIs, o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se assim não for, tem de limpar um rud.

3. Rudimentos

Os rudimentos são limpos de acordo com o HCOB de 11 de Agosto de 78, I, "Rudimentos, Definições e Fraseado".

(Se o TA estiver alto ou baixo no início da sessão ou se o Auditor não conseguir limpar um rud, ele acaba a sessão e envia a pasta para o C/S. Um Auditor de Classe IV (ou acima) pode fazer um Forma Verde ou outra Lista de Correção.

Quando o preclaro tem uma F/N e VGIs, o auditor avança para a ação principal da sessão.

4. Ação Principal da Sessão

- a) Fator-R ao preclaro: O Auditor informa o preclaro do que vai ser feito na sessão:
"Agora vamos tratar de _____".
- b) Clarificar comandos: Os comandos do processo são clarificados de acordo com o HCOB de 9 de Agosto de 1978, II, "Clarificar Comandos".
- c) O processo: O Auditor percorre o processo ou completa as instruções do C/S para a sessão até aos Fenómenos Finais.

Em Dianética os Fenómenos Finais seriam: F/N, apagamento da cadeia, cognição, postulado (se não tiver sido dito junto com a cognição) e VGIs.



Nos processos de Cientologia, os Fenómenos Finais são: F/N, cognição, VGIs. Os Processos de Poder têm os seus próprios EPs.

5. Havingness (TER)

Quando for indicado havingness ou estiver incluído nas instruções do C/S, o Auditor faz cerca de 10 a 12 comandos do Processo de Havingness do preclaro até este estar animado, com F/N e em Tempo Presente. (Nota: Havingness nunca é auditado para esconder ou encobrir o facto de não se ter conseguido F/N no processo principal ou numa pergunta de audição ou de confessional).

(Ref.: HCOB de 7 de Agosto de 78, "Havingness, Descobrir e Percorrer o Processo de Havingness do Preclaro").

6. Final da Sessão.

- a) Quando o Auditor estiver pronto para terminar a sessão, dá ao preclaro um Fator-R de que vai acabar a sessão.
- b) Então, ele pergunta: "Há alguma coisa que queiras dizer ou perguntar antes de eu terminar a sessão?"
O preclaro responde.
O Auditor acusa a receção e toma nota da resposta.
- c) Se o preclaro fizer uma pergunta, responda se puder ou acusa a receção e diz: "Vou tomar nota disso para o C/S".
- d) O Auditor termina a sessão com: "Fim da Sessão". (Tom 40)

(Nota: A frase "É tudo" é incorreta para terminar a sessão e não deve ser usada. A frase correta é: "Fim de Sessão").

Imediatamente após o fim da sessão, o Auditor ou um contínuo leva o preclaro ao Examinador.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 9 DE AGOSTO DE 1978 II

CLARIFICAR COMANDOS

(Ref: HCOB 14 Nov. 65, CLARIFICAR COMANDOS
HCOB 9 Nov. 68, CLARIFICAR COMANDOS, TODOS OS NÍVEIS
HCO PL 4 Abr. 72R ÉTICA TECH DE ESTUDO)

Sempre que percorrer um processo de novo ou o preclaro esteja confuso sobre o significado dos comandos, clarifica todas as palavras de cada comando com o preclaro, usando, se necessário, um dicionário. Desde há muito que isto é um procedimento standard.

Pretende-se um preclaro que corra suavemente, sabendo o que se espera dele e compreendendo exatamente a pergunta que lhe está a ser feita ou o comando que lhe está a ser dado. Uma palavra ou comando de audição mal compreendido pode desperdiçar horas de audição e impedir todo um caso de avançar.

Logo é VITAL a utilização deste passo preliminar sempre que se usa um processo ou um procedimento pela primeira vez.

As regras da clarificação de comandos são:

1. EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA PODE O AUDITOR AVALIAR PELO PRECLARO DIZENDO-LHE O QUE A PALAVRA OU COMANDO SIGNIFICA.
2. TEM SEMPRE CONTIGO, NA SALA DE AUDIÇÃO, OS NECESSÁRIOS (E BONS) DICIONÁRIOS.

Isto inclui o Dicionário Técnico, o Dicionário Administrativo, um bom dicionário de Português e um bom dicionário (não resumido) da língua nativa do preclaro. No caso de um preclaro de língua estrangeira (cuja língua nativa do preclaro não seja a Portuguesa) também vais precisar de um dicionário duplo para essa língua e de Português.

(Exemplo: A palavra portuguesa "maçã" é vista no dicionário Português/Francês e é encontrada "pomme". Agora vê-a no dicionário Francês a definição de "pomme").

Portanto, para o caso de língua estrangeira, dois dicionários são necessários: (1) Português para a língua estrangeira e (2) da própria língua estrangeira.

3. MANTÊM O PRECLARO NAS LATAS DURANTE TODA A CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS E COMANDOS.
4. CLARIFICA O COMANDO (OU PERGUNTA OU ITEM DE UMA LISTA) DO FIM PARA O INÍCIO, CLARIFICANDO EM SEQUÊNCIA CADA PALAVRA DO FIM PARA O INÍCIO DA FRASE.



(Exemplo: Para clarificar o comando "Os peixes nadam?", clarifica "nadam" em primeiro lugar, depois "peixes" e depois "os").

Isto evita que preclaro comece a percorrer o processo sozinho enquanto ainda se está a clarificar as palavras.

4A. NOTA: AS F/Ns OBTIDAS DURANTE A CLARIFICAÇÃO DAS *PALAVRAS* NÃO SIGNIFICAM QUE O PROCESSO TENHA SIDO PERCORRIDO.

5. A SEGUIR, CLARIFICA O PRÓPRIO COMANDO.

O Auditor pergunta ao preclaro: "O que significa este comando para ti?" Se, pela resposta do preclaro, for evidente que ele não comprehendeu uma palavra tal como esta se encontra no contexto do comando, então:

- (a) Volta a clarificar a palavra óbvia (ou palavras) usando o dicionário.
- (b) Fá-lo usar cada palavra numa frase até a "agarrar". (O pior erro é o preclaro usar um novo conjunto de palavras em vez da própria palavra e responder à palavra alterada e não à própria palavra. Ver HCOB 10 Mar 65, Palavras, Erros de Mal Compreensão).
- (c) Volta a clarificar o comando.
- (d) Se necessário repete os passos a, b e c para te assegurares de que ele comprehende o comando.

5A. NOTA: UMA *PALAVRA* QUE REAGE QUANDO SE CLARIFICA UM COMANDO, UMA PERGUNTA DE VERIFICAÇÃO OU DE UMA LISTA, NÃO SIGNIFICA QUE O PRÓPRIO COMANDO OU PERGUNTA TENHAM NECESSARIAMENTE REAÇÃO. AS PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS REAGEM NO E-METRO.

6. AO CLARIFICAR O COMANDO, OBSERVA O E-METRO E ANOTA QUALQUER LEITURA NO COMANDO. (Ref.: B 28 Fev. 71, Série C/S 24, Importante, Medir Itens com Leitura).

7. NÃO CLARIFIQUES OS COMANDOS DE TODOS OS RUDIMENTOS PARA DEPOIS OS CORRERES, NEM DE TODOS OS PROCESSOS PARA MAIS TARDE OS CORRERES. DEIXARÁS DE APANHAR F/Ns. OS COMANDOS DE UM PROCESSO SÃO CLARIFICADOS IMEDIATAMENTE ANTES DE *ESSE* PROCESSO SER CORRIDO.

8. QUEBRAS DE ARC E LISTAS DEVEM TER AS SUAS PALAVRAS CLARIFICADAS ANTES DE UM PRECLARO PRECISAR DELAS E ISSO DEVE SER ASSINALADO NA PASTA DO PRECLARO NUMA FOLHA AMARELA. (Ref.: HCOB 5 Nov. 72R II, Séries de Administração do Auditor 6R, A Folha Amarela).

Visto ser difícil clarificar todas as palavras de uma lista de correção num preclaro que tem uma pesada Carga Ultrapassada, é normal clarificarem-se as palavras de uma L1C e dos rudimentos muito perto do início da audição e clarificar a L4BRA *antes* de se começarem processos de listagem, ou uma L3RF *antes* de se percorrer R3RA. Assim, quando surge a necessidade destas listas de correção, já não temos que clarificar todas as palavras, visto já ter sido feito. Deste modo, estas listas de correção podem ser usadas sem demora.

Também é normal clarificar as palavras da Lista de Correção de Clarificação de Palavras muito cedo na audição e antes das outras serem clarificadas. Deste modo, se o preclaro encravar em clarificações de palavras subsequentes, já se tem a Lista de Correção de Clarificação de Palavras pronta a usar.



9. SE, CONTUDO, O VOSSO PRECLARO ESTÁ EM CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC (OU QUALQUER OUTRA CARGA PESADA) E AS PALAVRAS DA L1C (OU QUALQUER OUTRA LISTA DE CORREÇÃO) AINDA NÃO FORAM CLARIFICADAS, NÃO AS CLARIFICA. AVANÇA E FAZ O VERIFICAÇÃO DA LISTA PARA RESOLVER A CARGA. DE OUTRO MODO SERIA AUDIÇÃO POR CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC.

Neste caso verifica-o simplesmente perguntando depois se ele teve qualquer mal-entendido na lista.

Todas as palavras da L1C (ou de outra lista de correção) seriam então clarificadas totalmente na primeira oportunidade, de acordo com as instruções do Supervisor de Caso.

10. NÃO VOLTES A CLARIFICAR TODAS AS PALAVRAS DAS LISTAS DE VERIFICAÇÃO CADA VEZ QUE A LISTA É USADA NO MESMO PRECLARO. Fá-lo uma vez, total e corretamente logo à primeira e anota claramente na pasta, na folha amarela para consulta futura, que listas standard de verificação foram clarificadas.
 11. ESTAS REGRAS APLICAM-SE A TODOS OS PROCESSOS, PERGUNTAS DE LISTAGEM E VERIFICAÇÃO.
 12. AS PALAVRAS DAS PLANILHAS DOS MATERIAIS DOS CURSOS AVANÇADOS NÃO SÃO CLARIFICADAS DESTE MODO.
-

Qualquer violação da clarificação total e correta de comandos e perguntas de verificação, quer seja feita ou não em sessão, é uma ofensa ética, de acordo com a PL 4 Abril 72R, ÉTICA E TÉCNICA DE ESTUDO, Secção 4, a qual afirma:

"QUALQUER AUDITOR QUE NÃO CLARIFIQUE TODA E QUALQUER PALAVRA DE TODO E QUALQUER COMANDO OU LISTA USADA, PODE SER CONVOCADO PERANTE UM JÚRI DE ÉTICA".

"A acusação é TÉCNICA FORA".

L. Ron Hubbard

Fundador

SECÇÃO CINCO: CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MARÇO DE 1978RB

Rev. 16 JAN. 89

Remimeo

Clarificação de palavras Série 59RB

CLARIFICAR PALAVRAS

Ref.:

HCOB 7 Set. 74

Clarificação de Palavras Série 54

CADA

HCOB 17 Jul. 79RAI

Clarificação de Palavras Série 64RA

Rev..30.7.83 A PALAVRA MAL-ENTENDIDA DEFINIDA

HCOB 13 Fev. 81R

Clarificação de Palavras Série 67R

Rev.25.7.87 DICIONÁRIOS

Na pesquisa relativa à clarificação de palavras, no estudo e treino realizados com vários grupos nos últimos meses, tornou-se demasiado evidente que uma palavra mal-entendida permanece mal-entendida e mais tarde mantém a pessoa presa, a não ser que ela clarifique o significado da palavra no contexto dos materiais que estão a ser lidos ou estudados, e *também* a clarifique nos seus diversos usos da comunicação em geral.

Quando uma palavra tem diversos significados, uma pessoa não pode limitar a sua compreensão a apenas uma das definições da palavra e considerá-la “compreendida”. Ela deve ser capaz de compreender a palavra quando mais tarde for usada de forma diferente.

COMO CLARIFICAR UMA PALAVRA

Para clarificar uma palavra consulta-se um bom dicionário. Os dicionários recomendados são cobertos no HCOB de 13 de Fev. 81R, Rev. 25.7.87, N.º.67R da Série de Clarificação de Palavras, DICIONÁRIOS (para a língua inglesa: NdoT).

O primeiro passo consiste em ler rapidamente as definições para encontrar aquela que se aplica ao contexto em que a palavra foi mal-entendida. Essa definição é lida e usada em frases até ser obtido um conceito claro daquele significado. Isto pode exigir dez ou mais frases.

Em seguida é clarificada cada uma das outras definições dessa palavra, usando cada uma delas em frases até ter uma compreensão conceptual de cada definição.

Em seguida há que clarificar a etimologia, que é a explicação da origem da palavra. Isto ajuda a obter uma compreensão básica da palavra.

Não se clarificam definições técnicas ou especiais (matemática, biologia, etc.) ou obsoletas ou arcaicas (antigas e caídas em desuso) a não ser que a palavra esteja a ser usada nesse sentido no contexto em que foi mal-entendida.

A maioria dos dicionários dá as frases idiomáticas relativas a uma palavra. Uma frase idiomática é uma frase ou expressão cujo sentido não pode ser compreendido pelo sentido corrente das palavras. Por exemplo “a dar com um pau” (literalmente dar pauladas) é uma expressão idiomática que significa “em quantidade”. Um bom número de palavras tem aplicações idiomáticas. Estas são em geral dadas no dicionário depois das definições da palavra em si. Estas frases idiomáticas têm que ser clarificadas.

Também se devem clarificar quaisquer outras informações acerca da palavra, tais como notas sobre o seu uso, sinônimos, etc., para obter uma compreensão total da mesma.

Ao encontrar uma palavra ou símbolo mal-entendido na definição de uma palavra que está a ser clarificada, deve clarificar-se imediatamente por este mesmo processo e em seguida regressar à definição em curso. (Os símbolos e abreviaturas estão habitualmente no princípio do dicionário).

EXEMPLO

Ler a frase “Ele costumava limpar chaminés para ganhar a vida” e não estar seguro do significado de “chaminé”.

Procure-a no dicionário e percorra as definições à procura da que se aplica. Diz lá: “uma conduta para o fumo e gases de um fogo”.

Não tendo a certeza do que quer dizer “conduta” procure-a e encontrará: “canal ou passagem para fumo, ar ou gases de uma combustão”. Isso encaixa e faz sentido, pelo que o usará algumas frases até obter um conceito claro da mesma.

Neste dicionário há outras definições para “conduta”, cada uma das quais será clarificada e aplicada em frases.

Vemos agora a etimologia da palavra “conduta”.

Agora voltamos a “chaminé”. A definição: “conduta” para o fumo ou gases de um fogo”, faz agora sentido. Por isso aplicará a palavra em frases até obter o conceito da mesma.

Depois clarifica as outras definições. O dicionário tem uma definição obsoleta e uma geográfica. Negligencie ambas porque não são de uso comum.

Agora clarifica a etimologia da palavra. Vê-se que vem da palavra grega “kaminos”, que significa “fornalha”.

Se na palavra estiver algum estudo de sinônimos, notas sobre o seu uso ou frases idiomáticas, isto também será clarificado.

E chegaríamos ao fim da clarificação da palavra “chaminé”.

CONTEXTO DESCONHECIDO

Se não souber o contexto da palavra, como nos Métodos de Clarificação de Palavras 1, 5, (quando feitos a partir de uma lista) 6 ou 8, deve começar pela primeira definição e clarificá-las *todas*, além da etimologia, frases idiomáticas, etc., tal como indicado acima.

“CADEIAS DE PALAVRAS”



Se levar muito tempo a clarificar palavras contidas nas definições de outras palavras, deve adquirir-se um dicionário mais simples. Um bom dicionário possibilitará clarificar uma palavra sem ter que procurar uma porção de outras nesta operação.

PALAVRAS CLARIFICADAS

UMA PALAVRA CLARIFICADA É AQUELA QUE FOI CLARIFICADA ATÉ AO PONTO DE COMPREENSÃO CONCEPTUAL TOTAL, CLARIFICANDO CADA SIGNIFICADO COMUM DESSA PALAVRA MAIS QUALQUER SIGNIFICADO TÉCNICO OU ESPECIAL DENTRO DO ASSUNTO A SER MANEJADO.

Isso é uma palavra clarificada. É uma palavra que foi compreendida. Na clarificação de palavras ao E-Metro isto seria acompanhado de Agulha Flutuante e Muito Bons Indicadores. Pode haver mais do que uma F/N por palavra. A Clarificação de uma palavra deve terminar com F/N e VGIs. Fora do E-Metro isto seria acompanhado por Muito Bons Indicadores.

O acima é como uma palavra deve ser clarificada.

Quando as palavras são compreendidas, a comunicação pode ter lugar, e com comunicação qualquer assunto pode ser compreendido.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
St Hill, Grinstead Oriental, Sussex
HCO B DE 1 DE JULHO DE 1971R
Emissão I
REV. 11 JANEIRO 1989

Remimeo
Tech & Qual
Supervisores
Cursos de Supervisor
Ofícias Cramm.
Clarificadores de Palavras
Série Clarificação de Palavras Nº 9R

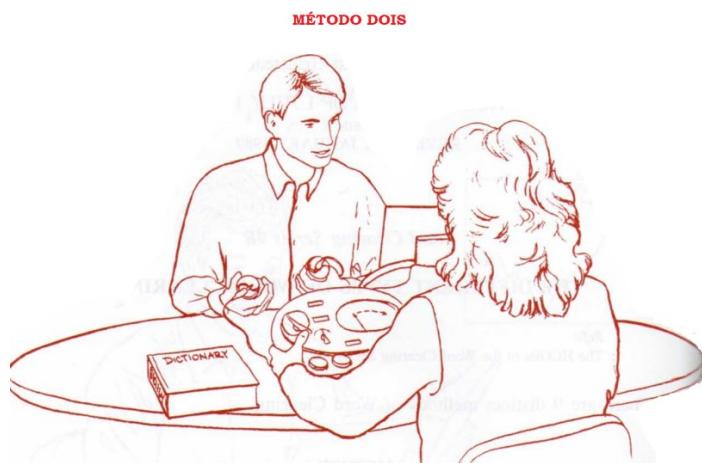
OS DIFERENTES TIPOS DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Refs: Os HCOBs da série de clarificação de palavras

Há 9 métodos distintos de clarificação de palavras.



Isso é feito com e-metro em sessão. É feita uma avaliação completa de muitos, muitos assuntos. Então, o auditor pega em cada assunto com leitura e clarifica uma cadeia de volta para palavras anteriores e/ou palavras de temas anteriores, até obter uma F/N, VGIs. A lista de temas é reavaliada e tratada até toda a lista dar F/N na avaliação.



Esta é uma ação de clarificar palavras com e-metro em materiais específicos. Os materiais são lidos pelo estudante enquanto num e-metro e a palavra mal-entendida é encontrada por leitura do e-metro. Depois é totalmente definida no dicionário. A palavra é então usada várias vezes em frases verbais compostas pelo próprio estudante. A área mal-entendida é então relida até ser compreendida. Quando a pessoa está sempre com F/N nos materiais sob clarificação de palavras, o fenômeno final foi alcançado.



MÉTODO TRÊS



O Método 3 clarificação de palavras é o método de encontrar a palavra mal-entendida de um estudante mandando-o procurar uma palavra que ele não comprehende no texto antes do ponto onde ele está a ter problemas. Quando o estudante não está a voar ou não tão "brilhante" como estava, ele deve procurar antes no texto uma palavra mal-entendida. A palavra é encontrada e então é vista e usada verbalmente várias vezes em frases da sua própria autoria até ter obviamente demonstrado que comprehende a palavra. Quando todas as palavras mal-entendidas são clarificadas e o estudante está luminoso, alto de tom, etc., é-lhe dito para ir em frente no estudo a partir de onde estava o mal-entendido para a área do assunto ele não comprehendeu.

MÉTODO QUATRO



Oficiais de Cramming de Tec e Admin, Clarificadores de Palavras e Supervisores de Curso, usam o Método 4 de Clarificação de Palavras aquando da pesca de uma palavra mal-entendida. O Método 4 vai à pesca da palavra mal-entendida, encontra-a, clarifica-a para F/N, procura outra na área até não haver mais, e F/N, VGIs. A pessoa que faz a clarificação de palavras move-se então para outra área, maneja-a... por fim são manjados todos os mal-entendidos dos quais resultou a ordem de Cramming ou estudante não-F/N.



MÉTODO CINCO



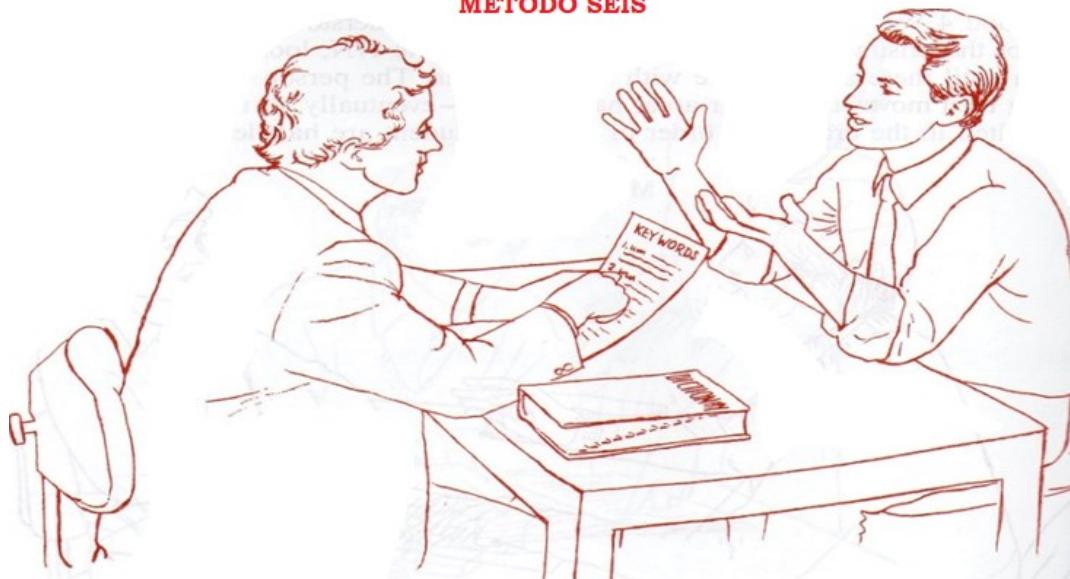
MÉTODO CINCO C/ E-METRO



Este é um sistema no qual o Clarificador de Palavras dá as palavras e a pessoa tem que definir cada uma. É chamado Clarificação de Material. Aquelas que a pessoa não pode definir devem ser vistas. Este método pode ser feito sem e-metro. Ele também pode ser feito com e-metro. O Clarificador de Palavras pergunta: "Qual é a definição de _____?" A pessoa dá-lha. Se houver alguma dúvida, qualquer que seja, ou se a pessoa está um pouco hesitante, a palavra é vista num bom dicionário. Este método é o método usado para clarificar palavras, ou comandos ou listas de Audição.



MÉTODO SEIS



Isso é chamado de Clarificação de Palavras-chave. Ele é usado em postos e assuntos específicos. O Clarificador de Palavras faz uma lista de palavras-chave (ou mais importantes) relativas à função ou posto da pessoa, ou assunto novo. Ele procura cada palavra no dicionário e anota as definições. O Clarificador de Palavras, sem mostrar as definições, pede à pessoa para definir cada palavra. O Clarificador de Palavras verifica a definição na sua lista, para correção *geral*, não palavra por palavra, mas o sentido. Qualquer lentidão ou hesitação ou má definição obriga a pessoa procurar a palavra, e qualquer palavra da definição de que a pessoa não tenha uma apreensão.

MÉTODO SETE



Sempre que uma pessoa está a trabalhar com crianças ou pessoas de língua estrangeira ou semi-analfabetas, é usado o Método 7 de Ler em Voz Alta. Neste método, a pessoa é mandada ler *em voz alta* para se saber o que ela está a fazer. O procedimento é: mandá-la ler em voz alta. Note cada omissão ou mudança na palavra, ou hesitação, ou franzir do sobrolho conforme lê e pegar logo nisso. Corrija-o vendo a palavra ou explicando-lha a ele. Fazendo isso uma pessoa pode ser trazida para a alfabetização.

MÉTODO OITO



Esta é uma ação usada na RD Primário onde uma pessoa está a estudar a tecnologia de estudo ou à procura de uma compreensão completa de um assunto. O seu produto final é super literacia. Em cursos como o RD Primário, onde a clarificação de palavras é a essência do curso, o Método 8 é sempre feito com um parceiro. Geralmente, está disponível ou é fornecida uma lista alfabética de cada palavra ou termo do texto de um jornal, de um capítulo ou gravação. A pessoa e seu parceiro alternam na procura de cada palavra da lista alfabética e usam cada uma em frases até terem o significado conceitual. Eles, então, leem ou ouvem, o jornal, capítulo ou fita para o seu sentido ou significado geral. O Método 4 de Clarificação de Palavras é então feito para localizar quaisquer palavras mal-entendidas. Estas são clarificadas, e o material é lido ou ouvido novamente. Quando em todo o material isto foi feito desta forma, os estudantes serão plenamente capazes de aplicar todo esse material.

MÉTODO NOVE



O Método 9 clarificação de palavras é um modo ilimitado de encontrar as palavras que uma pessoa não entende, num livro ou outro material escrito, mandando-o lê-lo em voz alta para o Clarificador de Palavras que o segue de perto na sua própria cópia dos materiais. Assim que a pessoa comete um erro de leitura ou reage de alguma forma não ótima (tal como mudar uma palavra, juntar uma palavra, deixar de fora uma palavra, deixar parte de uma palavra, tropeçar numa palavra, hesitar ou pausar ou ler mais devagar, falar com o sobrolho ou ficar rígido ou incerto, tenso, bocejar ou ler com esforço), um mal-entendido será sempre encontrado antes desse ponto, ou às vezes nesse mesmo ponto. Quando isso acontece o Clarificador de Palavras pára o estudante e pede-lhe o mal-entendido. Quando a palavra que foi mal interpretada é localizada, é clarificada num dicionário. O estudante ilumina-se e começo a ler novamente clara e corretamente. O resultado final de um Método 9 bem feito é um estudante que tem a certeza de que não tem mal-entendidos no material, para que o possa estudar e aplicar facilmente.



L. RON HUBBARD
Fundador
Revisão assistida por
LRH Pesquisa Técnica e Compilações



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 24 DE JUNHO DE 1971

Clarificação de Palavras Série 2

CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Se alguém fez clarificação de palavras sem estes passos fez mal.

- (1) Com o e-metro, em sessão: é feita uma verificação completa de muitos, muitos assuntos. O *auditor* toma depois cada um dos assuntos com leitura e clarifica a cadeia para trás, de palavras anteriores e/ou palavras em assuntos anteriores, até obter F/N e VGIs.
- (2) Com o e-metro na Sala de Aula: a passagem anterior é lida ao e-metro pelo estudante e a palavra mal-entendida é encontrada. Então é completamente definida segundo o dicionário. A palavra é depois usada várias vezes em frases compostas verbalmente pelo próprio estudante. A área mal-entendida é então relida até ser compreendida.
- (3) Verbal na aula: o estudante diz que não comprehende alguma coisa. O Supervisor manda-o procurar antes no texto a palavra mal-entendida, manda-o procurá-la no dicionário, usá-la verbalmente várias vezes em frases compostas por ele próprio, e depois ler o texto que a continha. Depois vem a frente no texto para a área do assunto que não comprehendia.

Se está a ocorrer outro tipo de clarificação de palavras é Tech Fora.

Há um C/S no HCOB 30 Jun. 71 a ser exatamente seguido na clarificação de palavras dum a sessão. Não siga qualquer outra versão ou excerto. NÃO existe outra maneira de o fazer.

Se não auditar desta maneira ou se não usar a clarificação de palavras desta maneira ou se as palavras não forem assim clarificadas, reporte-o à Ética.

Ocorrendo desenvolvimento e sua emissão, o próximo passo é comprehendê-lo e aplicá-lo EXATAMENTE.

Então, teremos sucesso em ambas, tech e Admin.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 4 DE SETEMBRO DE 1971II

Clarificação de Palavras Série 19

ALTERAÇÕES

Existe uma lei básica no aclaramento de palavras:

NO FUNDO DE TODA A ALTERAÇÃO DE SIGNIFICADO OU DE AÇÃO ESTÁ UMA PALAVRA MAL-ENTENDIDA

Esta lei explica de vez a razão por que a comunicação, aplicação ou ideias são falsificadas, destorcidas e corrompidas.

Esta lei é muito útil no Aclaramento de Palavras:

- A. Indica a quem se tem de fazer aclaramento de palavras RAPIDAMENTE, imediatamente, JÁ, antes se desviam ainda mais dos seus deveres.
- B. Deteta a área onde imediatamente antes existe uma palavra mal-entendida.

O ponto A é útil ao administrador. O facto de o conhecer, de conhecer o aclaramento de palavras e de ser capaz de o aplicar ou de o fazer aplicar pode evitar ao administrador muitas devoluções, transferências incoerentes, a ineficácia geral e tensão na organização.

O ponto B é muito útil para o aclarador de palavras.

Exemplo relacionado com o ponto B: Uma pessoa pode executar uma ordem completamente à exceção “de classificar as pastas” que obstinadamente coloca nos sítios errados. Examine a ordem e encontre o sítio onde ela fala de classificar pastas. Logo acima desta passagem ou logo antes, existirá uma palavra mal-entendida. Localize-a, faça a pessoa identificá-la, defini-la e utilizá-la em frases. A pessoa poderá então classificar pastas!

imediatamente ANTES ou NO sítio onde a pessoa começa a alterar os dados encontraremos uma palavra mal-entendida.

Assim:

1. Descubra aquilo que a pessoa altera.
2. Ache o que vinha logo antes disso.
3. Ache a palavra mal-entendida.
4. Faça vê-la num dicionário.
5. Faça utilizá-la em frases até que provoque uma descida do TA.
6. Termine com F/N e VGIs.

A capacidade para fazer a ação corretamente voltará.

É pura magia.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 13 DE SETEMBRO DE 1971

Clarificação de palavras, Série 13

LOCALIZAÇÃO DE PROBLEMAS

Em Clarificação de Palavras os problemas são na realidade muito poucos.

Existem, contudo, alguns.

É possível que um estudante, ou auditor, ao fazer clarificação de palavras a outrem, possa ele próprio apanhar palavras mal-entendidas a menos que também ele vá ver as definições e as comprehenda, ao mesmo tempo que as clarifica à outra pessoa. Isto não requer passos extra. De facto, seria bastante duro para ele não ver também a definição da palavra.

A pessoa que está a querer “desertar” e a recusar mais Clarificação de Palavras, quase sempre tem um enorme mal-entendido nalguma palavra ainda não localizada. A ação correta é levá-lo atrás e ENCONTRAR E CLARIFICAR A PALAVRA.

Não conseguir bons resultados com o uso dos Métodos 1, 2 ou 3, é curado usando a Lista de Correção de Clarificação de Palavras, HCOB 21 Jul. 71, Rev. 9 Ago. 71.

Esta lista de correção aplica-se a todos os métodos de clarificação de palavras.

Por exemplo, se o Método 2 vai mal e o estudante “de qualquer modo sabia as palavras” ou “não consegue compreender bem” ou fica crítico ou demonstra qualquer outra reação desfavorável que não vence a dificuldade, há sempre uma Lista de Correção de Clarificação de Palavras

Esta lista é feita por um auditor classe III ou acima. É simplesmente miraculosa.

Exemplo: o Estudante gravemente atolado depois do parceiro lhe dar Método 2. Manejo: a Lista de Correção de Clarificação de Palavras por um auditor Classe III.

A Lista de Correção é manejada segundo HCOB 14 Maio 71, “Flutuar Tudo”. Por outras palavras, levar todas as leituras a Agulha Flutuante. Qualquer outra lista pedida pelas leituras da Lista de Correção é levada a F/N e, quando essa lista dá F/N, então consideramos que a Lista de Correção de Clarificação de Palavras Flutuou. (A Lista lê no 4. Erro de Lista. O auditor pega na lista L4B, que corrige listas, e leva todas as leituras a F/N. “4, erro de lista, é marcado com F/N”).

A tecnologia para manejá-la a Lista de Correção de Clarificação de Palavras está toda coberta nos materiais gerais de audição.

Não saber usar o e-metro pode causar problemas.



Está disponível um curso especial de como usar o e-metro. O Livro de Exercícios do E-metro dá todos os exercícios. Não é preciso muito tempo para os aprender. Também há, hoje em dia, e-metros em abundância.

Aprender a ser Auditor Classe III da Academia ou de preferência Classe IV, não é difícil SE utilizarmos a Clarificação de Palavras!

Toda a clarificação de palavras é feita sob a disciplina de O Código do Auditor.

Os TRs podem ser corrigidos num Curso de TRs, no qual se aprende a confrontar, a falar para que possamos ser ouvidos, a acusar a receção, a ser capaz de repetir os comandos e a manejar originações.

Os problemas com clarificação de palavras podem então ser listados como originados na falta de treino. Assim, quem faz clarificação de palavras tem que se organizar para (1) fazer um Curso de TRs, (2) aprender a usar um E-metro e adquiri-lo, (3) aprender O Código do Auditor e, (4) se ainda não é, aprender a ser Auditor Classe III da Academia.

Saber de 1 a 3 acima é essencial para fazer o Método 2 de Clarificação de Palavras. E a perícia de (1) a (3) é muito fácil de adquirir. Além disto, não é assim tão difícil ser Auditor Classe III.

As pessoas pensam que somente os que querem ser auditores profissionais é que estudam na Academia, uma impressão falsa. Não podemos imaginar como um pai ou homem de negócios, ou mãe ou escriturário ou oficial, podem triunfar sem conhecer as bases da reação humana e como manejá-la. Alguém que é classe III ou IV, sabe-o. O profissional autêntico tronase usualmente Classe IV, e os verdadeiros peritos são os Classe VIII, IX e X. É questão de saber quão perito cada um quer ser. Um Classe XII do Navio Flag poderia transformar um caso mental severo de lunático furioso a, não só são, mas brilhante e normal em cerca de 8 ou 9 horas, e de uma pessoa normal a genial entre 15 a 20 horas.

Mas aqui estamos a lidar com toda a extensão da mente humana.

Na Clarificação de palavras Método 2 temos certamente que saber os “TRs”, O Código do Auditor, o E-metro, e para o Método 1 é preciso um Auditor Classe III da Academia.

Veremos que quase todos os problemas vêm duma omissão destes requisitos, E não utilização da Clarificação de Palavras nos materiais que estamos a estudar para alcançar esta perícia.

Muito poucos problemas serão encontrados se este HCOB for seguido.

A Clarificação de Palavras É uma tecnologia de precisão e HÁ algo a saber sobre isso, pois nunca dantes foi conhecida.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 17 DE SETEMBRO DE 1971

BIBLIOTECA

Você vai começar a ter uma ideia da biblioteca que precisa quando tiver feito um grande número de clarificação de palavras.

O importante é perceber que uma biblioteca é necessária.

Numa org ela estará no departamento 14 sob o Bibliotecário.

A maior procura será por dicionários de vários tipos.

Primeiro, há a consideração apenas dos dicionários da língua local. Vários destes, incluindo os de grande porte, devem estar à mão. Os que usam grandes palavras nas definições mantêm um Pc em buscas e buscas e são naturalmente dicionários pobres. Muitas vezes um dicionário dá uma definição melhor do que outro. Assim, uma variedade de dicionários é um primeiro requisito.

Depois vêm os dicionários técnicos ou textos como engenharia, física, medicina, química, mecânica, náutica, aviação, astronomia, militares, etc., etc.

Então veiem Dicionários filosóficos, psiquiátricos e religiosos se podem ser encontrados.

Dicionários de idiomas estrangeiros como Latim, Grego, Francês, etc. são uma obrigação.

Um auditor fazendo clarificação de palavras pode surgir com algumas exigências notáveis.

Textos ou dicionários que abranjam o assunto constante da lista de assessment (Série de clarificação de palavras 8RR) são um início básico.

Consgo imaginar um auditor de clarificação de palavras buscando nas antigas livrarias emboloradas e surgir com triunfo - "Ah, olha! Inestimável. Um dicionário da gíria em campos de petróleo, publicado em 1932! Inestimável!"

Se ficar muito bloqueado e estiver numa grande cidade, *poderia* terminar a sessão e enviar o pc à biblioteca local. Mas se assim for, faça-o anotar a definição. Não é recomendado, mas pode ser feito.

A melhor solução é ter uma boa biblioteca cobrindo os assuntos avaliados.

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 8 DE JULHO DE 1974R
Rev. 24.7.74

Clarificação de palavras Série 53R
(Revisões neste estilo de letra)

CLARIFICAR ATÉ F/N

(A Série 32R de clarificação de palavras foi corrigida como 32RA para exigir F/N em todas as palavras e proíbe a Clarificação de palavras com TA alto).

Não tente a Clarificação de Palavras numa pessoa, *Método 1, 2 ou 4*, cujo TA está alto no início da sessão. Use sim os procedimentos standards de audição por um Auditor da classe requerida para baixar o TA ao nível normal. (Usualmente um C/S Série 53RG e respetivo manejo).

Se o TA está alto no início da sessão não podemos, é claro, flutuar um TA na Clarificação de Palavras, *quando* ele está alto por qualquer outra razão.

Flutue SEMPRE a palavra que está a ser clarificada *no e-metro*. Pode acontecer que exista uma cadeia e a palavra tenha que ir a anterior semelhante. Mas mesmo aí, quando a cadeia é flutuada, as palavras da cadeia que não flutuaram têm que flutuar.

Exemplo: uma palavra *tipo* química leu. Ela não flutua. E/S nela em palavras E/S conduz a uma palestra na escola. A palavra MU flutua. Agora verificamos as palavras tocadas ao ir E/S. Usualmente elas darão logo F/N.

NÃO leve uma quantidade de palavras a agulha “Limpá” e depois não diga que a pessoa teve “Clarificação de Palavras”. Os casos ficam todos baralhados porque a clarificação de palavras pode ser feita por cima de rudimentos fora, ou mesmo listas fora ou out Int.

Uma folha de trabalho de Clarificação de Palavras tem que mostrar com verdade todas as palavras flutuadas.

ETIQUETA VERMELHA

Quando um Pc teve Clarificação de Palavras ao *e-metro* sem F/N ou até com um TA alto ou baixo, TODO O FOLDER DEVE LEVAR ETIQUETA VERMELHA.

As folhas de trabalho de Clarificação de Palavras têm que ir para os folders do Pc, tal como busca de porquês, assists de toque e outras ações de audição.

Um Pc com etiqueta vermelha devido a Clarificação de Palavras tem que ser reparado nas 24 horas seguintes conforme o caso de qualquer outra etiqueta vermelha.

Casos atolados foram dar a erros de Clarificação de Palavras. A reparação destes pô-los-á de novo a andar.



L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE JUNHO DE 1971R

Emissão II

(Rev. 9 Ago. 71) (rev. 11 Mai. 72)

Clarificação de Palavras Série 8 RB

(Cancela o HCOB 30 JUN. 71 emissão II,8R e 8RR)

C/S STANDARD PARA CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM SESSÃO MÉTODO I

0. *Clarifique as palavras da lista de correção de clarificação de palavras para que esteja pronta a usar em caso de atolar.*

1. Limpe um rud se não der F/N. Se o TA estiver *alto* ou *baixo* não tente flutuar uma quebra de ARC. Em vez disso faça uma C/S 53RB. (Ver os direitos do auditor C/S séries 1 se ocorrer alguma complicação com este pc. Se houve erros em sessões de clarificação de palavras anteriores, use o HCOB 21 JUL. 71 revisto para manejar as necessárias correções de clarificação de palavras).

2. *Não clarifique estas palavras antes do Assessment.*

Fator R: “Vamos verificar uma lista de assuntos para ver se existe alguma palavra que não comprehendeste quando estudaste estes assuntos.”

(Fazer o assessment de toda a lista rápida e claramente, com bom TR1 e anotando qualquer leitura do e-metro.

Religião	-----	A mente	-----
Sacerdotes	-----	O espírito	-----
Igreja	-----	Corpos	-----
Colégio	-----	Sexo	-----
Escolas	-----	O insano	-----
Sacrifícios	-----	Psiquiatria	-----
Cirurgia	-----	Psicanálise	-----
Medicina	-----	Psicologia	-----
Eletrónica	-----	Rituais	-----
Física	-----	Ritos	-----
Assuntos técnicos	-----	Navios	-----
Dianética	-----	O mar	-----
Cientologia	-----	Militar	-----
Teologia	-----	Exércitos	-----
Teosofia	-----	Armadas	-----
Filosofia	-----	Estrelas	-----



Lei	Corpos celestes	-----
Organização	O universo	-----
Governo	Aviões	-----
Materiais escritos	Veículos	-----
Livros de texto	Maquinaria	-----
Prática	Motores	-----
Ciência	Administração	-----
Música	Cura	-----
Aritmética	Doença	-----
Gramática	Palavras faladas	-----
Humanística	FITAS	-----

Adicione itens que têm a ver com a vida deste pc.

3. Faça a pergunta: "Existe nesta lista alguma palavra que não comprehendeste?"

Clarifique-a. *Depois faça o passo 5 nela antes de continuar.* (Não volte a fazer o assessment *desta lista* por ter havido uma palavra mal entendida na própria lista)

4. Apanhe os itens reagentes *restantes* do com maior leitura para o de menor e, com E/S, leve cada um deles até F/N. *Leve cada palavra encontrada até F/N. Podem ocorrer muitas F/Ns por assunto. Termine com uma vitória no assunto.*

5. "No assunto de ----- que palavra foi mal comprehendida?"

Ele TEM DE ir vê-las ao dicionário, por isso temos que ter um bom dicionário à mão. Não aceite "eu sei o significado" se o assunto ou palavra ler. *CLARIFIQUE "GRAMÁTICA" ou palavras gramaticais num livro de gramática simples e não num dicionário.*

Não foi numa altura anterior que ele não comprehendeu *essa* palavra. **É uma palavra anterior nesse assunto e pode ser num assunto anterior.**

Considerações sobre isto e outras questões não são abordadas.

Overts, W/Hs, etc. são *negligenciados*. Eles não são tratados no assunto da palavra. Eles são tratados nos ruds da sessão.

Faça só o processo e ele por fim dará F/N em cada cadeia.

6. Uma vez manejadas até F/N todas as leituras do primeiro assessment, volte a fazer o ASSESSMENT de toda a lista. Não retire os itens já manejados da lista.

7. Repita o passo 4.

8. Repita o passo 5.

9. Repita o passo 6, etc.



10. EM CASO DE ATOLAR OU SOMÁTICO USE A LISTA DE CORREÇÃO DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS PARA O CORRIGIR.

11. Uma F/N persistente deve ser conseguida ao fazer a verificação da lista toda, como fenómeno final das sessões de clarificação de palavras.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR

LRH:nt.bh



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 2 DE JANEIRO DE 1972

Séries de aclaramento de palavras 30

WC1 ESTÁ PRIMEIRO

Não tente clarificar palavras M2 em materiais sem que antes a pessoa tenha tido um WCM1.

A experiência prática mostra que fazer WC2 sem WC1 reestimula carga anterior em palavras que foram mal compreendidas no passado.

Quando uma pessoa não teve WCM1 e tenta WCM2 nos materiais, o estudante (devido a carga anterior nas palavras) pode ir muito devagar e ficar muito maldisposto.

Usar o M3 (voltar atrás à procura da palavra mal compreendida) está bem, e usar o vulgar "ir ver e não passar uma palavra mal compreendida" também está bem.

O EP DO MÉTODO 2

O EP (o que acontece no fim) do WCM2 é uma F/N contínua nos materiais.

Quando uma pessoa tem uma F/N constante nos materiais sobre os quais está a ser feito WCM2, é altura de terminar. O EP foi alcançado.

Quando o clarificador de palavras força o estudante a continuar para além disso, as leituras obtidas são com frequência falsas ou de protesto.

As leituras falsas provêm de cognições (descobertas) sobre o material. As leituras de protesto provêm justamente de total aborrecimento por ter que continuar.

Quando o EP do M2 é alcançado num conjunto específico de materiais, é então permitido ao estudante continuar sozinho, a ir ver palavras que não conhece ou a voltar atrás à procura de uma que tenha escapado.

Uma pessoa que entra num assunto novo ou num novo ramo dum assunto, deve ter WC2 nesse assunto. Uma pessoa que começa um nível mais elevado dum assunto deve ter WC2 nesse nível.

Se a partir daí se atolar ou não puder compreender ou aplicar, ou passar no exame sobre o assunto, pode ser feita uma lista de correção de clarificação de palavras nesse assunto.

Este EP só é válido se a pessoa teve WCM1 antes que o WCM2 tivesse lugar.

O EP do M2 pode ser muitas vezes repetido em assuntos ou ramos desses assuntos.

L. Ron HUBBARD
FUNDADOR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 7 DE SETEMBRO DE 1974
(Adaptado da DE 178 INT de LRH de 30 Maio 72)

Clarificação de palavras Série 54

SUPER LETRADO E A PALAVRA CLARIFICADA

SUPER- Superioridade em dimensão, qualidade, número ou grau.

LETRADO- Aquele que tem a capacidade de ler e escrever.

Quase toda a gente hoje em dia sabe ler e escrever. Isto não era verdade há um século atrás, mas, com a moderna evidência dada à instrução, é hoje verdade.

Mas será agora isto suficiente?

Este mundo é um mundo de livros de instruções. A civilização em que vivemos é altamente técnica.

A educação vai hoje até aos vinte e tal anos.

É um terço da vida de uma pessoa.

E o que é que acontece quando ela sai da escola?

Pode *aplicar* o que estudou?

Ela *tem* toda a sua educação ou deixou-a para trás?

Ser letrado não chega.

As escolas e o mundo de hoje requerem uma nova capacidade: a capacidade para olhar para uma página sem qualquer tensão, absorver o que ela diz e aplicá-lo logo sem qualquer esforço.

E isso é possível?

Estou a falar de leitura rápida?

Não. Isto não é senão ser capaz de ler rapidamente. Isto não melhora o *conforto* da leitura nem a capacidade de aplicar.

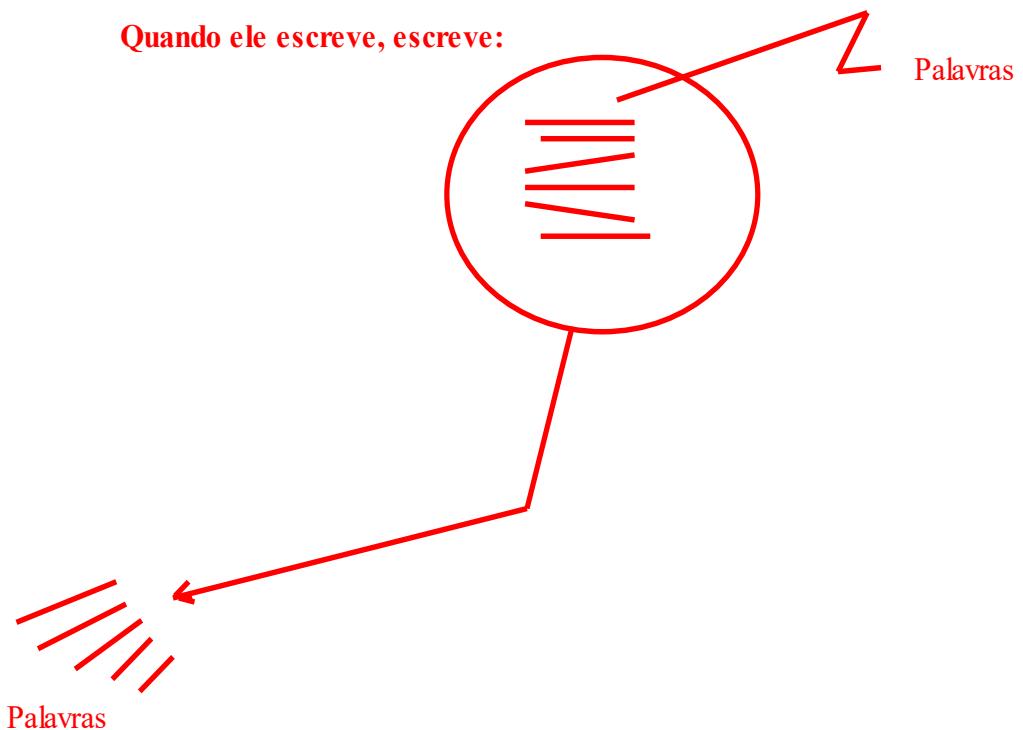
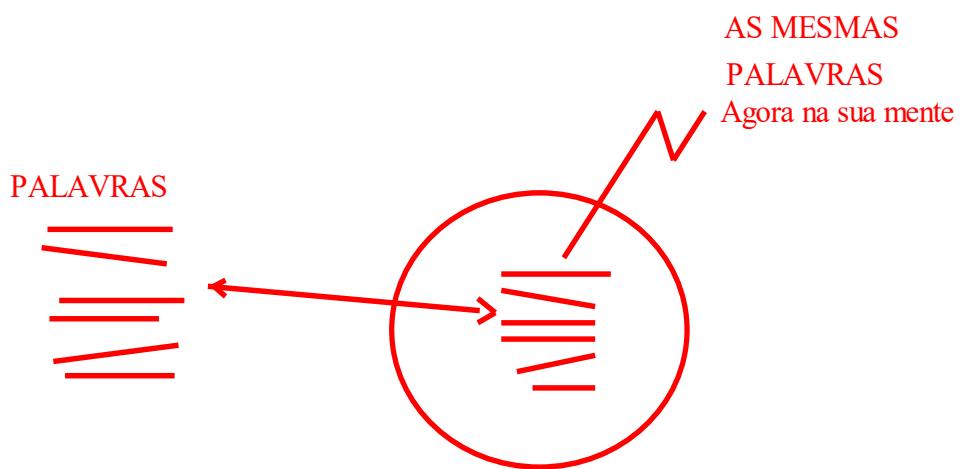
O que é realmente preciso é a capacidade de CONFORTÁVEL e RAPIDAMENTE tirar dados de uma página e ser logo capaz de APLICÁ-LOS.

Qualquer pessoa que fosse capaz de fazer isto seria um SUPER LETRADO.

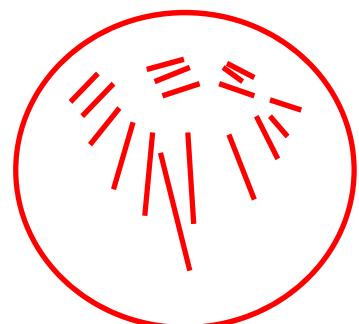
O que é que se passa?

A pessoa medianamente letrada é capaz de ler palavras e gravá-las mentalmente.

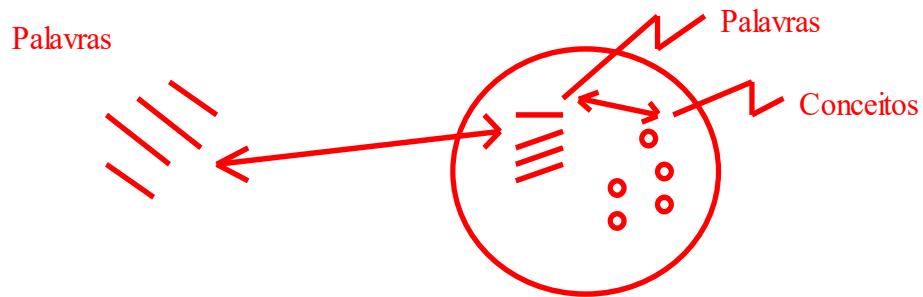
Assim:



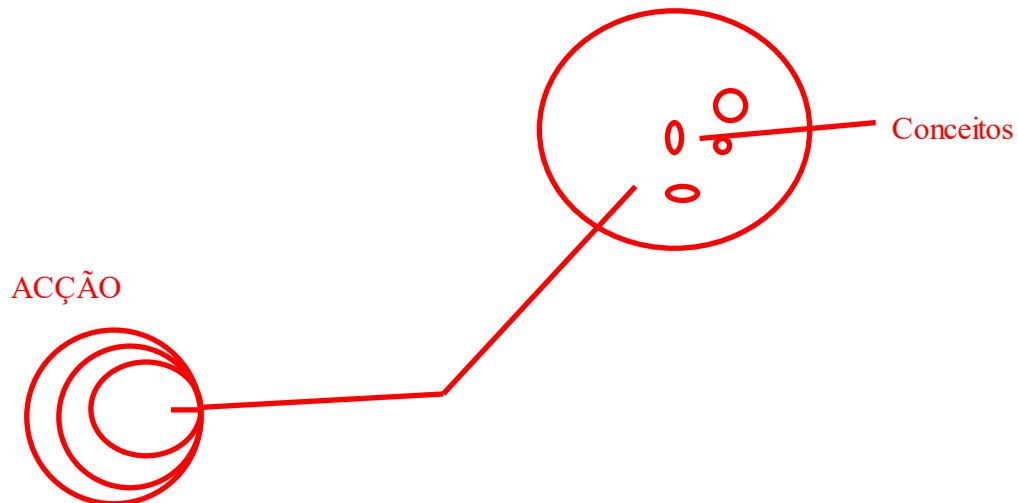
Na sua mente as palavras são "compreendidas"
como outras palavras, assim:



Quando uma pessoa é super letrada, isto é o que acontece:



Por isso, como ele está a lidar com conceitos, (ideias ou compreensões) pode acontecer isto:



E ele pensa em conceitos aos quais pode aplicar palavras facilmente podendo assim escrever claramente.

Por outras palavras, quando uma pessoa é super letrada, não lê palavras, mas sim compreensões, podendo assim agir.

CONCEITOS

A ideia de apreender o significado das palavras conceptualmente é algo novo no campo da linguística. Os intermináveis círculos semânticos de Korzibski e companhia (ver séries 1 de dados "A anatomia do pensamento") nunca realmente conduziu à descoberta de que a palavra e os seus significados estão incorporados no *conceito* básico ou *ideia* simbolizada por essa palavra.

Essa conceptualização dos significados é estranha aos dicionaristas e "peritos", o que é evidenciado pelo facto de as definições estarem tão sujeitas a alterar-se e mudar com o passar do tempo.

Por exemplo, definições modernas da palavra "compreender" são consideradas largamente inadequadas. Uma definição realmente completa e significativa da mesma, só pode ser encontrada numa primeira edição do *Webster's Dictionary of Synonyms*, 1942.

"Compreender": Ter uma ideia ou conceito claro e verdadeiro, ou um conhecimento completo e exato de alguma coisa. Em geral pode dizer-se que *compreender* se refere ao resultado de um processo ou processos mentais (uma ideia ou noção exata e clara ou um conhecimento total). *Compreender* implica o poder de receber e registrar uma impressão clara e verdadeira."



PALAVRAS CLARIFICADAS

A operar numa sociedade imersa em palavras mal compreendidas e mal definidas, a tech de estudo está sujeita a arbitrariedades. Por isso uma **PALAVRA DEFINIDA** é definida como se segue:

UMA PALAVRA QUE FOI CLARIFICADA ATÉ UMA COMPREENSÃO TOTALMENTE CONCEPTUAL

Em clarificação de palavras ao e-metro isto traduz-se em:

F/N VGIs

Existem muitas maneiras e combinações para atingir este EP. Aplicando a palavra em frases até que o significado seja apreendido conceptualmente é a mais comum. Podem ser aplicados diagramas, demos, plasticina, de facto a totalidade do corpo da técnica de estudo e seus métodos.

Estes são utensílios vitais. Protejamo-los e **MANTENHAMOS A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR.**

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



SECÇÃO SEIS: - CO AUDIÇÃO DE MÉTODO UM

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE OUTUBRO DE 1975

DÚVIDAS TÉCNICAS

Ao longo dos anos temos tido uma grande experiência com “Dúvidas Técnicas”.

Muitos novos instruendos para Auditores chegaram a Flag. Uma certa percentagem destes estava muito contente por lá estar, porque agora as suas “Dúvidas Técnicas” podiam ser “respondidas”. Assim as minhas linhas trariam as suas Dúvidas e, claro, seguir-se-ia uma investigação para descobrir por que razão as Orgs classe IV ou VII teriam Dúvidas Técnicas.

DESCOBRIU-SE EM TODOS OS CASOS QUE A PESSOA COM DÚVIDAS TÉCNICAS TINHA PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS OU NUNCA TINHA LIDO OS MATERIAIS OU OUVIDO AS FITAS REQUERIDAS.

As palavras mal-entendidas eram coisas como “Cientologia”, “Auditor”, “HCO” “TA”, coisas que a pessoa encontrava continuamente no seu trabalho.

CADA uma destas “Dúvidas Técnicas” já estava completamente coberta nos materiais, mas a pessoa nunca se tinha dado ao trabalho de limpar os seus MUs, ou, de vez em quando, ler os materiais básicos disponíveis.

Descobriu-se além disso SER ABSOLUTAMENTE FATAL TENTAR RESPONDER OU EXPLICAR ESTAS DÚVIDAS. A explicação só mergulhava nas palavras mal-entendidas, ou na falta de estudo, e a pessoa só colocaria mais Dúvidas desconcertantes.

Assim, tornou-se regra muito firme nas minhas linhas que, sempre que fossem colocadas Dúvidas Técnicas, a pessoa era logo devidamente verificada ao e-metro para localizar as palavras mal-entendidas, e defini-las, ou o falso relatório segundo o qual ela estudou os materiais.

Quando as “Dúvidas Técnicas” foram manejadas desta maneira, e SÓ quando manejadas desta maneira, o resultado foi F/N VVVVVGI. Qualquer explicação só trouxe BIs.

Por isso a regra é muito, muito firme:

RESPONDER SEMPRE A DÚVIDAS DE ORDEM TÉCNICA REFERINDO SEMPRE OS MATERIAIS, E COM UMA ORDEM DE CRAMMING PARA ENCONTRAR AS PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS.

Auditor que não é manejado desta maneira continuará a falhar.



Para além disto, explicações VERBAIS da tech ou cartas explicando coisas, introduzem uma linha de dados falsos na cena e conduzem a tech mais para fora. Tais ações criam uma cena esquilo. Assim:

NUNCA EXPLICAMOS VERBALMENTE OU EM PAPEL COMO RESPOSTA A DÚVIDAS TÉCNICAS. Referimos apenas os materiais e emitimos ordens de Cramming para descobrir os MUs ou materiais não estudados.

Provavelmente a razão por que o treino de Auditores de Flag, e Auditores que estiveram a trabalhar nas minhas linhas de C/S, produzem resultados tão fenomenais, é que as duas regras acima estão em vigor a fundo sempre que estou a trabalhar.

E é verdade que os melhores Auditores do mundo foram feitos aplicando estas regras.

E agora que temos o Dicionário Técnico é especialmente fácil.

Por isso, NÃO assassine um Auditor ou Estudante, explicando as Dúvidas Técnicas. Aplique estas regras e faça-as surgir através dos materiais originais.

Fazer qualquer outra coisa é um tremendo desserviço.

Estas são as regras para manter a tech dentro.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 9 DE FEVEREIRO DE 1979R

Emissão II

Rev. 23 Ago. 84

*(Rev. para incorporar um
refinamento recente da lista)*

(Também emitida como HCOB 9 Fev. 79R, mesmo título)

KSW Série 23R

COMO DERROTAR A TECH VERBAL

LISTA

1. Se não está escrito não é verdade.
2. Se está escrito leia-a.
3. *A pessoa que a escreveu tinha autoridade ou saber para a ordenar?*
4. Se não a pode compreender, clarifique-a.
5. Se não a pode clarificar, clarifique os mal-entendidos.
6. Se os mal-entendidos não clarificam, ponha-a em causa.
7. *O original terá sido alterado?*
8. Valide-a como ordem correta, nos seus canais e na política.
9. **SE NÃO PODE SER FEITO CONFORME ACIMA É FALSA! CANCELA-A e use o HCOB 7 Ago. 79, EXTIRPAÇÃO DE DADOS FALSOS, conforme necessário.**
10. Só se se mantiver neste nível você força os outros a lê-la e a segui-la.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 15 DE FEVEREIRO DE 1979

REEMITIDA 12 ABRIL 1983

Remimeo

Tech

Qual

HCO

(Reemitida como parte da Série sobre Manter a Cientologia a Funcionar)

(Também emitida como HCOB 15 Fev. 79, Mesmo título)

KSW Série 24

TECH VERBAL: PENALIDADES

(Ref.: HCOB/PL 9 Fev. 79R COMO DERROTAR A TECH VERBAL, LISTA)

QUALQUER PESSOA QUE SEJA DESCOBERTA A USAR TECH VERBAL SERÁ SUJEITA A UM JUÍZO DE ÉTICA.

AS ACUSAÇÕES SÃO: DAR DADOS CONTRÁRIOS A BOLETINS OU CARTAS POLÍTICAS DO HCO OU OBSTRUÍR O SEU USO OU APLICAÇÃO, CORROMPER A SUA INTENÇÃO, ALTERAR O SEU CONTEÚDO DE QUALQUER FORMA, INTERPRETÁ-LOS VERBALMENTE OU DE OUTRA FORMA PARA OUTREM, OU FINGIR CITÁ-LOS SEM MOSTRAR A VERDADEIRA EMISSÃO.

QUALQUER DESTAS CATEGORIAS CONSTITUI TECH VERBAL E É ACIONÁVEL COMO DESCrito ACIMA.

**L. RON HUBBARD
FUNDADOR**



**GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965**

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO *VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.*

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FREnte.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (afeição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, *pode* entregar o prometido.

A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".



Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado *se a tecnologia for aplicada*.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:

Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daí que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles **só** têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma *ânsia de concordância* da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dezativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado!*

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarronices, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.

Estou a lembrar-me dum estudante que estava a "*esquilar*" (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os

estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A esquilagem só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdeT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de dilettantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaixone-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui, portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".



Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescemos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* cresçamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infundáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE FEVEREIRO DE 1965

(Reemit. 7 Jun. 67, com a palavra
“instrutor” substituída por “supervisor”)

KSW Série 4

SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA

Há já alguns anos que temos a palavra “esquilar”. Ela significa alterar a Cientologia, práticas irregulares. Trata-se de uma coisa má. Eu encontrei maneira de explicar o porquê.

A Cientologia é um *sistema funcional*. Isto não significa que seja o melhor sistema possível ou um sistema perfeito. Lembremos e usemos aquela definição. A Cientologia é um *sistema funcional*.

Em cinquenta mil anos de história, só deste planeta, o Homem nunca desenvolveu um sistema funcional. É duvidoso que num futuro previsível ele venha alguma vez a desenvolver outro.

O Homem está aprisionado num gigantesco e complexo labirinto. Para sair dele é preciso que siga cuidadosamente o caminho aberto da Cientologia.

A Cientologia tirá-lo-á para fora do labirinto, mas só se ele seguir as pisadas exatas dos túneis.

Levei um terço de século nesta vida para traçar a rota de saída.

Está provado que os esforços feitos pelo Homem para encontrar esta rota, não deram em nada.

Também é um facto evidente que a rota chamada Cientologia conduz *realmente* ao exterior do labirinto. Por isso é um sistema funcional, uma rota que pode ser seguida.

O que é que poderíamos pensar dum guia que, porque o seu grupo disse que estava escuro, o caminho era mau e que outro túnel tinha melhor aspeto, abandonou a rota que ele sabia conduzir ao exterior e o levou para um perido ermo no escuro? Pensaríamos que ele era um banana dum guia.

O que é que poderíamos pensar de um supervisor que deixasse um estudante abandonar o procedimento que ele sabia funcionar? Pensaríamos que ele era um banana dum supervisor.

O que é que aconteceria num labirinto se um guia deixasse uma moça parar num belo desfiladeiro e a abandonasse ali para sempre a contemplar as rochas? Pensaríamos que ele



era um guia sem coração. Pelo menos esperávamos que ele dissesse: “menina, essas rochas podem ser muito bonitas, mas o caminho não é por aí”.

Bom, então e se um auditor abandonar o procedimento que acabaria por fazer Clear o seu Pc só porque este teve uma cognição?

As pessoas têm seguido a rota confundindo-a com “o direito a ter as suas próprias ideias”. Toda a gente tem certamente o direito a ter as suas próprias opiniões, e ideias e cognições desde que estas não barrem a saída a si próprio e aos outros.

A Cientologia é um sistema funcional. Ela indica a saída do labirinto com setas. Se não existissem estas setas a indicar os túneis corretos, o Homem continuaria a andar às voltas como o fez durante milénios, precipitando-se para caminhos incorretos, andando em círculos, acabando preso na escuridão e só.

A Cientologia, exata e corretamente seguida, tira a pessoa do caos.

Portanto, quando vemos alguém que se diverte a mandar toda a gente tomar peiote porque restimula pré-natais, sabemos que ele está a pôr pessoas fora da rota. Reparem que ele está a esquilar. Ele não está a seguir a rota.

A Cientologia é uma coisa nova; é a saída para o exterior. Nunca existiu outra. Nem toda a arte de vender deste mundo pode mudar uma rota má para uma rota correta. E estão a ser vendidas uma quantidade enorme de rotas más. O seu produto final é mais escravatura, mais escuridão, mais miséria.

A Cientologia é o único sistema funcional que o Homem possui. Ela já levou pessoas para um Q.I. mais alto, melhores vidas e tudo mais. Nenhum outro sistema o fez. Veja que por isso não tem concorrentes.

A Cientologia é um sistema funcional. Tem a rota traçada. A investigação está feita. Agora a rota só precisa ser seguida.

Por isso temos que pôr os pés dos estudantes e preclaros nessa rota. Não os podemos deixar fora dela, não importa quão fascinantes para eles sejam as rotas laterais. E temos que os mover para cima e para fora.

Esquilar é hoje algo destrutivo de um sistema funcional.

Não deixemos a nossa gente cair. Seja por que meios forem, há que mantê-los na rota. E eles serão livres. Se não o fizermos nós, eles não o farão.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.

6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 25 de SETEMBRO DE 1979RB

Emissão II

Rev. 1 de Jul. 1985

(Também emitido como HCOB,
mesma data e título).

Remimeo

Tech/Qual

Todos os Registadores

Supervisores de curso

C/Ses

Ds de P

Série 34 de Clarificação de Palavras

MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Esta PI MODIFICA qualquer emissão ou folha de controle que declare que o Método Um de Clarificação de Palavras é obrigatório para o treino da Academia ou cursos de Admin.

Refs:

HCOB 30 junho 71 RC II C/S STANDARD PARA O MÉTODO UM DE
Rev.. 3.3.89 CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS EM SESSÃO
HCOB 12 Nov. 81RC CARTA de GRAUS ALINHADA A PARA OS GRAUS
Rev.. 1.7.85 INFERIORES Clarificação De Palavras Série 8RC
HCOB 23 Dec. 71RA A ÁREA de NÃO-INTERFERÊNCIA CLARIFICADA E
Rev.1.7.85 REPOSTA C/S de Solo Série de 10RA C/S Série 73RA
HCOB 23 Ago. 71 DIREITOS DOS AUDITORES Série de C/S 1
HCOB 13 Ago. 72RA TREINO de FLUXO RÁPIDO
Rev.. 30.8.83

O Método Um de Clarificação De Palavras é a ação empreendida para limpar todos os mal-entendidos em todos os assuntos que a pessoa estudou. É feito no e-metro em sessão com um auditor de Clarificação de Palavras.

Quando corretamente feito e completado o resultado do Método Um de Clarificação de Palavras constitui a RECUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO DA PESSOA.

Aquele fator pode em si mesmo significar um tremendo ganho para a pessoa. O dividendo adicional é que, com mal-entendidos em assuntos anteriores agora limpos, o caminho está claro para o estudante obter o máximo do seu presente curso ou atividade. Ele pode agora estudar e apreender os materiais de qualquer assunto mais facilmente, uma vez que já não será travado por tropeços em mal-entendidos anteriores.

MÉTODO UM, UMA EXIGÊNCIA PARA ACADEMIA E TREINO de OEC

O Método UM foi durante anos uma exigência para todos os que faziam treino da Academia ou o OEC, e muito bem; foi decisivamente provado que os que tinham feito o M1 antes de embarcarem nos níveis maiores de treino, atravessavam as folhas de controle mais depressa e tinham uma melhor apreensão do que estudavam, resultando em auditores e administradores muito mais competentes.

Era esperado que, se por alguma razão de caso o estudante não pudesse ser programado para receber o M1 nesse momento, ainda lhe seria permitido estudar, mas precisaria de exames estrela em todos os materiais estrela da folha de controle, até obter o M1.

Contudo, a PL de 25 Set. 79 foi emitida por outro que introduziu uma arbitrariedade na linha segundo a qual se um estudante não pudesse obter o M1 não poderia obter mais NENHUM treino da Academia. Tal regra está completamente contra a política básica sobre treinar. A PL de 25 Set. 79 II e também a sua revisão de 3 Out. 80, ambas são por este meio CANCELADAS e substituídas por estes HCOB/PL.

O MÉTODO UM CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS É DEFINITIVAMENTE UM REQUISITO PARA QUALQUER TREINO DE ACADEMIA OU de OEC/FEBC. (E "o treino da Academia", inclui Os Níveis de 0-IV, NED e qualquer alto-nível de treino de auditor, de Supervisor de Curso, C/S, Clarificador de Palavras ou treino de Oficial de Cramming).

MAS, SE O ESTUDANTE NÃO TEM C/S OK PARA RECEBER O MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS, NÃO LHE SERÁ SUSPENSO OU NEGADO O TREINO DA ACADEMIA OU DE OEC.

É PERMITIDO AO ESTUDANTE FAZER ESTES CURSOS. CONTUDO, ELE TEM QUE TER EXAMES ESTRELA EM TODOS OS MATERIAIS ESTRELA DA FOLHA DE CONTROLE E, ALÉM DISSO, TEM QUE PASSAR NUM EXAME NA DIVISÃO DE QUAL ANTES DE LHE SER PERMITIDO FORMAR-SE NO CURSO.

MÉTODO UM, UMA EXIGÊNCIA PARA TREINO DE FLUXO RÁPIDO

Um estudante de fluxo rápido é aquele que pode atestar itens de teoria e prática no curso quando cobriu completamente os materiais e os pode aplicar. Não há exame. Isto aplica-se a qualquer folha de controlo do curso e a qualquer treino.

Para qualificar como estudante de fluxo rápido, a pessoa deve ter completado o Curso de Chapéu de Estudante e o Método Um de Clarificação de Palavras. (A conclusão do RD Primário também qualifica um estudante como fluxo rápido).

É PRECISO O MÉTODO UM DE Clarificação de Palavras E O CURSO de ESTUDANTE para QUALIFICAR UM ESTUDANTE COMO FLUXO RÁPIDO.

Os estudantes que ainda não são de fluxo rápido podem matricular-se na Academia e outros cursos. Eles estudam os materiais dos cursos usando toda a tech de estudo e de clarificação de palavras, tal como os estudantes de fluxo rápido, mas além disso, têm que ter exames estrela em todos os materiais estrela, e têm que passar num exame do curso antes da graduação.

QUANDO O MÉTODO UM PODE SER FEITO

O Método UM pode ser feito em qualquer ponto da Carta de Graus, exceto na Área de Não Interferência (a zona entre o início do Novo OT I e a conclusão OTIII para os que ficaram Clear em NED, ou desde o início da R6EW até à conclusão de OTIII, para os que não ficaram Clear em NED). Isso pode ser feito depois de OTIII ou de qualquer nível mais alto de OT. Por isso, com exceção da Área de Não Interferência, pode ser feito em Preclaros, Clears e OTs. (Ref: HCOB 23 Dez. 71RA. C/S Solo Séries 10RA, C/S Séries 73RA. A ÁREA DE NÃO INTERFERÊNCIA CLARIFICADA E REPOSTA).



Está claro que não seria feito no meio de outra ação (incompleta) de audição. (Ref: HCOB 28 Set. 82, C/S Série 115, MISTURA DE RDs E REPARAÇÕES)

Idealmente a pessoa deveria obter o Método Um cedo na sua audição, antes de prosseguir para NED, quer ela tome a rota do treino (co auditando a Ponte) quer a rota de Pc. O M1 não é só valioso para os que pretendem ser auditores profissionais. Será vantajoso no treino de Auditor Solo, nos cursos de OT e por aí acima.

PREPARAÇÃO DO CASO

Como o Método UM é uma ação principal de caso, o caso deve ser preparado com uma F/N antes da ação ter começado, mas muitas vezes isto não requer um programa longo. Usualmente basta voar os rudimentos. (Refs: HCOB 23 Ago. 71, C/S Série 1, DIREITOS DO AUDITOR, e HCOB 30 Jun. 71RC II, Clarificação de Palavras Série 8RC. C/S STANDARD PARA CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS MÉTODO UM EM SESSÃO).

Alguns casos que tomaram drogas pesadas podem não ser capazes de atravessar o Método Um ou outra Clarificação de Palavras até as drogas serem manejadas. O manejo é então atravessar primeiro o RD de Purificação, Objetivos e em alguns casos um RD de Drogas. [Refs: HCOB 12 Nov. 81RC, CARTA de GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS MAIS BAIXOS, e HCOB 4 Abr. 72R 1I, RD PRIMÁRIO (REVISTO)].

COMO OBTER O MÉTODO UM

O Método Um Clarificação de Palavras pode obter-se como Pc público no HGC em qualquer org, e também está disponível em missões.

O M1 Pode SER recebido como audição de estudante por outro estudante, ou matriculando-se no Curso de Co-audição Método Um numa Org, co auditando o M1.

O Método UM pode dar um aumento notável da capacidade de estudar. É um RD VITAL para todos os estudantes e preclaros.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex
HCOB 13 DE AGOSTO DE 1972R
CORRIGIDO E REEDITADO 15 AGO. 1972
Correção Neste estilo de letra

Remimeo
BPI
Todos os Estudantes
Tech Dep
Qual
“O Auditor”
REGISTADORES

TREINO de FLUXO RÁPIDO

Referências: LRH ED 178 INT de 30 Maio 72	SUPER-ALFABETIZAÇÃO
HCOB 4 de Abril 72 Rev. 30 Maio 72	RD PRIMÁRIO REVISTO
HCOB 30 Mar. 72 Rev. 30 maio 72	RD de CORREÇÃO PRIMÁRIO
HCOB 20 Jul. 72 Emissão I	MANEJO de PCRD
HCO B 15 Jul. 71 Emissão III	C/S Série 48R MANEJO de DROGA
HCO B 25 Out. 71 Emissão II (ou como revisto) O RD ESPECIAL DE DROGA	

Para que não haja QUALQUER pergunta sobre o que é entendido por TREINO DE FLUXO RÁPIDO:

QUALQUER ESTUDANTE QUE HONESTAMENTE COMPLETA O RD PRIMÁRIO OU RD DE CORREÇÃO PRIMÁRIO, É DEPOIS DESIGNADO POR “ESTUDANTE de FLUXO RÁPIDO”.

O Estudante de Fluxo Rápido passa cursos por atestação em Certs e Prémios como efeito de (a) se ter matriculado devidamente no curso, (b) ter pago o curso, (c) ter estudado e entendido os materiais, (d) ter feito os exercícios, (e) poder produzir o resultado requerido nos materiais.

Ao estudante é atribuído um CERTIFICADO PROVISÓRIO. Este é semelhante a qualquer outro certificado, mas não é selado a ouro e tem claramente escrita a palavra Provisório.

No caso de um Auditor é exigido um estágio ou experiência formal de audição. Quando é apresentada a C&A prova honesta verdadeira de que demonstrou poder produzir resultados infalíveis, o Certificado dele é VALIDADO com um selo de ouro e é um certificado permanente.

Em Cursos Administrativos ou de qualquer tipo que não têm a ver com audição, é seguido o mesmo procedimento e é emitido um CERTIFICADO PROVISÓRIO por C&A.

A pessoa tem que demonstrar agora que pode aplicar os materiais que estudou produzindo uma estatística honesta verdadeira dos materiais estudados. Ele apresenta esta evidência a C&A e recebe um selo de ouro de VALIDAÇÃO do seu Certificado.

Certificados provisórios EXPIRAM depois de um ano, se não Validados.



O Estudante de Fluxo Rápido estuda dentro do seu conhecimento da tech de estudo. Ele é assistido por Supervisores.

Pode ser-lhe feita qualquer necessária ação de Clarificação de Palavras. Ele pode ser mandado para Qual e Cramming. Ele pode ter exames estrela e ter que fazer a demonstração em massa para o Supervisor.

Não tem contudo que ter um parceiro *na teoria*, não faz automaticamente exames estrela de itens estrela nem tem que fazer exame.

O Sistema de Fluxo Rápido leva a treino muito rápido. Este tornou-se possível devido ao desenvolvimento do RD Primário e do RD Primário de Correção.

PRÉ-REQUISITOS

RD de Correção Primário ou RD Primário é requerido para os Níveis 0-IV ou acima, e para o FEBC. Eles não são requeridos para HSDC ou os muitos outros cursos abaixo destes níveis.

NÃO PRDs

Aqueles estudantes de que não tiveram um RD Primário ou Rundown de Correção Primário têm que ter exames estrela, demonstrar em massa, emparceirar e passar pelos materiais tantas vezes quanto exigido, usando na totalidade o Função do Estudante.

É muito mais rápido fazer primeiro o PRD ou PCRD.

CASOS DE DROGAS

Quando um caso de droga não pode ser levado através do Método Um de Clarificação de Palavras devido ao caso, é habitual dar-lhe primeiro o RD de Drogas conforme o HCOB de 25 Out. 71 Emissão II, “O RD Especial de Drogas”.

A versão curta de co-audição está no HCOB 15 Jul. 71 Emissão III, C/S Série 48R.

Quando por qualquer razão a pessoa não pode obter o RD de Drogas ELA PODE SER INSCRITA NO CURSO DE DIANÉTICA, TORNAR-SE AUDITOR DE DIANÉTICA e obter o RD de Drogas por CO-AUDIÇÃO durante o Curso.

O Curso de Dianética nesta instância é feito com todos os requisitos do Chapéu do Estudante.

DESIGNAÇÃO

Deve ser dado ao ESTUDANTE de FLUXO RÁPIDO um galardão azul de lapela e usá-lo na aula. Deve dizer FFS em letras pretas.

Isto dá luz verde ao SUPER-LETRADO para uma rápida e eficaz conclusão de cursos.

L. RON HUBBARD

Fundador